



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

**DESFAZENDO O ESTEREÓTIPO DE BRUXA E ROMPENDO O SILÊNCIO
FEMININO ATRAVÉS DO TEXTO LITERÁRIO**

BEATRIZ MOREIRA MEDEIROS

CAMPINA GRANDE – PB

2023

BEATRIZ MOREIRA MEDEIROS

**DESFAZENDO O ESTEREÓTIPO DE BRUXA E ROMPENDO O SILÊNCIO
FEMININO ATRAVÉS DO TEXTO LITERÁRIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz

CAMPINA GRANDE – PB

2023

M488d

Medeiros, Beatriz Moreira.

Desfazendo o estereótipo de bruxa e rompendo o silêncio feminino através do texto literário / Beatriz Moreira Medeiros. – Campina Grande, 2023.

143 f.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz".

Referências.

1. Feminismo Decolonial. 2. História das Mulheres. 3. Formação de Leitores. 4. Bruxa – Estereótipo – Literatura. 5. Silenciamento Feminino – Rompimento – Literatura. I. Pinheiro-Mariz, Josilene. II. Título.

CDU 305-055.2(043)

BEATRIZ MOREIRA MEDEIROS

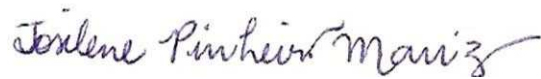
**DESFAZENDO O ESTEREÓTIPO DE BRUXA E ROMPENDO O
SILÊNCIO FEMININO ATRAVÉS DO TEXTO LITERÁRIO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz

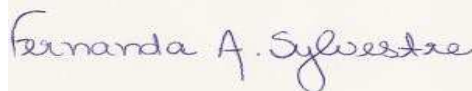
Aprovada em: 17/03/2023

BANCA EXAMINADORA:



Prof^a. Dr^a. Josilene Pinheiro-Mariz – PPGLE/UFCCG

(Orientadora)



Prof^a. Dr^a. Fernanda Aquino Sylvestre –
PPGLE/UFU



Prof^a. Dr^a. Maria Angélica de Oliveira – PPGLE/UFCCG

(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Isis Milreu –

PPGLE/UFCCG

(Suplente)

Dedico a Deus que me manteve e mantém diariamente!

É em memória do meu padrasto que partiu muito cedo deixando um imenso vazio, mas a certeza do quanto se orgulhava dos meus esforços e torcia pelas minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

O mestrado me trouxe de volta à vida acadêmica em um duro período de pandemia e vivenciar essa trajetória nesse momento foi desafiador. Alguns sonhos foram perdidos pelo caminho, a vida precisou de novos rumos e hoje, enquanto escrevo essas linhas, abro espaço em meu coração para a gratidão. Expresso minha sincera gratidão a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho e para minha jornada acadêmica como um todo.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado força e sabedoria para enfrentar todos os desafios ao longo do caminho. Sua orientação e amor inabalável me sustentaram em momentos de dificuldade, tristeza e incerteza. Agradeço também à minha mãe e ao meu irmão que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me e encorajando-me a continuar mesmo nos momentos mais difíceis. Obrigado por todo amor e compreensão em todas as vezes que fiquei ausente da nossa família.

Aos meus professores da graduação e da pós-graduação. À minha orientadora Josi, agradeço pela compreensão, orientações e ensinamentos compartilhados que foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação e também por ser uma inspiração enquanto profissional e ser humano. Agradeço também às professoras Maria Angélica e Fernanda Sylvestre pela leitura atenta e por todas as contribuições que me ajudaram imensamente para a escrita desse trabalho e por acompanharem desde o início.

Aos meus amigos, obrigado pelo companheirismo e pelos momentos de descontração, ainda que à distância me ajudaram a manter a sanidade durante os anos de pandemia. Vocês foram uma fonte de alegria e conforto para mim, em especial à Emily, Mariana, Regina e Alachermam, que a universidade me presenteou na graduação e nós ultrapassamos esses muros. À Polly, que agora lá no Canadá tanto vibra e acredita em mim! Ao meu amigão Abel por todas as vezes que me faz sorrir e por ser tão parceiro. Agradeço também aos meus colegas da turma de mestrado, em especial à Fátima e Jane, pois renovamos nossas forças diariamente, sendo suporte e confiando umas nas outras, buscando nosso lugar no mundo, vibrando por cada vitória e acreditando em nós mesmas.

Agradeço também à Capes pelo apoio nesse último ano. A educação ainda é uma ferramenta de transformação de vidas, por isso acredito tanto nela.

Agradeço também ao meu noivo por todo apoio e suporte em dias que achei que não daria conta, obrigada pelo encorajamento e por todas as vezes que me fez sorrir e me trouxe café com pão de queijo e afeto enquanto escrevia essa dissertação. Mesmo que lá do céu, acreditando em mim, agradeço ao meu padasto, que nunca pôde estudar e entrar em uma escola, mas movia o mundo para que eu pudesse estudar e contava até ao vento que eu sou formada. E se nesse espaço, se eu puder... agradeço à Lua, que chegou no final do ano, quando eu mais precisava e me mostrou que o amor tem quatro patinhas e não precisa falar, ela trouxe luz para minha vida, desarrumou minha casa, mas arrumou meu coração com sua alegria e seu olhar puro e sincero.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse concluir este trabalho, mesmo em meio a todas as adversidades que a pandemia nos trouxe. Agradeço pela paciência, compreensão e apoio durante todo o processo. Obrigada novamente a todos vocês por terem feito parte desta jornada.

Continuar no achismo apesar da desigualdade latente sendo mostrada é concordar com essa desigualdade. Negar a existência de fatos sociais e ridicularizar lutas históricas por equidade não é dar opinião, é compactuar com a violência.

Djamila Ribeiro

RESUMO

Entendendo a literatura como um espaço também de resistências, propomo-nos a pensar essa arte pelo viés sociológico, buscando compreender como ela pode ecoar pensamentos e difundir ideias. Assim, esta dissertação de mestrado resulta dos estudos a respeito da literatura como forma de ampliar conhecimentos e quebrar paradigmas e estereótipos em torno da representação da personagem bruxa. O *corpus* deste trabalho é constituído pelo romance histórico *Eu, Tituba, bruxa negra de Salem*, da autora guadalupense Maryse Condé e os contos: *A cartomante* e *Quem me deu foi a manhã*, dos brasileiros Machado de Assis e Marina Colasanti, respectivamente; também, passeamos pelo conto de fadas *João e Maria*, dos Irmãos Grimm. A escolha de diferentes autores se deu pela necessidade de identificarmos como essas personagens são descritas em literaturas diversas, tanto em época, quanto em estilo, ressaltando-se o olhar da autora em relação ao autor. Neste trabalho acadêmico, intentamos responder à seguinte questão de pesquisa: Como a personagem bruxa foi construída historicamente nas literaturas de culturas distintas e qual o seu reflexo na esfera social? Desse modo, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de se contribuir com a formação de leitores críticos e reflexivos, bem como colaborar com a constatação e a relevância de se estudar a construção da mulher bruxa na literatura de diferentes períodos. Nosso objetivo geral é, portanto, refletir sobre a construção social da personagem bruxa na literatura de períodos e culturas distintas; e, os específicos são: 1) Repensar caminhos que possam contribuir futuramente nas aulas de Literatura no ensino básico para a quebra dos estereótipos da figura feminina da bruxa; 2) Identificar qual é a representação da bruxa na Literatura, com o olhar voltado para os elementos históricos e sociais, analisando como essa personagem é caracterizada no romance *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*, bem como nos contos *A cartomante*, *Quem me deu foi a manhã* e em *João e Maria*; e por último, 3) Discutir acerca dos aspectos socioculturais que norteiam a história das mulheres. Nossas discussões são ancoradas em Cosson e Paulino (2009), que abordam o letramento literário, bem como a importância de buscá-lo na prática pedagógica, Lajolo (2018) e Colomer (2003), que nos trazem pontos relevantes sobre para a formação do leitor literário. Trazemos aspectos históricos a respeito da caça às bruxas e sobre a história da trajetória feminina ao longo dos anos, para isso tomamos como base as reflexões de Russel e Alexander (2019), Federici (2017) e Perrot (2017). Analisamos as personagens bruxas a partir de teorias feministas e, nesse sentido, nos baseamos na teoria crítica do feminismo decolonial e nas discussões propostas por Vergès (2020), Davis (2013), Ribeiro (2018), hooks (2020), dentre outras fontes. Ainda nos ancoramos nos fundamentos de Candido (1985), que nos apresenta contribuições pertinentes e precisas a respeito da relação entre a literatura e a sociedade. Os aspectos metodológicos deste trabalho inserem-se no paradigma de pesquisa qualitativa, com caráter interpretativista e documental, de acordo com Sousa Santos (2009).

Palavras-chave: Bruxa. Feminismo decolonial. Formação de leitores. História das mulheres. Literatura.

RÉSUMÉ

Comprenant la littérature en tant qu'espace de résistance, nous proposons de penser cet art dans une perspective sociologique, en cherchant à comprendre comment il peut faire écho aux réflexions et diffuser des idées. Ainsi, ce travail résulte d'études sur la littérature comme moyen d'élargir les connaissances et de briser les paradigmes et les stéréotypes autour de la représentation du personnage sorcière. Le *corpus* de cet ouvrage est constitué du roman historique *Eu, Tituba: bruxa negra de Salem*, de l'écrivaine guadeloupéenne Maryse Condé et des contes: *A cartomante* et *Quem me deu foi a manhã*, des brésiliens Machado de Assis et Marina Colasanti, respectivement; aussi, nous avons analysé le conte *João e Maria*, des frères Grimm. Le choix de différents auteurs était dû à la nécessité d'identifier comment ces personnages sont décrits dans différentes littératures, à la fois en matières de temps et de style, en mettant l'accent sur la perspective de *l'autrice* par rapport à l'auteur. Dans ce travail académique, nous cherchons à répondre à la question de recherche suivante: comment le personnage de la sorcière s'est-il construit historiquement dans la littérature de différentes cultures et qu'elle est son impact dans la sphère sociale? Alors, cette recherche se justifie par la nécessité de contribuer à la formation de lecteurs critiques et réflexifs, ainsi que de collaborer au constat et à la pertinence d'étudier la construction de la femme sorcière dans la littérature de différentes époques. Notre objectif général est donc de réfléchir sur la construction sociale du personnage sorcière dans la littérature de différentes époques et cultures; et les plus spécifiques sont : 1) Repenser les moyens qui peuvent contribuer à l'avenir à briser les stéréotypes de la figure féminine de la sorcière dans les cours de littérature de l'enseignement fondamental; 2) Identifier la représentation de la sorcière dans la littérature, en mettant l'accent sur les éléments historiques et sociaux, en analysant comment ce personnage est caractérisé dans le roman *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*, ainsi que dans les contes *A cartomante*, *Quem me deu foi a manhã* et dans *João e Maria*; et enfin, 3) Discuter des aspects socioculturels qui guident l'histoire des femmes. Nos discussions s'ancrent dans Cosson et Paulino (2009), qui traitent du lettrage littéraire, ainsi que de l'importance de le rechercher dans la pratique pédagogique, Lajolo (2018) et Colomer (2003), qui nous apportent des éléments pertinents pour la formation du lecteur littéraire. Nous apportons des aspects historiques sur la chasse aux sorcières et l'histoire de la trajectoire féminine au fil des années, pour cela nous prenons comme fondement les réflexions de Russel et Alexander (2019), Federici (2017) et Perrot (2017). Nous analysons les personnages sorcières à partir des théories féministes et, en ce sens, nous nous appuyons sur la théorie critique du féminisme décolonial et sur les discussions proposées par Vergès (2020), Davis (2013), Ribeiro (2018), Hooks (2020), parmi d'autres sources. Encore, nous ancrons sur Candido (1985), qui nous présente des contributions pertinentes et précises concernant les rapports entre littérature et sociétés. Les aspects méthodologiques de ce travail s'inscrivent dans le paradigme de la recherche qualitative, à caractère interprétatif et documentaire, selon Sousa Santos (2009).

Mots-clés: Sorcière. Féminisme décolonial. Formation des lecteurs. Histoire des femmes. Littérature.

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPGLE	Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino
FD	Feminismo Decolonial
LDB	Lei de diretrizes e bases da educação brasileira
SD	Sequência Didática

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 REFLEXÕES PARA ALÉM DO TEXTO: A LEITURA LITERÁRIA ROMPENDO O SILENCIAMENTO FEMININO	19
1.1 Concepções sobre o letramento literário e a formação do leitor do ensino básico: repensando as aulas de Literatura	20
1.2 Leitura literária: contexto e intertexto	27
1.3 Caminhos que se esbarram: História e Literatura e algumas reflexões sobre a metaficção historiográfica	29
1.4 Literatura e a História das mulheres	31
2 A HISTÓRIA DAS MULHERES SILENCIADAS PELA CHAMA DO PATRIARCADO	34
2.1 A construção do arquétipo de bruxa na literatura	36
2.2 Repressão, opressão e patriarcado: Enfrentando as leis para a sobrevivência 44	
2.2.1 O medo de bruxa: reflexões sobre a relação entre o capitalismo e a perseguição às mulheres.....	49
2.3 Resistência às chamas	54
3 BRUXAS NA LITERATURA: DESFAZENDO OS ESTEREÓTIPOS FEMININOS	60
3.1 Negra e escravizada: uma leitura da personagem Tituba	62
3.1.1 Tituba uma bruxa negra.....	71
3.1.2 A dominação patriarcal, a exploração do corpo negro feminino e a intensificação da solidão da mulher negra.....	78
3.3 A construção da representação social da cartomante	84
3.4 O arquétipo de bruxa em <i>Quem me deu foi a manhã</i>	92
3.5 Mulheres e bruxas: a representação feminina em <i>João e Maria</i>	99
3.5.1 Monstros e monstrosidades: questões sociais em <i>João e Maria</i>	105
4 PROPONDO PRÁTICAS FUTURAS	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE	135

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao pensarmos na escola enquanto uma importante instituição de expansão e divulgação de conhecimento, chegamos à compreensão de que nela existe a socialização de diferentes saberes que são adquiridos ao longo da formação dos aprendizes. Nesse sentido, pode-se dizer que temos um ambiente no qual os indivíduos descobrem capacidades cognitivas, gostos específicos em determinados grupos sociais (de música, de literatura, por exemplo) e, é sobretudo, o lugar no qual esses sujeitos se “redescobrem” enquanto leitores, críticos, reflexivos e preparados para aprender.

Assim, é na instituição escolar que se pode plantar a esperança de uma sociedade mais justa e democrática. Lancemos nosso olhar para a importância de levar o aprendiz a refletir e repensar diversos aspectos históricos por meio da leitura literária, pois ela é fundamental no processo de escolarização e da formação educacional, uma vez que a leitura ajuda a difundir diversos outros conhecimentos. Diante disso, reconhecemos o quanto é necessário um trabalho pedagógico voltado para o estímulo à leitura literária desde o início da trajetória escolar, sendo imprescindível que essa tarefa seja reformulada constantemente na prática e nas ações metodológicas do professor.

Recentemente, o direcionamento de pesquisas relacionadas à prática de leitura vem ganhando cada vez mais espaço em campos distintos das discussões contemporâneas, uma vez que se tem percebido a relevância de uma prática profícua e emergente. Assim, o intuito de repensarmos as estratégias metodológicas para as aulas de leitura durante o ensino básico é uma maneira de aproximar o estudante da literatura e levá-lo a ser proativo e ter um maior domínio no letramento literário, além de contribuir para uma formação crítica e reflexiva.

Nesta ótica, podemos entender a instituição escolar como o lugar onde o indivíduo passa a se reconhecer como sujeito letrado, através da prática de leitura e de outras atividades colaborativas. Desse modo, entendemos que se faz necessário que os docentes usem em suas aulas de literatura, estratégias de motivação e recursos didáticos que possam aproximar o aprendiz do texto, contribuindo para o letramento literário e conseqüentemente para a promoção de um caminho possível e dinâmico para a formação do leitor, assim

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2018, p. 23).

Nesta linha de pensamento, conforme também aborda Lajolo, (2008, p. 106): “é à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias”. Assim, a literatura é capaz de promover muitas experiências aos diferentes leitores, portanto, cabe destacar mais uma vez essa necessidade de um trabalho voltado para o estímulo à prática de leitura, tendo em vista que os aprendizes são capazes de relacionar conhecimentos diversos e inseri-los no cotidiano e nas suas vivências sociais.

Logo, entendemos que devem coexistir estratégias para o ensino de Língua Portuguesa, sobretudo para o ensino de literatura, para que novos horizontes literários sejam apresentados aos estudantes. Uma possibilidade é que o ensino seja abordado a partir de uma experiência com o letramento literário, com base no “[...] processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON; PAULINO, 2009, p. 67).

Nesse contexto, é relevante focarmos nos mecanismos e estratégias de leituras utilizadas na educação escolar, pois, a literatura necessita de ser trabalhada a partir de metodologias que contribuam com o letramento literário e consequentemente auxiliem na formação de novos leitores. Desse modo, entendemos que

[...] é tão importante a leitura do texto literário quanto as respostas que construímos para ela. As práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura de obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários. (COSSON, 2018, p. 47).

Por esse prisma, trabalhar a literatura no ensino básico é uma atividade que requer um olhar crítico do professor, ao mesmo tempo em que demanda dinamicidade e flexibilidade no tratamento dado ao texto. É relevante destacar que alguns discentes chegam ao Ensino Médio com um repertório relativamente defasado e que embora já tenham estabelecido algum contato com diferentes literaturas, de autores, origem e períodos distintos, verbalizam o pensamento de que não sabem o que é literatura, ou de que não gostam dela. Por isso, nossas aulas precisam auxiliar nessa compreensão, para que os educandos possam compreender, apreender e sobretudo, entender qual é o papel da literatura, inclusive nas situações cotidianas.

Nessa perspectiva, percebemos a relevância de fazer com que os educandos também reconheçam a dimensão do texto literário na construção do conhecimento e das atividades sociais. O quadro de competências e habilidades a serem trabalhadas, nas aulas de Língua Portuguesa, que compõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) abordam duas habilidades que estão diretamente relacionadas às aulas de Literatura, que são: “[...]recuperar pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo[...] e analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização[...]” (BRASIL, 2000, p. 47).

Em vista disso, ressaltamos que de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a inserção do texto literário no ensino deve partir da realidade dos educandos e do interesse com o tipo e o gênero literário que desperta uma maior afinidade, sobretudo considerando o público infante-juvenil. Em consonância com a Base Nacional Comum Curricular (2017), do Ensino Médio, as aulas de literatura devem ser uma progressão das habilidades já trabalhadas no Ensino Fundamental, pois nessa fase da vida educacional, a literatura irá promover

[...] a ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc.” (BRASIL, 2017, p. 492).

Diante disso, é preciso trabalharmos para a promoção de uma “escola leitora”, tornando o sujeito-leitor um indivíduo crítico e fazendo com que ele perceba os caminhos para encontrar-se com o texto literário e o conhecimento que esse evoca. Nessa perspectiva, percebemos que cada literatura propõe ao leitor um olhar diferente para o texto, para a ficção e para sociedade, portanto, o texto literário ao longo dos anos nos mostra diferentes histórias, e estas são construídas de diversas formas, assim, nutrem a imaginação dos leitores envolvidos nesse processo dinâmico e criativo, que reconstrói nossas experiências e nossos saberes.

Entendemos que as experiências instigadas pela imaginação a partir da leitura de textos literários nos conduzem à descoberta de novos saberes, compreensões e sobretudo nos levam à descoberta de “novos mundos”. Diante desta discussão e reconhecendo a necessidade de estudarmos diferentes temáticas e de refletirmos sobre a formação leitora dos estudantes, esta dissertação de mestrado aborda o ideário da personagem bruxa na

literatura de períodos distintos, bem como destaca reflexões sobre a necessidade de repensarmos as aulas de literatura a fim de contribuir com a formação de leitores e a urgência de trazermos aos discursos atuais temáticas que merecem destaque diante do contexto social em que estamos inseridos. As temáticas sociais que estão presentes em muitos textos literários são alicerces para trazermos às discussões assuntos que por longos anos foram silenciados; por tal, reconhecemos a literatura como um espaço de resgate histórico, de memória, de reafirmação e de (re)construção de identidades.

Nesse caso, pensando nas possíveis experiências que a literatura pode nos proporcionar, assim como o conhecimento histórico, social e cultural que podemos identificar nas margens textuais, abordamos nesse trabalho a construção social da personagem bruxa, haja vista ainda identificarmos um teor negativo nos discursos contemporâneos quando se trata da mulher sob essa ótica. Desse modo, relembramos que uma das primeiras bruxas com as quais a maioria dos leitores estabelece contato são as da literatura infantil, como as que estão presentes em contos como *João e Maria* ou em *Branca de Neve*, descritas como mulheres malvadas e desprovidas de beleza, segundo padrões que ainda hoje são reconhecidos e convencionados socialmente. Analogamente à realidade, quando se fala em bruxa, no contexto atual, associa-se a uma figura negativa, dissemina-se a ideia de “bruxa” como um xingamento ou ofensa, um hábito que se propaga e se tornou estrutural na sociedade.

Portanto, esta dissertação tem como aspecto relevante, a necessidade de contribuirmos com a formação de leitores para que venham a ter um pensamento crítico e reflexivo, colaborando com a constatação e a relevância da construção da personagem bruxa na literatura em diferentes períodos, bem como refletir sobre o caráter historiográfico da bruxa na sociedade. Para a execução desta investigação, abordamos a seguinte questão de pesquisa: “Como a personagem bruxa foi construída historicamente na literatura de culturas distintas e qual o seu reflexo na esfera social?” Além disso, buscamos aprender e apreender por meio da literatura quais as teses que nortearam o pensamento negativo a respeito dessa mulher. Então, tomamos como *corpora* de investigação: o romance histórico *Eu, Tituba, Bruxa negra de Salém* (2020), da escritora guadalupense Maryse Condé, o conto: *Quem me deu foi a manhã*, da brasileira Marina Colasanti (2005) e *A cartomante* (1995), do escritor brasileiro Machado de Assis e o conto infantil *João e Maria* (2012), dos Irmãos Grimm.

A escolha de tais obras deu-se pelo caráter histórico e social presente nas nuances dos textos, bem como pela importância de trazermos para as nossas discussões a maneira

como a mulher é descrita através da literatura de autoria feminina e no texto literário de um escritor (homem), canônico e que nos apresenta diferentes mulheres em sua bibliografia literária e no tradicional conto de fadas, dos Irmãos Grimm. Além disso, destacamos que o objetivo geral dessa dissertação é: refletir sobre a construção social da personagem bruxa na literatura de períodos e culturas distintas; e, os específicos são: 1) Repensar caminhos que possam contribuir futuramente nas aulas de Literatura no ensino básico para a quebra dos estereótipos da figura feminina da bruxa; 2) Identificar qual é a representação da bruxa na Literatura, com o olhar voltado para os elementos históricos e sociais, analisando como essa personagem é caracterizada no romance *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salem*, bem como nos contos *A cartomante*, *Quem me deu foi a manhã* e em *João e Maria*; e por último 3) Discutir acerca dos aspectos que norteiam a história das mulheres.

A partir dessas discussões, trazemos para o campo das nossas reflexões a necessidade de estudarmos a literatura de autoria feminina para estabelecermos uma ponte entre a história das mulheres, as lutas e os desafios enfrentados ao longo dos anos como forma de nos colocarmos diante da sociedade e dos meios opressores que se estabelecem nela. Desse modo, no Brasil, conforme dados divulgados pelo Conselho Nacional de Justiça- CNJ¹, no ano de 2020 ocorreram 1.351 feminicídios, já no ano de 2021 foram 1.319, nesse mesmo ano, estima-se que uma mulher se tornou vítima de feminicídio a cada sete horas no país. Atualmente, ainda que muitas mulheres tenham conquistado espaços públicos e alguns direitos básicos, é pertinente ressaltarmos que elas são fortemente criticadas, sobretudo por buscarem se fazerem ouvidas.

[...] quem é feminista, milita na luta antirracista ou no movimento LGBT com certeza já ouviu de alguém a frase: “Ah, mas vocês só falam disso”, seja para expressar cansaço ou destilar ódio. Essas pessoas obviamente ignoram que o machismo e o racismo são elementos estruturantes desta sociedade, de modo que nenhum espaço estará isento dessas opressões. (RIBEIRO, 2020, p. 76).

Nesse sentido, apesar de muitas lutas terem ocorrido, muitos caminhos percorridos e desafios terem sido vencidos, a violência contra as mulheres ainda tem sido uma triste realidade presente no mundo contemporâneo, pois muitos dos crimes cometidos contra a mulher ficam no âmbito do “esquecimento”, ou seja, da impunidade. Assim, conforme pontua Ribeiro (2020), o machismo e o racismo são elementos que, infelizmente,

¹ Dados retirados do Monitoramento da Política Judiciária Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres do CNJ. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br>. Acesso em: 12 nov. 2022.

compõem boa parte dos espaços sociais, oprimindo, desrespeitando, diminuindo, inferiorizando, segregando e subjugando as pessoas.

Sabemos que em vários episódios da história da humanidade, as mulheres passaram por situações emblemáticas; cada conquista atual ainda pode ser considerada um grão de areia diante de tudo que foi retirado, negado e silenciado. Certamente muitas mulheres que tentam ser ouvidas atualmente são consideradas as netas das bruxas que um dia morreram queimadas, pois tentaram silenciar diversas trajetórias históricas, por isso, atualmente há significativos empreendimentos de fazer ecoar vozes que há anos são silenciadas e caladas. Mediante esta discussão, também se faz necessário entender sobre silêncio e silenciamento, já que o silêncio pode ser colocado como um fator de escolha, no entanto, o silenciamento é uma imposição social de várias instâncias, com o objetivo de manter a invisibilidade dos direitos femininos.

A partir de tal discussão, fazemos uma analogia entre a caça às bruxas que ocorreu na Idade Média e a opressão atual, pois temos visto emergir uma “nova” caça às bruxas disfarçada em discursos religiosos, misóginos, racistas e quase sempre bastante opressores. Nessa abordagem, destacamos que ainda hoje há várias tentativas de silenciamento feminino, o que é facilmente percebido na sociedade contemporânea porque as mulheres são perseguidas de diversas maneiras. As bruxas da sociedade atual não são as descritas na literatura infantil, que reconhecemos com suas verrugas no nariz, cozinhando em um grande caldeirão e fazendo poções mágicas; as bruxas contemporâneas têm sido perseguidas e “jogadas na fogueira” por quebrarem o silêncio e ecoarem o grito guardado por anos de opressão.

As bruxas da modernidade são as inúmeras mulheres que têm sido subjugadas, perseguidas e silenciadas constantemente, principalmente as feministas, militantes e ativistas; as que estão lutando corajosamente pela igualdade de gênero e por melhores condições de trabalho, de acesso à educação e aos demais âmbitos sociais. Além disso, mulheres têm lutado pelo direito de viver, pois o direito à vida muitas vezes tem sido negado, porque quando usam a voz em espaços de representatividade social, como ocorreu com a vereadora e socióloga Marielle Franco², no ano de 2018, acabam sendo silenciadas.

Assim como ocorreu no contexto da Idade Média, muitas mulheres como Marielle são silenciadas diária e, cotidianamente, são jogadas em uma fogueira da opressão e do

² Marielle Franco foi uma socióloga. Mulher negra, mãe e ativista que foi morta no dia 14/03/2018. Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle>. Acesso em: 08 out. 2022.

patriarcado. A voz e a representatividade feminina assustam, pois desde pequenas mulheres são ensinadas a obedecerem e a seguirem os padrões impostos socialmente, principalmente, pelo capitalismo e pelos governos autoritários. Desse modo, é nesse caminho de resistência que se tem pisado, pois muitas mulheres ainda hoje vão à fogueira, como Roberta Nascimento³, mulher trans que foi (literalmente) queimada no centro da cidade de Recife, em julho de 2021, tendo 40% do corpo queimado, o que a levou à morte. Reconhecemos o quão improtelável é essa discussão sobre a história da mulher, bem como compreender o texto literário como um lugar de resistência e, ao mesmo tempo, de aberturas, uma vez que podem dar voz a tantas histórias; entendê-lo também como um espaço de memória, pois muitas vezes a história cala e silencia os oprimidos. Infelizmente, muitas mulheres como Roberta e Marielle não chegam sequer aos noticiários e com isso são duplamente silenciadas, assim

[...] a única esperança genuína de libertação feminista está numa visão de mudança social que desafia o elitismo. Mulheres ocidentais adquiriram poder de classe e maior desigualdade de gênero, porque um patriarcado de supremacia branca global escraviza e/ou subordina multidões de mulheres do terceiro mundo. (HOOKS, 2020, p. 73).

É no âmago dessa discussão que debatemos do ponto de vista das teorias feministas, com foco na teoria crítica do feminismo decolonial (FD) para trazermos reflexões sobre os aspectos históricos da trajetória feminina e, conseqüentemente, refletirmos sobre a representação da mulher enquanto bruxa no texto literário.

Portanto, do ponto de vista teórico-metodológico, esta dissertação está inserida no modelo qualitativo de pesquisa, tomando como foco o processo investigativo, com objetivo exploratório, descritivo e documental. Buscamos analisar as personagens bruxas nas obras citadas anteriormente, bem como discutir sobre estratégias possíveis para o ensino de literatura no ensino básico.

Quanto à organização e à construção desta dissertação, a dividimos em quatro capítulos. Desse modo, no capítulo I: *Reflexões para além do texto: a leitura literária rompendo o silenciamento*, temos reflexões teóricas a respeito da leitura literária, refletindo sobre uma leitura para além da superfície do texto; também abordamos a importância da literatura como um instrumento que pode romper o silêncio que há anos tem sido imposto socialmente, sobretudo quando se trata da mulher. Nesse sentido, estudamos a relação entre contexto e intertexto e refletimos por meio de um olhar teórico

³ Roberta Nascimento foi queimada enquanto dormia na rua, no centro do Recife. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

sobre como a literatura pode ser trabalhada no ensino básico. Para tal, nossas discussões baseiam-se nas contribuições de Cosson e Paulino (2009), trazendo-nos reflexões acerca do letramento literário e da importância de buscá-lo cotidianamente na atividade docente, bem como em Lajolo (2018), que nos propõe reflexões acerca da própria literatura e em Colomer (2003), que nos traz pontos relevantes para a formação do leitor literário.

No segundo capítulo, *A história das mulheres silenciadas pela chama do patriarcado*, refletimos sobre a trajetória histórica das mulheres, nos propondo principalmente a pensarmos nessa direção por meio da literatura de autoria feminina, vista aqui como um meio de representatividade. O texto literário nos traz marcas da historicidade da personagem bruxa, que ainda na contemporaneidade é estigmatizada e tratada a partir de estereótipos negativos. Baseamo-nos nos estudos de Perrot (2017) e abordamos aspectos históricos sobre as caças às bruxas como bases nas ancoragens teóricas de Russel e Alexander (2019) e Federici (2017).

No terceiro capítulo *Bruxas na literatura: desfazendo os estereótipos femininos*, analisamos as personagens bruxas a partir de teorias feministas. Nesse sentido, nos baseamos na teoria crítica do feminismo decolonial e nas discussões propostas por Vergès (2020), Angela Davis (2013), Djamila Ribeiro (2018), bell hooks ⁴(2020), entre outras fontes. Também analisamos a personagem através de elementos fantásticos e tomamos como base Todorov (2004). Portanto, em nossa análise refletimos sobre a construção da personagem bruxa na ficção e buscamos entender como essa personagem é caracterizada através de elementos que partem do social, ou seja, surgem da própria história da bruxa na sociedade e em como a mulher foi tratada em determinados períodos.

Em nosso quarto capítulo *Discutindo práticas futuras* trazemos uma sequência didática que foi construída a partir desta pesquisa e dos estudos realizados em torno das temáticas abordadas nas obras analisadas e, sobretudo, como um material didático que pode ser compartilhado e aplicado, futuramente, em aulas de literatura. Para a elaboração da sequência, nos baseamos também em Cosson (2018).

⁴ Bell Hooks é um pseudônimo da autora, criado para homenagear os nomes da avó e da mãe. Seu nome é Gloria Jean Watkins, segundo o que ela afirmava, o motivo dessa escrita é que o mais importante é a substância da sua obra, por isso a escrita de seu nome está grafada em letra minúscula. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

CAPÍTULO I:

REFLEXÕES PARA ALÉM DO TEXTO: A LEITURA LITERÁRIA ROMPENDO O SILENCIAMENTO FEMININO

Fico encantada de estarmos nessa discussão, no momento em que tanta gente jura que ninguém lê, que a literatura morreu. (LAJOLO, 2018, p. 11).

A epígrafe de Lajolo nos lembra que as discussões atuais nos levam a debater e entender que a literatura se mantém viva, rompendo com diversos silêncios e trazendo uma pluralidade de vozes. Ao longo do tempo, temos visto emergir autores e leitores, em

uma sociedade que precisa se fazer ouvida, lida e entendida. Nesse sentido, afirmamos que a literatura tem sido um elo, uma ponte e um refúgio social, por isso, continuar resistindo e insistindo em (re)significá-la tem sido uma tarefa de professores, leitores, escritores, apreciadores e de todos aqueles que acreditam que ela é desde muito tempo uma arte que transcende.

Assim, é nessa busca de trazer a literatura como um lugar de muitas falas presentes em uma sociedade plural, diversa e leitora, que temos discutido sobre a necessidade de repensarmos as aulas de Língua Portuguesa e de Literatura com o intuito de potencializar o lugar das múltiplas narrativas e da multiplicidade de vozes que se cruzam e que estão presentes na sociedade contemporânea.

Portanto, neste capítulo, trazemos algumas considerações acerca da importância das discussões no âmbito da formação de leitores e sobre o letramento literário. É válido discutirmos sobre o papel da literatura na escola, por isso, pontuamos sobre a ideia de contexto e intertexto e como o texto literário pode ser um meio para promovermos conhecimento, pois a vivência com a literatura proporciona diferentes visões, alcança diferentes públicos, bem como nos permite entender o mundo através da arte sob um novo olhar.

1.1 Concepções sobre o letramento literário e a formação do leitor do ensino básico: repensando as aulas de Literatura

Do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola. (LAJOLO, 2004, p. 7).

De fato, conforme nos traz Lajolo (2004) na epígrafe desta seção, a leitura não se esgota na escola, acreditamos que ela transborda na escola, permitindo que os sujeitos inseridos nesse contexto consigam tê-la como um “objeto” pessoal e prazeroso, sobretudo quando se trata da leitura literária, que nos apresenta um mundo, um “novo mundo”. Passeamos por diferentes lugares, conhecemos diferentes histórias, protagonizamos

sentimentos, sorrimos, choramos e aprendemos, são essas e tantas outras possibilidades que podemos reconhecer através da leitura. Por conseguinte,

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2018, p. 17).

Por certo, a experiência literária nos possibilita passarmos a entender a relevância e as diversas possibilidades com a sua convivência, pois são processos formativos que constroem nossos conhecimentos. Nesse sentido, consideramos essencial discutirmos sobre os caminhos metodológicos que são possíveis para o sentido dado à leitura literária na escola.

Há alguns anos, pode-se dizer que a leitura era um privilégio de classes sociais que detinham o poder econômico, cultural e político; por esse olhar, o ato de ler, até certo ponto, segregava a população e colocava em posição de privilégio aqueles que tinham as devidas condições e estrutura para tal. Assim, é considerado relevante ressaltarmos que,

[...] antes da sociedade industrial, na Europa do século XIX, a leitura era vista como um ócio das camadas privilegiadas. Com as mudanças sociais decorrentes da industrialização, a leitura passou a ser considerada forma de ascensão social, de sorte que não saber ler ficou vinculado ao fracasso social. (TERRA, 2014, p. 52).

Essa perspectiva que trata a leitura como uma ascensão social estendeu-se por muito tempo e, atualmente, também é vinculada à ideia de privilégio, sobretudo se levarmos em consideração que ainda verificamos uma forte desigualdade social, bem como as visíveis diferenças entre classes sociais e as oportunidades (ou a falta delas) que separam tantas pessoas do acesso à educação, saúde, emprego, moradia, lazer e outros direitos básicos da nossa formação enquanto sujeitos pertencentes a uma sociedade. Cabe-nos levantar discussões sobre o ensino de literatura, assim como enfatizarmos a importância que ela tem para nos trazer a voz e ser um meio de representatividade, prazer, acalanto e desconforto também como nos ensina Barthes (2006). É importante que a vejamos ainda como um espaço em que nos refugiamos e protagonizamos muitas e diferentes histórias, sejam as próximas da realidade e/ou as que povoam o fantástico e o maravilhoso instigando a imaginação do leitor em qualquer idade.

Tais considerações nos conduzem à ideia de repensarmos as aulas de literatura; então, semanticamente nos ancoramos na essência significativa do termo “repensar”, uma

vez que tem sido relevante o entendimento de uma reformulação e /ou, modificação das metodologias usadas nas aulas e no ensino de literatura na educação básica. Temos visto emergir muitos debates e discussões a respeito dos caminhos metodológicos no que compreende à inserção da literatura, principalmente no Ensino Médio. Além disso, os cursos superiores e as Licenciaturas em Letras e Pedagogia têm reforçado e ampliado muitas reflexões através de pesquisas, palestras, seminários, simpósios, congressos, entre outros gêneros acadêmicos e também culturais como feiras literárias e círculos de leitura. O objetivo, portanto, é justamente revisar e reconsiderar a prática pedagógica, incluindo o texto literário de maneira mais enfática e precisa, consequentemente colaborando com o protagonismo do estudante-leitor e a interação autor-texto-leitor dentro do processo de leitura, contribuindo para o reconhecimento dos educandos enquanto leitores.

De acordo com essa discussão, destacamos que a Língua Portuguesa enquanto uma disciplina do currículo das escolas do ensino básico brasileiro, tradicionalmente subdivide-se no ensino da tríade gramática-redação-literatura, na maioria das abordagens separadas por aulas e horários diferentes. No entanto, considerando as escolas da rede pública de ensino, destacamos que pode ocorrer da literatura ser inserida como disciplina apenas a partir da 1ª série do Ensino Médio. Nesse sentido, é comum os discentes chegarem a esta etapa educacional reproduzindo um discurso que está presente na voz de estudantes do ensino básico, que é o de que não sabem o que é literatura. Todavia, uma parte dos estudantes sabe, conhecem e já tiveram algum contato através das vivências pessoais e familiares, ou na própria escola, tendo em vista que desde a Educação Infantil e o Ensino Fundamental ela já se faz presente, não como uma disciplina específica, mas sim refletida no trabalho com os diferentes gêneros literários, como os contos, as fábulas, os poemas, as cantigas, os romances etc.

Quando refletimos sobre a abordagem metodológica da literatura na etapa do Ensino Médio, temos visto que alguns materiais e manuais didáticos têm levado os educadores a apresentarem dados históricos de períodos e/ou biografia dos principais autores e representantes de cada movimento literário. De acordo com Cosson (2020), ainda persiste o ensino de história da literatura, ou períodos e escolas literárias, dito isso, entendemos que a literatura assume um papel secundário, ela passa a ser pretexto para o ensino da gramática e de história, nesse caso, colocando a sua essência constitutiva em segundo plano. Desse modo,

Às vezes, pretendendo tornar a aula de gramática mais interessante (e duplamente agradável, ilustrando os seus alunos), o professor trazia (ou

traz) um texto literário para nele exercitar a busca de orações subordinadas ou de substantivos abstratos. Também era (e é) frequente a utilização de enunciados pescados cá e lá em contos, romances ou poemas de escritores consagrados para transformá-los, como a própria gramática o faz, em norma ou, ao contrário, em exemplos das exceções permitidas, [...] provindas da pena de uma autoridade (o autor famoso). (GERALDI, 2014, p. 18).

Cabe ressaltarmos que aqui não buscamos colocar os demais conhecimentos em posição inferior, ou dizer que é uma noção desnecessária, mas sim enfatizarmos que as abordagens metodológicas utilizadas em sala de aula, algumas vezes acabam fazendo com que essas atividades aconteçam com muita frequência. No momento em que o docente trabalha um conto de Marina Colasanti e solicita uma lista de verbos ou de orações subordinadas, ele deixa de trabalhar a literatura e de contemplar todos os sentidos que podem ser inferidos a partir daquele texto; desse modo, coloca a literatura em um plano solto e secundário, sem valor estético, apenas como uma disciplina que complementa uma carga horária, e/ou cumprimento de um currículo/documento. Ressalte-se ainda que esse procedimento de “usar” a literatura para ensinar a língua não se constitui em um problema; o revés está no fato de se fazer tão somente isso.

Assim, é preciso que entendamos que

[...] a noção de contexto literário é uma forma tradicional de separar a literatura da história, isto é, o contexto é simplesmente a história. Essa concepção fica muito clara quando se observa nos livros didáticos a introdução aos estilos de época por meio de síntese histórica que denominam de contexto. (COSSON, 2018, p. 85).

Além disso, urge discutirmos também sobre a autonomia do professor enquanto mediador de conhecimento, pois parece-nos que muitos manuais apresentam uma espécie de receita de como apresentar determinados conteúdos e o texto literário; assim, a vivência com a literatura não é contemplada, o contexto do aprendiz não é valorizado, a realidade do educando não é colocada na experiência. Ressalta-se ainda a relevância de, nessa discussão, deixarmos claro não estamos culpabilizando os manuais, mas problematizando a autonomia do docente perante o ensino de literatura. Nessa esteira, Lajolo (2004) discute que já faz alguns anos que decidir a maneira de abordar a literatura na escola tem sido decisão das editoras, dos livros didáticos e paradidáticos, pois “[...] muitos dos quais se afirmaram como quase monopolizadores do mercado escolar na razão direta em que tiraram dos ombros dos professores a tarefa de preparar suas aulas” (LAJOLO, 2004, p. 15). O que não seria o problema, visto que ensinar incumbe tantas demandas e responsabilidades, além de uma carga horária extensa, porém, esses livros

didáticos, muitas vezes, não levam em consideração a região, o contexto e toda a vivência que estão além dos muros da escola e que são constituintes na formação do estudante.

Durante a trajetória escolar dos educandos é possível percebermos que existem particularidades que afetam diretamente a formação de cada indivíduo, pois uma sala de aula é formada por um público heterogêneo, diverso e que faz parte de diferentes realidades. Todo sujeito é construído a partir das diferenças, com efeito, compreendemos que essas particularidades podem ser muitas e vão desde as diversas realidades familiares, aos níveis de entendimento e à aprendizagem individual de cada discente, além do suporte emocional e os fatores financeiros, só para citar alguns.

Dentro dessa discussão, cabe-nos uma reflexão sobre as diferenças ainda existentes entre a abordagem da literatura em uma escola da rede pública de ensino e a que acontece na rede privada; pois, infelizmente, ainda há significativas divergências que, de certa forma, podem influenciar na formação dos leitores e na maneira como estes mantêm contato com a literatura.

Por um lado, sabemos que nas extensas listas de materiais escolares e livros didáticos que são exigidos em escolas privadas, também estão presentes os livros considerados paradidáticos, que são complementares e que, na maioria das vezes, resultam em projetos pedagógicos, cujas ações visam a melhorar a prática e promover um incentivo à leitura. Por outro lado, também é de nosso conhecimento que em algumas escolas públicas do país faltam materiais didáticos e a realidade do educando é dificultada por diversos fatores: culturais, sociais, econômicos, familiares, entre outros.

Não podemos colocar essa situação como uma regra, haja vista que não nos cabe aqui generalizar os contextos, entretanto, não conseguimos ainda medir esses dois tipos de escolas com a mesma régua. Também não nos propomos a culpar e/ou julgar nenhum profissional, mas sim, entender que esses caminhos educacionais se bifurcam por diversos fatores, bem como a questão estrutural e física, o investimento financeiro e particularmente o incentivo e a valorização de programas e projetos educacionais que são oferecidos nas redes de ensino.

Portanto, é nesse contexto, que chegamos à reflexão acerca do “uso” do texto literário em sala de aula, conforme aborda Lajolo (2004), ou o texto dá sentido ou mundo, ou então ele não nos traz sentido nenhum; e, isso, podemos dizer das nossas aulas, elas precisam nos apresentar e possibilitar essa construção de sentido, um “mundo” de conhecimentos e auxiliar na formação dos aprendizes em sujeitos leitores, reflexivos e críticos.

Nesse percurso, destacamos o letramento, uma perspectiva que tem ganhado força entre estudiosos, teóricos e acadêmicos da área educacional, principalmente entre os estudantes da linguagem. Isto posto, compreendemos que o

[...] fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p. 20).

O letramento, portanto, está presente nas nossas vivências cotidianas, visto como uma prática social. Aqui tomamos como base o letramento literário com o intuito de trazermos ao cerne desta discussão uma reflexão a respeito da prática de leitura literária na escola; dessa maneira, Paulino (1998), destaca que o letramento literário, assim como os demais tipos de letramentos, permanece sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, e que tais práticas não se reduzem à escola, mas sim passam por ela, confirmando a nossa ideia de que a escola é um espaço no qual os estudantes se (re) conhecem e se (re) descobrem enquanto leitores.

De acordo com Freire (2021), ensinar exige respeito à autonomia do educando, assim, as aulas de literatura devem trazer e favorecer esse protagonismo e autonomia, além de fazer com que os indivíduos envolvidos no processo educacional possam constantemente se reconhecerem como leitores e enxergarem a leitura literária na construção da própria identidade. Nesse contexto

A ênfase dada à competência literária conduziu à formulação da ideia de “itinerários leitores”, ou seja, a previsão de uma ampliação progressiva do *corpus* que pode ser realmente desfrutado pelos alunos. Este itinerário deve incluir, necessariamente, uma relação das leituras que lhes possam estar mais próximas e não se referir ao uso exclusivo daquelas obras, que derivam de uma programação literária, a partir do *corpus* de qualidade, consagrado pela tradição literária adulta. (COLOMER, 2003, p. 130).

No centro dessa reflexão, acrescenta-se que os professores mediadores devem compreender as aulas de literatura como um grande processo formativo, uma atividade que contribui para o desenvolvimento dos educandos enquanto leitores, e de modo especial, é preciso que exista uma íntima relação entre a realidade, uma aproximação dos aprendizes com o que se lê e o que se vive.

Paulino (1998) acrescenta ainda que o letramento literário contribui com a formação de um leitor que consegue compreender e usar estratégias de leitura que favoreçam o reconhecimento da subjetividade, do contexto e da relação entre autor-texto-leitor. Logo, é imprescindível destacarmos que

[...] a formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 1998, p. 56).

Isso posto, entende-se que é realmente preciso que o ensino de literatura possa partir do que o estudante conhece no contexto em que ele está inserido. Muitas discussões estão crescendo nesse sentido, o que nos leva a entender que já temos dado passos importantes com objetivo de promover a experiência com o texto literário de uma maneira profícua e verdadeiramente significativa. Destacamos o quanto o cânone é relevante nesse processo, pois ele é parte da construção da nossa memória social, da História, não só do ponto de vista literário, mas também social e pessoal, no entanto, antes que ele seja levado de forma obrigatória para as salas de aula, é preciso que nós, enquanto professores e professoras, tenhamos a sensibilidade de reconhecer também a história do nosso aprendiz, para fazermos com que ele se reconheça leitor de literatura, inclusive se identifique também como parte essencial dessa (re) descoberta da literatura.

Cosson (2018) trata acerca da construção da nossa identidade e da história por meio da literatura canônica e nos esclarece sobre a importância de sabermos utilizá-la na sala de aula.

Têm razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois este traz preconceitos sim, mas também guarda parte da nossa identidade cultural, e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. Até porque, admitindo ou não os críticos, haverá sempre um processo de canonização em curso quando se seleciona textos. (COSSON, 2018, p. 34).

O pesquisador citado nos auxilia nessa compreensão de que aceitar e abranger a relevância da herança cultural e histórica que o cânone nos fornece não quer dizer que precisemos nos prender única e exclusivamente ao passado, assim como trabalhar com a

literatura contemporânea não implica negar o passado. Nesse contexto, pensar o letramento literário na educação é entendê-lo dentro da realidade do estudante, mas sem negar a construção do passado, da literatura canônica, uma vez que ela nos fornecesse bases para as nossas produções e discussões atuais. O cânone, inclusive, nos possibilita uma compreensão acerca da história e do nosso próprio encontro com a literatura e nesse reconhecimento com a atualidade, assim como pode auxiliar a abordar e trabalhar com o atual, com as produções de literatura contemporânea.

É essa atualidade que vai gerar a facilidade e o interesse dos aprendizes pela leitura. Logo, entendemos que a

[...] a literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. (COSSON, 2018, p. 16).

Portanto, repensarmos nossas aulas de literatura é um passo para transformarmos vivências literárias e compreendermos essa relação entre a leitura e a escrita, explorando e valorizando diariamente a essência do texto e da palavra, tão rica e que faz ecoar a nossa voz, nossa história e sobretudo o passado.

No tópico subsequente, discutimos sobre essa relação entre o contexto e o intertexto presentes nas múltiplas experiências literárias.

1.2 Leitura literária: contexto e intertexto

Refletir sobre o contexto e o intertexto na literatura é algo que muitas vezes alguns docentes “deixam pelo caminho”. Nesse sentido, cabe trazermos para as nossas discussões a emergência de abordarmos a literatura de uma maneira que possamos valorizar a intertextualidade e as várias vozes discursivas que se apresentam.

É emergente reconhecermos os fatos sociais, bem como estruturais da arte literária para promovermos a literatura de maneira que o letramento se faça fundamental nesse processo. De acordo com Candido (1985, p. 24), “[...] o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar a sua validade e o seu efeito sobre nós.”

Destacamos a necessidade do entendimento de que não há uma dissociabilidade entre a realidade e a literatura, pois dada a realidade, existem diversos modos de torná-la

literatura, assim, cabe ao escritor fazer essa atuação em cima de uma pressuposição de hipóteses que a atividade criativa e inventiva possibilita. De acordo com Roger (2002), é a partir dos pressupostos que entendemos a não existência da literatura sem a realidade, tendo em vista que sendo feita ficção, ou não, o texto pode surgir daquilo que é realidade. Muito embora não seja a obra literária uma realidade, temos uma representação, podendo conter, ou não, aspectos subjacentes do que é real.

Por esse olhar, trazendo para o campo dessa discussão a relação entre literatura e a sociedade, percebemos que para a corrente sociocrítica uma leitura não deve ser vista como algo pronto e acabado; a leitura nos permite a configuração de outros sentidos socialmente demarcados no texto escrito. A respeito desse questionamento Barbéris (1997), enfatiza que a leitura sociocrítica é, portanto, um movimento que não se opera unicamente a partir de textos que são considerados fundadores, mas sim a partir de uma busca e de um esforço tateante e descobridor que inventa uma nova linguagem e faz aparecer novos problemas, bem como coloca novas questões aos leitores. Conforme Compagnon (2009), a literatura pode ter a função de laço social, em nome de sua gratuidade e de sua largueza em um mundo utilitário caracterizado pelas especializações produtivas.

Dessa maneira a leitura pelo viés sociocrítico nos permite observarmos novos problemas em um determinado texto, além de contribuir para que possamos ler além do que está posto na superfície. Ainda de acordo com Barbéris (1997), consideramos pertinente a compreensão de que a realização dessa leitura por um viés social nos admite um movimento que não se realiza exclusivamente a partir do que já existe, mas também a partir de um inverso que é o descobrir, refletir, encontrar novas questões, isso é o que nos permite identificar um novo conjunto de ideias e de conhecimentos.

Ademais, os leitores podem perceber através da leitura do contexto e do intertexto novos problemas a serem desvendados no interior do texto literário, conseqüentemente temos a possibilidade de uma leitura dos elementos que, muitas vezes não estão postos explicitamente. Assim, de acordo com Candido (1985), quando negamos, por exemplo, a fruição da literatura estamos mutilando a própria humanidade; logo, é através da necessidade de ampliarmos diferentes visões e expressivas possibilidades que a literatura tem se mantido viva e ecoando muitas histórias por diversas gerações.

Nesse contexto, pensar a literatura para além do texto é entender que o encantamento da matéria artística e do fazer literário estão muito além da superfície, pois

toda a construção subjetiva e pessoal da composição da arte literária tem nascido nas nuances, nas vivências e na própria sociedade, assim, compreende-se que

[...] a literariedade não está apenas no texto – os mais radicais dirão: não está nunca no texto – e sim na maneira como ele é lido. Um “mesmo” texto ganha sentidos distintos de acordo com aquilo que se imagina que ele seja: uma carta ou um conto, um poema ou uma redação. (ABREU, 2004, p. 29).

Desse modo, dizemos que a literatura cumpre sua função humanizadora, quando nos proporciona diferentes reflexões e nos aproxima de diversas histórias, assim, ela nos permite a compreensão de um processo de humanização, que

[...] confirma ao homem aqueles traços que reputamos essenciais, o exercício da reflexão, aquisição do saber, a disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para natureza, sociedade, e o semelhante. (CANDIDO, 1989. p. 117).

Portanto, tem sido através dessa humanização e da percepção de aspectos culturais e históricos, que temos visto emergirem produções aclamadas pela capacidade de adentrar nos problemas reais e provocar uma imensa possibilidade de sentimentos nos leitores. É pertinente também destacarmos que

[...] estamos tão habituados a pensar na literariedade intrínseca de um texto que temos dificuldade em aceitar a ideia de que não é o valor interno à obra que o consagra. O modo de organizar o texto, o emprego de certa linguagem, a adesão a uma convenção contribuem para que algo seja considerado literário. Mas esses elementos não bastam. A literariedade vem também de elementos externos ao texto, como o nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor. (ABREU, 2004, p. 41).

Ademais, a literatura tem nos apresentado uma produção contemporânea muito engajada, intensa e necessária, sobretudo para romper com o silêncio instaurado pelas mais variadas e diversas instâncias sociais.

1.3 Caminhos que se esbarram: História e Literatura e algumas reflexões sobre a metaficção historiográfica

Há um diálogo entre a Literatura e a História. São caminhos que se cruzam e possibilitam ao leitor conhecer através do texto literário, aspectos importantes da História. Desse modo, entende-se que as reflexões sobre a obra literária têm recuperado variadas discussões na sociedade pós-moderna.

Assim, a metaficção historiográfica assume um importante papel para a compreensão dessa relação entre Literatura e História, tendo em vista que essa metaficção é reconhecida, de acordo com a crítica canadense Linda Hutcheon (1991), como um processo de autorreflexão do fazer literário, contribuindo para a compreensão dos caminhos que se esbarram nas discussões acerca da verossimilhança presente na literatura. Isso porque segundo Hutcheon (1991), tanto o processo de escrita da História, quanto o desenvolvimento da escrita de uma ficção vão partir desse aspecto, pois

[...] as duas são identificadas como construtos linguísticos, altamente convencionalizadas em suas formas narrativas e nada transparentes em termos de linguagem ou de estrutura; e parecem ser igualmente intertextuais, desenvolvendo os textos do passado com sua própria textualidade complexa. (HUTCHEON, 1991, p. 141).

Tratando e problematizando a metaficção historiográfica, a crítica canadense discute que nessa abordagem um dos objetivos é a apropriação de acontecimentos, bem como também de personagens históricos que nas narrativas foram identificados como “verdadeiros” no sentido de que estes de fato existiram. É nesse contexto que discutimos e refletimos no terceiro capítulo desta dissertação acerca da personagem e da História de Tituba, tendo em vista que foi de fato uma mulher considerada bruxa no contexto histórico em que viveu. Assim, não se diz que a obra *Eu, Tituba bruxa negra de Salem*, de Maryse Condé^{5*}, é unicamente um romance histórico, mas que esta é também um encontro com a metaficção historiográfica, pois um dos pontos que auxilia o leitor a distinguir ambos é a capacidade de autorreflexão sobre a ideia que se estabelece sobre a verdade histórica, segundo Hutcheon (1991). Ela ainda traz ponderações sobre a construção semântica de “verdades” no plural, e que, portanto, essas verdades do ponto de vista histórico são inquestionáveis, sobretudo por não existir uma única verdade.

Ressalta-se que os textos narrativos estão há muito tempo presentes na formação social e pessoal dos sujeitos, inclusive Barthes (1976 *et alii*) afirma que não existe povo algum sem a narrativa, uma vez que ela

[...] está presente em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte

⁵ A obra é analisada no 3º capítulo dessa dissertação. A personagem principal desse romance é Tituba, uma mulher que realmente viveu em Massachussetts e foi condenada e julgada como uma bruxa.

alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida. (BARTHES, 1976 *et al.*, p. 19-20).

Já, segundo Terra (2014, p. 134) “narrativas literárias podem se referir a um fato real ou imaginário. O fato narrado em geral é uma ação atribuída a agente humano ou antropomorfizado (como nas fábulas)”. Desse modo, entende-se que as narrativas, do ponto de vista da metaficção historiográfica, não negam a história, mas sim incorporam-na à constituição da ficção, aproximando cada vez a História da Literatura e sobretudo na literatura.

Na sequência, discutimos acerca dos aspectos que envolvem a trajetória de luta feminina ao longo dos anos e a construção da história das mulheres na literatura. Nesse sentido, buscamos tornar claro e compreensível o entendimento do contexto e o intertexto no texto literário, pois tem sido fundamental para que a literatura seja percebida como um espaço de representatividade e de histórias plurais.

1.4 Literatura e a História das mulheres

Considerando que a literatura tem ampliado a nossa visão a respeito da trajetória de lutas e de realizações em diversas esferas sociais, no campo das conquistas femininas, trazemos para o centro desta discussão a construção da História das mulheres a partir do texto literário. É pensando nas diversas personagens que temos visto no decorrer de vários períodos e movimentos literários, que ancoramos nossas reflexões com o intuito de entendermos como a arte literária tem nos apresentado as mulheres e como a nossa história tem se encontrado na ficção.

Sobre as mulheres vale salientarmos que [...] algumas delas farão pesquisas importantes e vão revirar arquivos relativos à luta das mulheres e à resistência à escravidão no Brasil, publicando informações ainda desconhecidas. Outras escreverão livros para disseminar nossa memória, nossa história, nossa ancestralidade. Outras, ainda, serão eleitas parlamentares e contribuirão para a necessária ocupação da política institucional. Inspiradas por Silvia, Sueli, Lélia, Angela, daremos rumo à história. (FEDERICI, 2019, p. 19).

Dessa forma, a literatura e a escrita feminina trazem muitas mulheres protagonistas dos sonhos, dos sentimentos e das histórias de tantas personagens, sejam reais e/ou fictícias. As mulheres na História da literatura já foram vilãs, mocinhas, fadas,

bruxas, dragões, elfos, animais, duendes e tantas outras figuras que os diferentes gêneros nos trazem.

Enquanto leitores, pode-se dizer que a cada ato de leitura somos um pouco dessas personagens e vivemos como elas, tudo dentro da nossa imaginação e é essa atividade humana de imaginar e de criar que nos aproxima da literatura e nos permite a experimentação de várias histórias. Não se pode negar que é sabido de todo leitor que no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, rompendo os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos, pois a literatura é

[...] constituída a partir do mundo social e cultural e, também, constituinte deste; é testemunha efetuada pelo filtro de um olhar, de uma percepção e leitura da realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir. (BORGES, 2010, p. 98).

Nesse sentido, desvendar a história das mulheres a partir da literatura é estabelecer uma verdadeira ligação entre o que está presente no contexto e no intertexto das produções, é por assim dizer, enxergar a força da escrita e da voz que ecoa através dela (escrita).

A leitura é algo que nos permite uma expansão de conhecimento e de ideias, assim, trabalhá-la cotidianamente é um exercício pessoal, é a certeza de estarmos todos os dias em “lugares” diferentes, é conhecermos e nos reconhecermos nas personagens e nos traços das diferentes narrativas que a literatura nos fornece.

Do ponto de vista teórico, conforme nos apresenta Terra (2014),

[...] palavra *literatura* provém de *littera*, que significa letra, o que revela que historicamente sempre se associou a literatura à representação por escrito do signo verbal, como se a literatura fosse exclusivamente uma manifestação artística que se dá exclusivamente na forma escrita. (TERRA, 2014, p. 17, grifos do autor).

Dessa maneira, precisamos entender que a literatura está representada por escrito, mas também está materializada nas nossas emoções, na nossa voz e no conhecimento adquirido. Segundo Terra (2014, p. 53), [...] “a palavra *leitura* também é usada para se referir aos modos de aproximação de um texto ou de um autor, como as várias possibilidades encontradas através da leitura”, que um conto como *A Cartomante*, de Machado de Assis, pode nos possibilitar. Assim, a subjetividade da leitura nos permite interpretações e maneiras diferentes de nos encontrarmos com o texto. Desse modo,

[...] a construção de sentidos é um processo complexo e não deve ser confundido com a simples decodificação ou identificação de informações básicas. Como o sentido não está no texto, no processo de leitura, o leitor sai do texto e vai buscar, por meio de inferências, os conhecimentos necessários (linguísticos, textuais, enciclopédicos, interacionais) para a construção do sentido numa atitude colaborativa. (TERRA, 2014, p. 54).

Verifica-se que essa relação é subjetiva e ao mesmo tempo é colaborativa, pois leva em consideração as inferências que os leitores fazem e constroem, é uma íntima afinidade com o texto que permite reconhecermos as múltiplas vozes que ecoam e desvendam aspectos que partem, algumas vezes, da realidade que vivenciamos e sobretudo estamos inseridos.

A arte literária não tem prazo de validade, uma vez que esta não morre e não tem fim, ela é o que é, pois tem sobrevivido ao longo de tantos anos, e com isso, tem dado lugar para a resistência. Nesse sentido, pensar a literatura enquanto um espaço de luta e também de conquistas nos coloca diante de uma arte que transcende o prazer e a estética. Dessa maneira, a escrita literária é uma via de mão dupla, pois é nela e através dela que muitas mulheres se fazem lidas e ouvidas, porquanto esse espaço de resistência tem feito com que muitas histórias se reencontrem, seja através da mulher escritora, seja por meio da mulher leitora, assim, compreendemos através dessa discussão que as histórias de muitas mulheres têm se entrelaçado, fazendo com que estas percebam que são a História, mas que são também parte fundamental dela.

Partindo dessa discussão buscamos refletir sobre algumas mulheres que foram consideradas bruxas em diferentes textos (e contextos) literários, com isso, trilhar caminhos que fortaleçam as bases que norteiam análise dos *Corpora* desta dissertação.

CAPÍTULO II:

**A HISTÓRIA DAS MULHERES SILENCIADAS PELA CHAMA DO
PATRIARCADO**

*Eu sou um corpo
Um ser
Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte...
(Luedji Luna⁶)*

⁶ Luedji Luna é uma cantora e compositora baiana. Em suas canções ela nos apresenta a negritude e a ancestralidade que estão presentes nas suas raízes. Em entrevista à revista <https://glamour.revistadigital.globo.com/>, a cantora afirmou: “a música me deu autonomia financeira, a possibilidade de ser ouvida e um lugar no mundo como mulher e preta”.

A literatura tem assumido um importante papel na sociedade, por isso é através dela que muitos pensamentos são difundidos e muitos aspectos que marcaram a história da humanidade têm ganhado uma nova página. Lancemos nosso olhar para a história das mulheres, essas que “são a própria sorte”, como Luedji Luna nos coloca em sua canção *Um corpo no mundo*⁷. A literatura nos apresenta muitas histórias, muitas personagens e a memória das pessoas que foram silenciadas pelas chamas de tantas fogueiras instauradas socialmente.

Neste capítulo, trazemos ao centro das discussões considerações a respeito da história das mulheres, além de reflexões acerca da teoria crítica da corrente de feminismo decolonial, a fim de estabelecermos uma ponte entre a literatura e a sociedade e compreendermos a escrita feminina enquanto um ato e um espaço de resistência que tem sido fundamental na construção e na formação da identidade feminina.

Nesse viés, tratamos de ponderar sobre a ideia de bruxa, buscando compreender como a sociedade definiu quem era ou não uma bruxa; além disso, colocamos em evidência a importância desses conhecimentos uma vez que parte da história dessas mulheres tem sido ocultada ao longo do tempo.

Ainda neste capítulo, trazemos discussões que dialogam com a forma da bruxa ser caracterizada na literatura produzida por diferentes autores em períodos distintos, visto que é uma arte de valor histórico e documental.

⁷ Canção: “Um corpo no mundo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-G7LC6QzTA>. Acesso em: 10 jan. 2023.

2.1 A construção do arquétipo de bruxa na literatura

*Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima*

*Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar*

*E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar*

(Juliana Strassacapa)

Segundo a tradição católica, na Idade Média, a bruxa era vista como a mulher que cometia feitiçaria e tinha um comportamento que ia de encontro aos dogmas e preceitos estabelecidos pela Igreja. Nesse sentido, compreendemos que a trajetória feminina é marcada por períodos difíceis e que na maioria das vezes terminaram em muitos infortúnios, assim como a “a fêmea, alvo de caça” da canção de Juliana Strassacapa, - interpretada pela banda Francisco el Hombre- a mulher ainda hoje é perseguida e julgada, e muitas vezes definida pelas imposições sociais patriarcais. Por isso, têm sido imprescindíveis as lutas e os movimentos políticos, sociais e filosóficos para que nossa existência não seja definida e subjugada injustamente.

Diante dessa discussão, relembramos que no contexto medieval, “a inquisição se empenhou decisivamente em assimilar a feitiçaria à heresia.” (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 90). Nessa época, todas as pessoas que fossem contrárias ao que era estabelecido e instituído pela Igreja, também recebiam uma pena e pagavam pelas ações que os tribunais inquisitórios julgassem como erradas. Sabemos que

Durante o início do período moderno da história da Europa, que se estende aproximadamente de 1450 a 1750, milhares de pessoas, em sua maior parte mulheres, foram processadas pelo crime de bruxaria. Aproximadamente metade desses indivíduos foram executados, de modo geral, pelo fogo. Alguns julgamentos por bruxaria tiveram lugar nos vários tribunais eclesiásticos da Europa, instituições que desempenharam importante papel na regulamentação da vida moral e religiosa dos europeus durante a Idade Média e início do período moderno. (LEVACK, 1988, p. 01).

No entanto, é necessário destacarmos que essa caça às bruxas não esteve limitada apenas à Europa, pois, muitas mulheres da África e demais territórios continentais também foram alvo dessa caça e de uma demonização feminina. Conforme apontam Russel e Alexander (2019), por volta de 1450 e 1750 houve uma intensa caça às bruxas e há uma correlação social entre a bruxaria e as mulheres que é grandemente acentuada, uma vez que durante o período em que perdurou tal caça, o número de mulheres chegou a ser o dobro, comparado ao número de homens acusados de serem bruxos. Estima-se que cerca de 110 mil pessoas foram torturadas pelos crimes de bruxaria, sendo executadas cerca de 40 a 60 mil. A história da bruxaria é, por assim dizer, uma investigação de um conceito; é também uma tentativa para entender as condições e interações sociais que encorajaram esse conceito, conforme nos apresenta Russel e Alexander (2019).

A construção de sentido do termo bruxa, nos remete ao inglês *witch*, que deriva de *wicca*, bruxo masculino e *wicce*, que é a bruxa feminina; tempos depois, a palavra *witch*, passou a corresponder semanticamente tanto ao gênero masculino, quanto ao feminino. Além disso, de acordo com Russel e Alexander (2019), por volta de 1425, um novo termo foi associado: *Wizard*, que se referia a a mago ou mágico, mas apenas em 1825 trouxe a conotação semântica de bruxa.

Frisamos que existem muitos questionamentos em torno da ideia de bruxa e de feiticeira, além das notáveis divergências sociais entre a bruxa mulher e o bruxo homem, pois a conotação dessa definição atribuída ao homem, socialmente não têm o mesmo peso significativo de quando é dado à mulher. Alguns historiadores e antropólogos afirmam que não há diferença, no entanto, outros tendem a adotar uma diferença dita “africana”, pois, segundo a crença é de que seriam povos

[..] considerados magos maléficos, que usam objetos materiais, tais como ervas e sangue para realizar encantos malignos, e aqueles que prejudicam os outros por meio de uma qualidade inerente e invisível que possuem (por exemplo, sacudindo uma vara de condão e entoando uma cantilena a fim de matar alguém). (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 21).

Consideramos que diversas perspectivas coexistem a respeito dessa conceituação; conseqüentemente, Russel e Alexander (2019) compreenderam a feitiçaria como uma magia praticada em todo do mundo, benéfica ou maléfica e associam o termo bruxaria à ideia de bruxaria diabólica, além do mais, acrescentam que a feitiçaria é uma magia automática em que se apresenta os resultados correspondentes ao que é praticado e/ou desejado. Além disso, ainda de acordo com os citados pesquisadores, a feitiçaria ocorre

em quase todas as sociedades do mundo. É também o elemento mais antigo e o mais profundo no conceito histórico da bruxaria. Conforme os pesquisadores destacam

Foi no começo do século XIV que se observou pela primeira vez, o uso perverso das acusações de bruxaria para fins políticos. Nesse primeiro estágio de perseguição, os acusados eram frequentemente os clérigos ou outras pessoas letradas, capazes de ler e escrever magia. (No fim do século XIV, as acusações ampliaram com vistas a atingir pessoas comuns. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 97).

Ainda de acordo com os pesquisadores, Bernarndo Gui, um inquisidor, afirmou que a bruxaria era um pacto com diabo e uma heresia, nesse caso, o Tribunal da Inquisição tinha o dever de processar os hereges, assim, processava e perseguia também as bruxas. Além disso eles destacam que “foram os políticos, não os inquisidores, os responsáveis pelo infame julgamento dos Templários em 1305-1314. (RUSSEL; ALENXADER, 2019, p. 97).

No contexto social, percebemos que a figura feminina da bruxa é constantemente associada a algo negativo, o termo “bruxa” é usado como forma de diminuir as mulheres e também um estereótipo coletivo de as associar ao conceito de mulher “feia”, ou a uma mulher que não segue os padrões de beleza que estão arraigados na sociedade há muito tempo. No imaginário coletivo e social foi construído um tipo de arquétipo, uma forma que historicamente se perpetua, pois

Se você perguntar a seus conhecidos o que é uma bruxa, provavelmente eles lhe dirão que bruxas não existem. Bruxas, afirmarão eles, são personagens imaginários, representados como velhas horrorosas, com verrugas no nariz, chapéus compridos e pretos em forma de cone, montadas em cabos de vassoura, que criam gatos pretos e dão gargalhadas malignas, bastante parecidas com cacarejos. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 11).

Na ficção, desde o surgimento da literatura infantil no século XVIII, como se tem conhecimento hoje, a personagem bruxa tem estado presente e povoado a imaginação dos diferentes leitores, uma vez que ela é marcante no universo da criança e tem permanecido nas principais histórias feitas para o público infante juvenil, em diferentes lugares e por diversos tempos. Podemos destacar que a

[...] literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. (COELHO, 2000, p. 27).

Conforme as necessidades e exigências das sociedades e do público leitor, algumas histórias ganharam e/ou perderam personagens, bem como receberam diferentes

conotações nos enredos, de acordo com suas recontagens e adaptações, materializando esse fenômeno da criatividade que povoa a imaginação. Conforme a pesquisadora Oliveira (2021)

Em uma tentativa de mudar os paradigmas culturais e sociais, contos de fadas são reescritos considerando a criação de heroínas ativas que combatam o impacto negativo que a passividade trouxe ao estereótipo feminino. Revisar ou revisitar o cânone com um olhar crítico faz parte da escrita feminista. Ao desafiar a tradição, evidencia-se a escrita que a incorpora, consolidando um diálogo com a tradição herdada, aberta ou secretamente. (OLIVEIRA, 2021, p. 23).

Isso passou a ocorrer porque nas distintas literaturas, a mulher bruxa, ao longo dos anos, foi descrita como vilã das histórias, principalmente nos contos infantis; assim, essa personagem sempre esteve em oposição ao herói, sendo ela a responsável, em muitas narrativas, pelo fim trágico, ou pelo sofrimento das protagonistas. A personagem mulher, por exemplo, nos contos de fadas é um reflexo de uma sociedade tradicional e patriarcal, fazendo-nos crer que o homem ou um herói terá a resolução dos conflitos vivenciados por ela. A bruxa, vilã, em muitos contos infantis, causa o mal e é punida pelas suas ações, Oliveira (2021) desperta-nos para a ideia de que o

[...] caráter sexista e misógino dos contos de fadas aborda papéis femininos ideais de passividade, abnegação, obediência e sacrifício. Tais narrativas, em contrapartida, preparam os homens para serem competitivos, autoritários, racionais. O discurso masculino é tido como natural e os contos de fadas tradicionais trabalham na função de manter os mecanismos sociais a partir dos quais foram criados. (OLIVEIRA, 2021, p. 24).

Concordamos que o discurso masculino foi/é muito naturalizado nos contos de fadas, sobretudo a partir da perspectiva de que, na maioria das narrativas, é o homem responsável por trazer um desfecho para os infortúnios vividos pelas princesas, assim como ocorre em *Branca de Neve*, que tem a vida transformada ao casar-se com um príncipe, ou a *Bela adormecida* que ao ser beijada por um príncipe acorda do sono profundo.

É muito provável que todo estudante tenha contato com alguma personagem bruxa ao longo da formação escolar, pois elas estão presentes em muitas histórias da literatura e da cultura popular, como por exemplo:

A Rainha Má de *A branca de Neve* de Walt Disney, o desempenho de Margaret Hamilton como a bruxa Malvada do Oeste em *O mágico de OZ* e, por trás delas, uma longa tradição artística que se estende do século XII a Goya, fixaram essa imagem em nossas mentes. Provavelmente, nenhuma bruxa, em tempo algum, jamais teve essas

características desse estereótipo. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 11).

Em contos de fadas infantis como *João e Maria*, *Branca de Neve e os sete anões*, *Cinderela*, *Rapunzel* e tantos outros desse universo lúdico, temos a caracterização da bruxa como uma figura horrenda que causa o mal e prejudica os heróis a partir das ações que desempenha na narrativa. Oliveira (2021, p. 97) destaca que “com o conto de fadas de Branca de Neve, aprendemos que as mulheres se tornaram párias de si mesmas, porque assim foram orientadas. A mãe se caracteriza como boa porque faz parte de uma introjeção do mito, enquanto a madrasta é má devido a uma projeção de nossos medos.”

Pensando na literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato assume um espaço de destaque e nos apresenta a personagem Cuca, em *O sítio do Pica-pau amarelo*. Ela tem forte influência da tradição popular, até mesmo para as cantigas de ninar, uma vez que se reconhece essa bruxa como aquela que faz o mal às crianças que não querem dormir ou que apresentam um comportamento considerado perverso ou negativo, isto é, fora dos padrões sociais.

Sabendo que os contos de fadas surgiram da tradição oral, a caracterização de muitas personagens pode ter sido modificada ao longo do tempo, seja em cada prática discursiva, ou em cada contação de histórias e, conseqüentemente, quando passaram a ser escritos e recontados. Na literatura, conhecemos H. C. Andersen como um autor de contos infantis, assim como Charles Perrault, e os irmãos Grimm, que também se destacaram na produção de obras endereças ao universo infantil, trazendo para o texto escrito as histórias que antes eram transmitidas apenas oralmente. Isso fez com que diferentes e variados contos do imaginário coletivo fossem perpetuados e espalhados em diferentes espaços geográficos e por muito tempo, conseqüentemente, estando presentes até hoje

Na maioria das histórias infantis, que foram escritas por eles, podemos perceber e reconhecer a presença da personagem bruxa com os traços fortemente marcados pela tradição de reconhecê-las como um tipo de força do mal. Segundo Oliveira (2021, p. 99) “os contos de fadas são considerados histórias do inconsciente coletivo. A interpretação da condição humana é um pressuposto para sua permanência enquanto manifestação cultural ao longo do tempo e em diversos lugares.” Sendo assim, a compreensão, muitas vezes é de caráter subjetivo e ela é atravessada pelos aspectos sociais, culturais e históricos pelos quais o leitor se encontra e/ou permanece inserido.

Por exemplo, o que se entende e o que se sabe sobre a bruxa na literatura infantil, na maioria das vezes, é que ela é a personagem que tem atitudes negativas e que tenta causar o mal na vida das protagonistas e dos mocinhos, mas essa compreensão é fruto de um lugar em que o leitor se insere a partir da leitura. Conforme Coelho (2000) registra, o conto de fadas

[...] é de natureza espiritual/ética/existencial. Originou-se entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além vida e visavam a realização interior do ser humano. Daí a presença da fada. Cujo nome vem do termo Latino “*fatum*”, que significa destino. (COELHO, 2000, p. 173).

Nesse sentido, levando-se em consideração o contexto dos contos de fadas, nós também identificamos a presença da personagem *fada* e há uma relação de antagonismos que é facilmente percebida na distinção entre ela e a bruxa. Nesse universo ficcional voltado para as crianças, a fada é construída a partir do arquétipo de bondade, fisicamente bonita, singela, com asas que brilham, possuindo poder de realizar desejos e sonhos. No entanto, a bruxa é descrita como a personagem malvada, feia e que usa seus poderes para promover situações negativas. A fada é responsável pelos atos de coragem, de realização de desejos e resultam na conquista de algo positivo, considerado apropriado no enredo das narrativas direcionadas ao público infantil. Enquanto as bruxas são dotadas de perversidades, de acordo com o que a história registra,

[...] segundo a Tradição, as fadas são seres imaginários, dotados de virtudes positivas e poderes sobrenaturais, que interferem na vida dos homens para auxiliá-los em situações-limite (quando nenhuma solução natural poderia valer). A partir do momento em que passam a ter comportamento negativo, transformam-se em bruxas. A beleza, a bondade e a delicadeza no trato são suas características comuns. (COELHO, 2000, p. 174).

Segundo Russel e Alexander (2019), as bruxas realmente existem na sociedade e a bruxaria é vista como uma religião de pleno direito por muitas instituições, até mesmo as forças armadas e o sistema legal dos EUA. No entanto, nenhuma das mulheres que são vistas como bruxas correspondem a esse tipo de estereótipo que povoa a imaginação, a não ser na ficção e nos bailes e festas à fantasia. Destacamos também que a figura da bruxa está quase sempre relacionada aos sortilégios, à feitiçaria, à negatividade e ao mal, pois isso envolve um aspecto histórico, que foi a associação da mulher ao demônio, haja vista que, “[...] antes que a Igreja fizesse a ligação da bruxaria com o Diabo, os poderes das bruxas não eram maléficis, nem elas perniciosas à sociedade”. (BARROS, 2001, p. 338).

Consequentemente, na literatura a bruxa é construída arquetipicamente, assim, a atividade imaginativa também nos leva a percebê-las com os mais comuns estereótipos. Assim, o arquétipo é um elemento recorrente na literatura e sua construção nos ajuda a compreender e entender os aspectos sociais que envolvem a maneira como a figura da bruxa tem sido construída no imaginário coletivo e social, dessa forma,

[...] tudo o que é psíquico é pré-formado, cada uma de suas funções também o é, especialmente as que derivam diretamente das disposições inconscientes. A estas pertence a fantasia criativa. Nos produtos da fantasia tornam-se visíveis as "imagens primordiais" e é aqui que o conceito de arquétipo encontra sua aplicação específica. (JUNG, 2000, p. 90).

Ademais, nas diversas literaturas que temos visto surgir, seja de períodos ou Línguas diferentes, percebemos que muitas proposições e suposições imaginárias vão sendo criadas a respeito da forma como enxergamos as personagens bruxas. Isso contribui significativamente para a construção da ideia de que a literatura é capaz de nos aproximar de um novo mundo, pois ela tira o leitor de um lugar em que ele se encontra e o questiona sobre diferentes enfrentamentos do/sobre o mundo a partir da escrita. Ademais, compreendemos que “[...] todo imaginário possui sua carga simbólica que nada mais é que a potência constitutiva que coordena o pensamento a nunca poder intuir objetivamente uma coisa, mas a integrá-la imediatamente num sentido.” (DURAND, 1989, p. 21). Nesse contexto, “[...] é possível supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pelas repetições de reações subjetivas.”, (JUNG, 1928, p. 61).

Salientamos ainda que

[...] do mesmo modo que os sonhos são constituídos de um material preponderantemente coletivo, assim também na mitologia e no folclore dos diversos povos certos temas se repetem de forma quase idêntica. A estes temas dei o nome de arquétipos, designação com a qual indico certas formas e imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones individuais de origem inconsciente. Os temas arquetípicos provêm, provavelmente, daquelas criações do espírito humano transmitidas não só por tradição e migração como também por herança. Esta última hipótese é absolutamente necessária, pois imagens arquetípicas complexas podem ser reproduzidas espontaneamente, sem qualquer possibilidade de tradição direta. (JUNG, 1977, pp. 55-56).

É mister a reflexão de que o processo da imaginação está ligado à realidade em que o leitor está inserido, então, conforme pontua Lajolo (2008), é à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, ou seja, as várias

sensibilidades, assim como também valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias e até mesmo as suas crenças. Portanto, é nesse imaginário coletivo que os aspectos históricos, sociais e culturais nos ajudam a compreender a dinâmica da criatividade e a pensarmos acerca da construção dos arquétipos em torno da personagem bruxa.

Ressaltamos que a configuração da bruxa tanto no cinema quanto na Literatura, é estigmatizada e aponta para a construção de uma personagem que tem uma relação direta com a maldade e com a ideia de demônios e diabo. É necessário destacarmos que

[...] algumas pessoas podem imaginar vagamente que bruxas praticam alguma coisa parecida com vodu. Isso é sinal de que tais pessoas interpretam mal tanto a bruxaria como o vodu. O vodu é uma religião que combina o cristianismo com o paganismo africano, e seus rituais são praticados como meio de proteção contra a bruxaria. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 11).

Nesse caso, conforme é explicitado na citação acima, é visto que ao longo dos anos muitas situações são julgadas de forma errônea pela falta de conhecimento e entendimento em relação aos mais diversos aspectos, ressaltando, principalmente o que diz respeito ao que é direta ou indiretamente ligado à religião. Talvez seja por este e tantos outros motivos que o mundo enfrentou e, infelizmente, ainda enfrenta guerras por motivações religiosas, precisamente intolerância religiosa.

Verifica-se nesse contexto que, mesmo a bruxa tendo ganhado mais evidência na literatura, não podemos deixar de abordar a ideia e o pensamento povoado de negatividade a respeito dessa representação feminina, uma vez que os modelos que vemos hoje são carregados de traços que nos sugerem uma constante associação ao ideal de iniquidade.

De acordo com o Houaiss (2001), é possível definir uma bruxa como a mulher que tem fama de se utilizar de supostas forças consideradas sobrenaturais com o intuito de causar malefícios, perscrutar o futuro e fazer sortilégios, portanto, uma feiticeira. Destacamos como exemplo, as três bruxas presentes na peça *Macbeth*, escrita por volta de 1606, considerada umas obras mais contundentes de Shakespeare, figura emblemática de um dramaturgo britânico. Na referida peça, essas três mulheres definidas como bruxas são capazes de fazer com que as ações tomem diferentes rumos a partir das suas profecias.

Nessa tragédia, William Shakespeare foca na ambição humana, nos conflitos causados pela necessidade de poder e de cobiça desmedida, sobretudo todas as ações são realizadas a partir da profecia de três misteriosas bruxas. A tragédia de *Macbeth* é

ambientada na Escócia, durante o século XI. Nesse caso, temos como personagens principais os generais Banquo, Macbeth e a esposa Lady Macbeth, Malcon que é filho do rei Duncan, rei da Escócia, e ainda Macduff, um nobre escocês. Tudo se desenrola quando Banquo e Macbeth retornavam de uma batalha; no caminho de volta para casa, deparam-se com três bruxas que fazem uma profecia de que Macbeth se tornará um barão e depois rei, com isso os filhos de Banquo serão os próximos soberanos. A partir desse enredo, pode-se dizer que *Macbeth* é uma peça que pode nos levar a diversas reflexões e diferentes aprendizagens, de modo particular, sobre um contexto histórico, considerando-se que é possível que o leitor estabeleça um diálogo com o texto, com o contexto de produção, a sua experiência estética e o próprio prazer estético a partir da leitura dessa peça.

2.2 Repressão, opressão e patriarcado: Enfrentando as leis para a sobrevivência

*Soou a voz
Insubmissa voz
Insubmissa negra voz...
É que o sistema quebra quando a gente se ama!*
(Maíra Baldaia)⁸

Na sociedade ocidental, a dominação masculina foi instaurada ao longo dos tempos (BOURDIEU, 2010); assim, às mulheres foi imposto o papel de subalternização. Em conformidade com essa posição social que a elas era compulsória, precisaram, na maioria das situações, seguir as ordens e alimentar os mais distintos desejos do homem/dominador. Nesse sentido, relembramos que durante a vigência do feudalismo, as mulheres eram responsáveis pelas posses dos feudos que seriam entregues à família, no entanto, os senhores feudais faziam uso desse “poder” delegado às servas para aproveitarem-se do serviço, do corpo e da vida delas. Logo, a História narra que

[...] era o senhor que mandava no trabalho e nas relações sociais das mulheres, e decidia, por exemplo, se uma viúva deveria se casar novamente e quem deveria ser seu esposo. Em algumas regiões reivindicavam, inclusive, o *ius primae noctis*- o direito de deitar-se com a esposa do servo na noite de núpcias. A autoridade dos servos sobre suas parentas também estava limitada pelo fato de que a terra era entregue geralmente à unidade familiar, e as mulheres não somente trabalhavam nela, mas também podiam dispor dos produtos do seu trabalho e não precisavam depender dos seus maridos para se manter. (FEDERICI, 2017, p. 52).

⁸ Maíra Baldaia é cantora e compositora, além disso também é atriz e diretora de comunicação, traz em suas músicas o afro pop, em letras que nos permitem reconhecer o quanto nossa história é significativa.

Do ponto de vista dos estudos da italiana Silvia Federici, percebemos que a formação da sociedade traz a figura feminina em uma posição de inferioridade, por este motivo é pertinente a discussão acerca dos ideais que foram sendo quebrados e destituídos ao longo desse processo de legitimação de diversas lutas históricas, que ocorreram em busca da igualdade e das melhores condições para se viver nesse mundo de abjeções.

De acordo com a citação acima, evidenciamos que mesmo que essas mulheres não dependessem de seus companheiros para viverem, muitas delas eram obrigadas a manterem relações sexuais com os seus senhores, nesse sentido, entende-se que a dignidade delas ainda era violada. Segundo a historiadora e pesquisadora Gerda Lerner (2019, p. 65) “o pensamento patriarcal é construído de tal modo em nossos processos mentais, que não podemos excluí-lo se não tomarmos consciência dele, o que sempre significa um grande esforço.” Isso porque ele está enraizado, dito isso entendemos o motivo pelo qual o machismo está estruturado em muitas sociedades.

Conforme Federici (2017) nos coloca, muitas lutas da Idade Média devem ser lembradas porque elas escreveram um novo capítulo na história da libertação das mulheres, assim como Maíra Baldaia aborda na canção *Insubmissa* apresentada na epígrafe desta discussão, “é que o sistema quebra quando a gente se ama”. Isso nos permite a compreensão de que a mulher quando se faz ouvida e pode ser a voz para representar tantas outras no âmbito social, faz com que os diferentes sistemas instaurados socialmente sintam-se ameaçados e acuados, pois fazer ecoar a voz das mulheres é quebrar o monopólio de dominação masculina e poder ouvir e se fazer ouvida nas diversas instituições sociais.

Ressaltamos que de acordo com a História, a mulher foi invisibilizada de várias maneiras, em diferentes tempos, lugares e culturas. No entanto, os estudos atuais têm dado um espaço de destaque para a construção e para a divulgação da história feminina, nessa perspectiva o intuito tem sido trazer à sociedade a constituição da identidade da mulher, formada através de grandes desafios e guerras tanto físicas quanto psicológicas. Logo, compreendemos que

[...] No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra. A narrativa histórica tradicional lhes dá pouco espaço, justamente na medida em que privilegia a cena pública – a política, a guerra - onde elas aparecem pouco. A iconografia comemorativa lhes é mais aberta. A estatuaría mania cara à IIIª República, semeou silhuetas femininas pela cidade. Mas alegorias ou símbolos, elas coroam os grandes homens ou se prostram a seus pés - relegando um pouco mais no esquecimento

as mulheres reais que os apoiaram ou amaram e as mulheres traidoras cuja efigie lhes fazia sombra. (PERROT, 2005 p. 33).

A citação acima, da respeitada historiadora francesa, leva-nos à compreensão de que muitos aspectos sobre a história das mulheres ficam no âmbito do esquecimento. Há um silenciamento das lutas sociais coletivas que caem na sombra dos relatos históricos e colocam os homens como protagonistas, elegendo-os como “verdadeiros heróis”. Por isso as discussões atuais acerca da história das mulheres têm ganhado força e espaços, pois urge mostrarmos o protagonismo delas na luta pela existência e pela igualdade de direitos.

Nesse contexto, a discussão nos leva à necessidade de buscarmos uma compreensão ou motivação para esse silenciamento e para essa destrutiva ambição em tirar das mulheres as suas vozes. Sabemos que por muito tempo as decisões importantes da vida de uma mulher não partiam de seus desejos ou de suas vontades, pois, em sua condição de subalternizada, apenas lhes cabia o dever de acatar uma decisão que lhe era delegada por um homem; muitas vezes os pais, esposos, filhos e os representantes da sociedade, tais como os líderes de governos ou de modo muito mais intenso, os ligados à religião. Logo,

[...] os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como “naturalmente” inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família. (OKIN, 2008, p. 308).

À vista disso, entendemos que a construção das sociedades eminentemente estruturadas no modelo patriarcal tem refletido até os dias atuais. Conforme se reconhece historicamente, essa formação social nas bases do patriarcalismo estabelecia que os casamentos deveriam ser arrançados, como um tipo de contrato social, além disso, precisavam levar em consideração os fatores financeiros, posições sociais privilegiadas e sobretudo a proximidade de ideias, religiões e pensamentos, bem como uma determinada compatibilidade entre as famílias de poder político e econômico. A grande parte desses fatores interessava majoritariamente aos homens; e, à figura feminina cabia obedecer e aceitar, tendo em vista que o lugar de questionamento não era destinado à nenhuma mulher, pois não tinham apoio e nem voz nas decisões que eram tomadas, conseqüentemente,

[...] as que viviam sem o apoio da família patriarcal, especialmente de pai ou marido, tinham pouca influência e quase nenhuma proteção legal e social que garantissem reparação para eventuais injustiças que viessem a sofrer. Tinham de se resguardar como podiam. Visto que

estavam alijadas dos mecanismos formais vigentes, elas tinham de recorrer a estratégias típicas de grupos socialmente marginalizados. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 143).

Acerca da citação acima, sabe-se que isso ocorreu em diferentes culturas e, inclusive, ainda perdura principalmente nas culturas islâmicas, por exemplo, em lugares onde as mulheres são atormentadas pelo reflexo de uma estrutura social patriarcal dominadora e sobretudo pelos aspectos religiosos. Segundo Lerner (2019, p. 224) “não foi, portanto, inevitável o surgimento de um sacerdócio exclusivamente masculino”, além disso a pesquisador ainda destaca que as principais metáforas de gênero da Bíblia foram as da Mulher, “criada da costela do homem, e de Eva, a sedutora, fazendo com que a humanidade caísse em desgraça. Por mais de mil anos, isso é citado como prova da subordinação da mulher como castigo divino”, (Lerner, 2019, p. 227).

Ressaltamos que na Idade Média, as relações sociais eram comandadas pela soberania masculina, o amor conjugal até poderia existir, no entanto era visto como um tipo de “golpe de sorte”, ou triunfo da vida, pois,

[...] nesse sentido, o holismo familiar é total na Idade Média, principalmente na aristocracia, dominada pelas estratégias de linhagem. O apoio da Igreja foi fundamental, ao instituir o casamento como um dos sacramentos, ligado, em princípio, ao consentimento dos esposos. (PERROT, 2019, p. 47).

Sob essa ótica, é possível a percepção de que nesses primórdios da história, as mulheres eram comparadas a um capital, fruto de uma tirania opressora e dominadora, um tecido da conjuntura social imposta. Conseqüentemente, entende-se que

[...] a dependência das mulheres em relação aos homens na comunidade servil estava limitada pelo fato de que, sobre a autoridade de seus maridos e de seus pais, prevalecia a autoridade dos senhores, que se declaravam em posse das pessoas e da propriedade dos servos e tentavam controlar cada aspecto de duas vidas, desde o trabalho até o casamento e a conduta sexual. (FEDERICI, 2017, p. 52).

Nesse caso, preparadas para os serviços do seio familiar, controladas e sendo desde pequenas ensinadas através de uma pedagogia da esposa adequada, ou boa esposa, institucionalizada pelo casamento, valorizando e organizando a ideia da castidade e colocando-as como propriedade de dominação masculina, sendo a mãe, a dona de casa e a serva do pai, do marido, dos filhos e dos seus senhores feudais. Destacamos também que “os papéis e o comportamento considerados apropriados aos sexos eram expressos em valores, costumes, leis e papéis sociais. Também, e de forma mais significativa eram

manifestados em metáforas primordiais, as quais se tornaram parte da construção social.” (Lerner, 2019, p. 261). Nesse contexto percebemos que:

A mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências. E isso se acentua mais porque, na cultura judaico-cristã, ela é constrangida ao silêncio em público. Ela deve ora se ocultar, ora se mostrar. Códigos bastante precisos regem suas aparições assim como as de tal ou qualquer parte do seu corpo. Os cabelos, por exemplo, condensam sua sedução. (PERROT, 2019, p. 50).

Dessa forma, constrangidas e silenciadas publicamente, muitas mulheres são praticamente obrigadas a seguirem os padrões e os estereótipos criados para enquadrar, segregar e dividi-las em grupos sociais, tais como: mulheres brancas/ negras, magras/gordas, altas/baixas, classe alta/baixa, mãe, donas de casa, servas etc. Ora devem se mostrar, ora devem calar-se, caminhamos lado a lado a um paradoxo que privilegia e atende aos desejos e às decisões masculinas, já as mulheres

[...] passaram a representar a tentação dos homens. Homens que faziam funcionar as engrenagens do Estado, da religião e do saber; homens cujas almas eram, na prática- senão também na teoria-, mais importantes. De modo geral, a teologia e a tradição cristãs mantiveram essa misoginia dentro de certos limites, mas, por vezes, ela explodiu em crueldade. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 145).

Diante da citação acima, ressaltamos o quanto a tradição e a consolidação do pensamento enraizado nos valores e leis cristãs contribuíram para que o papel da mulher fosse, por vezes, subalternizado, mantendo uma misoginia que, hoje, temos tentando combater. Isso, porque foram/são vários os estereótipos e os paradigmas que foram criados para encaixá-las, conforme aborda Perrot (2019), até mesmo o cabelo feminino é um objeto, símbolo de sedução e sensualidade, por isso muitas culturas pregam em seus costumes que elas devem cobri-los, em outras fica praticamente inviabilizado o corte, de tal modo, “[...] o primeiro mandamento das mulheres: a beleza. “seja bela e cale-se” é o que se lhe impõe” (PERROT, 2019, p. 50). De acordo com Federici (2017), cresceram os estudos feministas a partir de 1970, principalmente a respeito do controle reprodutivo da mulher e dos discursos sobre os corpos e principalmente sobre os efeitos dos estupros e dos maus-tratos, além da imposição da beleza como uma condição de aceitação social.

Diversas imposições sociais são colocadas às mulheres e ainda é facilmente identificável uma disparidade nas relações sociais voltadas aos espaços laborais, pois o mercado de trabalho ainda tem sido misógino. O mundo do trabalho, infelizmente, é um espaço e uma posição predominantemente masculina, pois são muitas e diferentes as

formas de negação da aplicação do direito de exercer atividade trabalhista, já que a capacidade das mulheres é contestada, principalmente ao exercer cargos de gerência, presidência, entre outros que são ocupados majoritariamente por homens, uma vez que a sociedade capitalista tem medo do poder feminino, já que o capitalismo precisou destruir: “a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver, a mulher *obeah*⁹ que envenenava a comida do senhor e incitava os escravos à rebelião.” (FEDERICI, 2017, p. 24).

Por tal, aprofundamos essa discussão no subtópico seguinte, uma vez que consideramos pertinente compreendermos acerca da relação entre o capitalismo e a história das mulheres, sobretudo no contexto que se instaurou a caça às bruxas.

2.2.1 O medo de bruxa: reflexões sobre a relação entre o capitalismo e a perseguição às mulheres

Conforme já discutimos anteriormente, em um determinado momento da Idade Média, inclusive no contexto em que as sociedades estavam organizadas economicamente a partir do sistema feudalista, mulheres se uniam e estabeleciam entre si relações que futuramente culminaram nos movimentos sociais que temos hoje. Nesse caso, o modo como a história das mulheres tem sido contada, muitas vezes, parece-nos que elas só começaram uma organização coletiva após a Revolução Francesa, no entanto, é preciso destacar que

[...] na sociedade medieval, as relações coletivas prevaleciam sobre as famílias e que a maioria das tarefas realizadas pelas servas (lavar, fiar, fazer a colheita e cuidar dos animais nos campos comunais) era realizada em cooperação com outras mulheres, nos damos conta de que a divisão sexual do trabalho, longe de ser uma fonte de isolamento, constituía uma fonte de proteção para as mulheres. Era a base de uma intensa sociabilidade e solidariedade feminina que permitia às mulheres enfrentar homens, embora a Igreja pregasse pela submissão e a Lei Canônica santificasse o direito do marido a bater em sua esposa. (FEDERICI, 2017, p. 53).

Estas lutas feministas datam de 1960, no entanto, as forças femininas já revolucionavam desde a Idade Média, quando reunidas nos campos, trabalhando e servindo aos seus senhores várias mulheres se uniam para questionarem a respeito dos

⁹ Obeah é uma forma de religião ou culto de ancestrais africanos. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/m03x148?hl=pt>. Acesso em: 07 set. 2022.

regimes estabelecidos, desse modo, com o reconhecimento do feminismo - que ocorreu tardiamente-, compreende-se que

[...] em particular, as feministas colocaram em evidência e denunciaram as estratégias e a violência por meio das quais os sistemas de exploração, centrados nos homens, tentaram disciplinar e apropriar-se do corpo feminino, destacando-se que os corpos das mulheres constituíram os principais objetivos- lugares privilegiados- para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder. (FEDERICI, 2017, p. 32).

Assim, tratamos dessa íntima relação: ascensão do poder feminino e o medo que os sistemas capitalistas tinham das mulheres; isto posto, induz-nos a compreender uma das raízes históricas que nos levam ao massacre e à perseguição das mulheres, pois

[...] É na luta antifeudal que encontramos o primeiro indício na história europeia da existência das raízes de um movimento de mulheres que se opunha à ordem estabelecida e contribuía para a construção de modelos alternativos de vida comunal. (FEDERICI, 2017, p. 45).

Nesse contexto, evidenciamos que nas raízes históricas dessa união feminina alguns aspectos foram silenciados, ou omitidos, por este motivo diversos pesquisadores têm se unido em busca da visibilidade dessas histórias que ficaram à sombra, uma vez que se sabe que

[...] a posição das mulheres nos feudos não pode ser tratada como se fosse uma realidade estática. O poder das mulheres e suas relações com os homens estavam determinados a todo momento, pelas lutas de suas comunidades contra os senhores feudais e pelas mudanças que essas lutas produziam nas relações entre senhores e servos. (FEDERICI, 2017, p. 53).

Nesse sentido, entendemos que à medida em que as mulheres reagiam e somavam forças contra a opressão, o medo se instaurava, conseqüentemente, é necessário destacarmos que

[..] Marx nunca poderia ter suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação humana se tivesse olhado sua história do ponto de vista das mulheres. Essa história ensina que, mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas como seres inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão. (FEDERICI, 2017, p. 27).

Identificamos uma das conjecturas que fez com que os tribunais inquisitórios fossem estabelecidos para caçar às bruxas e (leia-se: matar mulheres), silenciar mulheres. Em tese, possuir determinado conhecimento e querer usá-lo fazia das mulheres as principais suspeitas pelos crimes que a Igreja considerou como bruxaria. A italiana Silvia

Federici nos apresenta alguns questionamentos marcantes acerca das acusações de bruxaria:

Por que as caças às bruxas foram dirigidas principalmente contra as mulheres? Como se explica que, ao longo de três séculos, milhares de mulheres se tornaram a personificação do “inimigo no meio de nós” e do mal absoluto? E como conciliar o retrato que inquisidores e demonólogos pintavam de suas vítimas como todo-poderosos, quase míticas criaturas do inferno, terroristas, devoradoras de homens, servas do diabo, que enlouquecidas percorriam os céus em cabos de vassouras-com as figuras indefesas das mulheres reais que eram acusadas desses crimes e, então terrivelmente torturadas e queimadas em fogueiras? (FEDERICI, 2019, p. 62).

Claramente nos perguntamos como, ao longo da História, tantas mulheres terem sido mortas por terem sido pintadas dessa forma. Além disso, questionar sistemas predominantemente masculinos e demonstrar interesse em fazer parte destes também as levaria às fogueiras. Federici (2017) pontua que o capitalismo, enquanto sistema econômico-social, está necessariamente ligado ao racismo e também ao sexismo. Além disso, o capitalismo precisa justificar e mistificar as contradições que foram incrustadas em suas relações sociais, tais quais

[...] a promessa de liberdade frente à realidade da coação generalizada, e a promessa de prosperidade à realidade da penúria generalizada-difamando a “natureza” daqueles a quem explora: mulheres, sujeitos coloniais, descendentes de escravos africanos, imigrantes descolados pela globalização. (FEDERICI, 2017, p. 37).

A exploração e a perseguição às mulheres foram e ainda são enraizadas em uma cultura sustentada pelo poder do homem e se intensificou com a ascensão dos sistemas capitalistas, logo após o declínio do sistema feudal na Europa Ocidental. Federici (2019) assevera que o desenvolvimento do capitalismo começou com uma guerra contra as mulheres, ou seja, a caça às bruxas, que levou propagou a morte de inúmeras mulheres. Além disso, destacamos também o poder da religião, conforme já discutido, a influência do poderio religioso e a estrutura social majoritariamente patriarcal, permitiu que as mulheres fossem impedidas de ascender, no entanto, a união de forças femininas e o conhecimento foi um ponto crucial para que elas caíssem numa verdadeira armadilha. Nesse caso, a questão central é que muitas mulheres ao serem consideradas sábias foram admitidas pela Igreja Católica como hereges, assim essa

[...] ligação entre bruxaria e heresia fomentou a ênfase sobre as mulheres. Há tempos os historiadores observaram que as mulheres eram mais influentes na heresia do que em outros domínios da sociedade medieval. As mulheres ao verem-se impedidas de ascender a posições

de influência no *establishment*¹⁰, voltaram-se para a heresia. Os valdenses, por exemplo, permitiam a pregação por mulheres, e os cátaros ¹¹admitiam-nas nas fileiras dos *perfecti*¹². A relativa importância feminina na heresia e nos processos por heresia transferiu-se facilmente para bruxaria e para os julgamentos de bruxas. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 144).

Destaque-se que nesse contexto, era relativamente mais propício acusar e julgar mulheres, sob diversos motivos. Parece-nos que as mulheres, desde muito tempo, são julgadas simplesmente por serem mulheres, pois propaga-se um discurso de fragilidade que as coloca à margem do poder social, invalidando seus conhecimentos ações e decisões, “os incêndios premeditados, por exemplo, eram frequentemente atribuídos a mulheres de idade, dado ser um crime passível de ser perpetrado clandestinamente e sem uso de força física”. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p.143). Assim, é claramente difundida a ideia de que

[...] a própria fragilidade de posição social feminina, sobretudo viúvas e solteiras, tornava mais seguro acusar mulheres do que homens, cuja força política, financeira, legal e até física deixava o acusador mais exposto a represálias. Uma anciã fisicamente fraca, socialmente isolada, financeiramente necessitada e legalmente impotente só podia oferecer seus feitiços como forma de dissuasão. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 144).

Entender esse percurso da História das mulheres, de modo especial essa relação entre a vigência do capitalismo na sociedade e a caça às bruxas, nos leva à compreensão de que não era preciso algo tão severo para acusar uma mulher de bruxaria. O simples fato de ser uma ameaça ao sistema e à cultura de dominação masculina foi motivo suficiente para o silenciamento de tantas vidas. Nesse sentido, é mister a compreensão de que a misoginia foi recorrente durante a caça às bruxas, além disso ela estava ancorada por uma tradição, pois

[...] A maioria das sociedades dispensou às mulheres uma posição inferior, e a misoginia da civilização ocidental foi alimentada por, pelo menos, três fontes: a tradição literária clássica, a religião hebraica e o dualismo. Na tradição literária clássica, os papéis femininos refletiram seu status na sociedade greco-romana, ou seja, o de subserviência em relação ao homem. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, pp. 144-145).

¹⁰ Segundo Santos (2022) *establishment* refere-se ao conjunto de forças que têm influência decisória dentro de uma sociedade.

¹¹ Os *cátaros* eram grupos denominados de hereges.

¹² De acordo com o dicionário Inglês *Collins*, os *perfecti* formavam um grupo de elite, caracterizado por um ascetismo extremo. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com>. Acesso em: 09 nov. 2022.

Entendemos que as feridas históricas que cercam a História feminina ainda não foram cicatrizadas, diversas intervenções e crueldades vistas no contexto atual têm sido sustentadas pela influência do passado. Desse modo, é preciso avançar, uma vez que o conhecimento que temos buscado nos ampara e nos dá base para findarmos com essa diferenciação e segregação entre os gêneros, tendo em vista que é atribuída à mulher a posição de inferioridade.

Segundo Lauretis (2019), nos escritos feministas e nas práticas culturais dos anos 1960 e 1970, o conceito de gênero como diferença sexual passava a fincar-se no centro das discussões, desse modo, serviu de alicerce para a estruturação e para as intervenções feministas no campo do conhecimento formal. Portanto, é no cerne do capitalismo que encontramos não

[...] apenas uma relação simbiótica entre o trabalho assalariado contratual e a escravidão, mas também, e junto com ela, a dialética que existe entre acumulação e destruição da força de trabalho, tensão pelas quais as mulheres pagaram o preço mais alto, com seus corpos, seu trabalho e suas vidas. (FEDERICI, 2017, p. 37).

Todavia, entendendo esse percurso, compreendemos a conjectura atual e também os enftretamentos femininos, pois de fato os sistemas contemporâneos ainda são fundamentados pelo medo da ascensão feminina. Nas sociedades modernas, já temos visto muitos lugares sociais ocupados por mulheres; entretanto, diversos fatores ainda são verificados negativamente, uma vez que ainda há diferença salarial entre homens e mulheres, além de exploração, assédio moral e sexual que, infelizmente, ainda estão presentes nos espaços e instituições sociais. Nesse sentido, é dada a compreensão de que

Por um lado, qualquer que seja sua posição no espaço social, as mulheres têm em comum o fato de estarem separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e fazem, e está na própria base de um conjunto sistemático de diferenças homólogas: há algo em comum, apesar da enormidade da distância, entre a mulher que, para ter a força de enfrentar a tensão ligada ao exercício do poder sobre os homens — ou ao meio masculino —, tem que se massagear a cada manhã, e a mulher da metalurgia, que tem que buscar na solidariedade das "companheiras" um conforto contra as provações ligadas ao trabalho em meio masculino, como o assédio sexual ou, simplesmente, a degradação da própria imagem e da autoestima infringidas pela feiura e sujeira impostas pelas condições de trabalho. (BOURDIEU, 2010, pp. 111-112).

Portanto, verifica-se na ordem social uma resistência em se admitir mulheres aos cargos que, ainda hoje, são chamados de “cargos masculinos”, pois este fato vai desde a construção civil até os altos cargos de governo, cargos de representatividade e que trazem o eco da voz feminina que há anos tem sido silenciada.

Segundo Saffioti (1994), a mulher foi incorporada no trabalho fabril de forma subalternizada, nesse sentido, entende-se que até hoje ela tem sido tratada assim em muitos espaços. Há muito o que conhecer e entender acerca da nossa história, além disso, há muito o que se espalhar acerca da nossa história, pois silenciar nunca foi nossa intenção.

2.3 Resistência às chamadas

O feminismo é uma urgência no mundo. O feminismo é uma urgência na América Latina. O feminismo é uma urgência no Brasil. Mas é preciso afirmar que nem todo feminismo liberta, emancipa, acolhe o conjunto de mulheres que carregam tantas dores nas costas. E não é possível que nosso feminismo deixe corpos pelo caminho.

Não há liberdade possível se a maioria das mulheres não couber nela.

(Talíria Petrone)

Ao refletirmos sobre os movimentos políticos e sociais que defendem e lutam pela garantia dos direitos das mulheres, destacamos a corrente de feminismo decolonial, pois esse movimento surge a partir das discussões que foram propostas através do feminismo negro, também conhecido por constituir a chamada 3ª fase do movimento feminista, ou interseccionalidade. A proposta decolonial é fazer com que nenhum corpo fique pelo caminho, conforme Petrone (2021) nos acrescenta na epígrafe desta seção, desse modo, “pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos”. (RIBEIRO, 2020, p. 07).

Esse movimento filosófico, político e social é reconhecido como terceira onda do feminismo. Assim, mulheres símbolo da luta antirracista ganharam destaque e contribuíram de maneira fundamental para o que estamos construindo atualmente a respeito dessa corrente. Reconhecemos como principais representantes dessa vertente teórica: Lélia Gonzales, bell hooks, Françoise Vèrges, Djamila Ribeiro, dentre tantas outras mulheres que vêm contribuindo significativamente nesse percurso histórico.

Temos compreendido que o feminismo tem sido uma urgência no mundo, mas é necessário que esse movimento não separe as mulheres, pois esse acolhimento e essa luta não podem deixá-las pelo caminho. É justamente nesse ponto que centramos nossas discussões sobre o feminismo decolonial, pois assim estaremos de fato trilhando em busca da igualdade entre gênero e também entre classe e raças. Assim, entendemos que

decolonizar os gêneros é necessariamente uma práxis. Trata-se de transformar uma crítica da opressão de gêneros-racializada, colonial, capitalista, e heretossexista- em uma mudança viva da sociedade; colocar o teórico no meio das pessoas em um entendimento histórico, humano, subjetivo/intersubjetivo da relação de oprimir, resistir na intersecção de sistemas complexos de opressão. Em grande medida, essa práxis tem que estar de acordo com as subjetividades e intersubjetividades que constroem e são construídas pela “situação” e precisa incluir um “aprender” sobre povos. (LUGONES, 2019, p. 363).

Vergès (2020) também nos apresenta questionamentos que estão centrados em torno dos pontos de convergência entre o feminismo branco e burguês, que ela identifica como feminismo civilizatório e o feminismo que abrange questões raciais (feminismo decolonial). Além disso, o feminismo não nos dá apenas uma análise sobre a opressão das mulheres. Ele vai além da opressão, fornecendo materiais que permitem que as mulheres entendam a sua situação sem sucumbir a ela (LUGONES, 2019).

Assim, entendendo o colonialismo como um domínio político e cultural sobre um determinado povo, podemos refletir e compreender acerca da necessidade dos estudos a partir da perspectiva decolonial, pois interessa-nos pensar como ele tem sido desenvolvido ao longo do tempo e das revoluções e lutas históricas enfrentadas. Destacamos que essa vertente do feminismo surge pelo fato de as mulheres negras não se sentirem contempladas e amparadas nos movimentos que até então haviam se concretizado. Também é preciso ressaltarmos que foi um longo processo para que as mulheres pudessem assumir e entender isso, pois durante muito tempo foram obrigadas a se esconderem, até que escritoras, estudiosas e pesquisadoras, tais como Conceição Evaristo, Suely Carneiro, Cidinha da Silva, Djamila Ribeiro, conseguissem traduzir esse sentimento que foi perpetuado por tanto tempo fazendo com que mulheres reconhecessem em sua escrita a dor e a situação delas, pois segundo a Ribeiro (2020),

[...] compreendi por que muitas vezes eu não me identificava com o feminismo dito universal: porque as especificidades das mulheres negras não eram consideradas. Aquelas autoras tinham denunciado a invisibilidade das mulheres negras como sujeito do feminismo. E outras se juntaram a elas. Grada Kilomba, pesquisadora e professora da Universidade de Humboldt, faz uma analogia interessante entre a máscara que as pessoas escravizadas eram obrigadas a usar cobrindo a

boca e afirmação do projeto colonial de impor silêncio, um silêncio visto como a negação de humanidade e de possibilidade de existir como sujeito. Com ela, aprendi que “a máscara não pode ser esquecida. Ela foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de 300 anos”. (RIBEIRO, 2020, p. 18).

Destacamos que existe a necessidade de fazer com que esse feminismo chegue ao conhecimento de todos. Um dos meios fundamentais para que possamos vê-lo crescer e tomar grandes proporções tem sido a literatura. O texto literário tem sido um verdadeiro espaço de expansão e divulgação de ideias, pensamentos e conhecimento, sobretudo a literatura de autoria feminina, uma vez que temos visto surgir muitas mulheres em defesa dos movimentos sociais feministas, sendo fontes da representatividade apoiando a luta de tantas outras. Desse modo, pode-se dizer que,

[...] desde os anos 1970, o aumento da alfabetização entre os afro-americanos propiciou novas oportunidades para as mulheres negras dos Estados Unidos expandirem o uso da escolaridade e da literatura para lugares institucionais de resistência mais visíveis. Uma comunidade de escritoras negras emergiu a partir de 1970, na qual as mulheres afro-americanas se engajavam em diálogos entre si para explorar assuntos antes considerados tabus. (COLLINS, 2019, p. 288).

A escrita de autoria feminina tem sido a égide da mulher, um espaço de amparo social reacendendo a chama da esperança e ecoando a voz da resistência. Segundo Lugones (2019), ninguém resiste à colonialidade dos gêneros sozinho, pois, somente é possível resistir a ela com o entendimento do mundo e com uma vivência compartilhada, uma vez que as pessoas produzem conhecimento junto de outras e não em completo isolamento.

Temos compreendido que essa resistência às chamadas (de uma fogueira dissimulada) reflete as lutas históricas que são vivenciadas pelas mulheres ao longo da História. O desafio desde muito tempo tem sido combater as diversas formas de silenciamentos que nos cercam e nos intimidam. Nesse caso, é sabido que a crítica literária sobre o feminismo negro tem uma significativa importância, uma vez que documentou o espaço intelectual e pessoal criado para mulheres afro-americanas nesse corpo emergente de ideias, de acordo com Collins (2019).

Vergès (2020), assevera que o movimento feminista de política decolonial causou reações nos heteropatriarcados, nas feministas do Norte e sobretudo nos governos, “[...]Foi no Sul global que ele se desenvolveu, reativando a memória das lutas feministas

precedentes, nunca perdidas porque nunca foram abandonadas, apesar dos terríveis ataques sofridos” (VERGÈS, 2020, p. 28).

Trazendo-nos o pensamento proposto por Angela Davis, Vergès (2020) acrescenta que o feminismo envolve muito mais do que a igualdade de gênero e que, além disso, envolve muito mais do que o próprio gênero. Ela entende, -e concordamos com o seu pensamento-, que é preciso que o feminismo se manifeste de maneira igualitária, nesse caso, é necessário que ele não seja apenas para as mulheres brancas burguesas, uma vez que a posição e as lutas feministas não devem ficar apenas nos termos de uma “vitória” unilateral sobre a oposição, pontua Vergès (2020).

Nessa mesma esteira, a americana bell hooks destaca que

[...] dentro do movimento feminista, mulheres de origem privilegiada que jamais se envolveram em luta esquerdista por liberdade aprenderam as políticas concretas da luta de classe, confrontando desafios criados por mulheres menos privilegiadas, e também aprendendo no processo habilidades assertivas e maneiras construtivas de lidar com o conflito. Apesar da intervenção construtiva, várias mulheres brancas privilegiadas continuaram a agir como se o feminismo pertencesse a elas, como se elas tivessem no comando. (HOOKS, 2020, p. 69).

É nesse sentido que destacamos a necessidade de refletirmos sobre o feminismo decolonial (FD) e entendemos os principais aspectos históricos que o afetam inclusive nos nossos dias. Por essa razão, percebemos que as mulheres “[...] feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino”. (hooks, 2020, p, 25). As atitudes reacionárias e as consequências das lutas e das revoluções que as mulheres enfrentam cotidianamente têm sido reflexos das raízes históricas, pois a voz que ecoa atualmente é o grito que por anos foi silenciado pela dominação patriarcal e opressora.

Diante de todas essas considerações, é emergente a necessidade de repensarmos acerca do feminismo civilizatório, para que a própria ideologia não segregue as mulheres, visto que o feminismo nos moldes civilizatórios propõe a defesa de uma abordagem antidiscriminatória, enquanto o FD nos traz perspectivas revolucionárias, sendo mais abrangentes. Nesse caso, é válido destacar que esse último não nega as lutas por reformas e por igualdade de gênero, mas questiona a ideia de meritocracia e abrange todos os grupos de mulheres, bem como, enfrenta a luta diária contra o racismo impregnado na sociedade. Pois,

[...] ao pensar o debate de raça, classe e gênero de modo indissociável, as feministas negras estão afirmando que não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, porque a mesma estrutura seria reforçada. Quando discutimos identidades, estamos dizendo que o poder deslegitima umas em detrimento de outras. O debate, portanto, não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto que pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não são tratadas como humanas. Uma vez que o conceito de humanidade contempla somente homens brancos, nossa luta é para pensar as bases de um novo marco civilizatório. É uma grande luta, que pretende ampliar o projeto democrático. (RIBEIRO, 2020, p. 27).

Acerca disso, vale compreendermos que o feminismo não pode e não deve atender apenas às mulheres consideradas privilegiadas; ele precisa ser político e promover a igualdade e combater os preconceitos de raça. Isso para evitar que se veja como é mais fácil intitular-se feminista quando se está em uma posição de privilégio e de destaque, em detrimento de mulheres em outras condições sociais como a mãe solo negra, que todos os dias vê as portas sendo fechadas e os sonhos devastados pela opressão e pelo racismo velado na sociedade contemporânea.

Reconhecemos que as lutas vivenciadas diária e cotidianamente acontecem para que a mulher possa simplesmente existir nessa sociedade. Nesse caso compreendemos que

[...] o feminismo decolonial é uma despatriacalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu *direito à existência*. (VERGÈS, 2020, p. 27).

As discussões levantadas por Vergès (2020) são precisas e emergentes para as sociedades modernas, uma vez que a sua escrita tem dado voz aos discursos que precisam ser ouvidos por todas as pessoas, pois

[...] é imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação. Queremos coexistir de modo a construir novas bases sociais. No fim, nossa busca é pelo alargamento do conceito de humanidade. Ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo. (RIBEIRO, 2020, p. 27).

Acreditamos nesse alargamento no conceito de humanidade, por este motivo temos promovido tais discussões, ansiando possibilidades de existência e igualdade de direitos que possa atender todas as mulheres, sem distinção de classe e raça.

Nesse contexto, de acordo com Hooks (2020), uma perspectiva de feminismo baseada no pensamento deconolial examina práticas sexistas também em relação ao corpo das mulheres, levando-se em conta que ainda existem muitas situações que enfatizam questões de imagem e fazem com que mulheres passem pelos riscos de uma indústria de beleza, além de serem vítimas de práticas misóginas em busca de uma perfeição.

Portanto, “o feminismo não pode ser apropriado pelo capitalismo transnacional como mais um produto luxuoso do ocidente que mulheres em outras culturas devem lutar para ter o direito de consumir” (HOOKS, 2020, p. 79). O feminismo deve ser para todos, fornecendo bases para a construção de uma sociedade igualitária, livre da opressão, do preconceito e da misoginia.

À vista dessa discussão, no capítulo posterior, nossa análise traz discussões acerca da importância da literatura como uma forma de desilenciamento feminino através do reconhecimento das personagens bruxas na literatura de autores e períodos distintos, buscando entender o papel histórico da mulher tanto na literatura, quanto na sociedade.

CAPÍTULO III:

**BRUXAS NA LITERATURA: DESFAZENDO OS ESTEREÓTIPOS
FEMININOS**

*Ainda que sejam caladas e negligenciadas,
vozes se insurgem.*

(Djamila Ribeiro)

É evidente que a sociedade, em diferentes períodos, tentou/ tenta silenciar as mulheres, numa atitude de aprisionamento e de opressão estereotipada, julgando e calando as mulheres, no entanto, como afirma Djamilia Ribeiro, mesmo que muitas vezes tenham sido caladas, silenciadas e até negligenciadas, vozes se emergem, fazendo com que histórias sejam ouvidas, lidas e reconhecidas.

Conforme já discutido no capítulo anterior, a literatura tem sido um meio de fazer insurgir essas vozes silenciadas. Muitas mulheres foram queimadas, por isso, a literatura tem ecoado muitas histórias e essas precisam adentrar e expandir para além dos muros das escolas. Logo, neste capítulo nós trazemos a análise de alguns personagens emblemáticos e refletimos sobre a necessidade de fazer a educação ser um espaço de liberdade, resistência e de representatividade.

Tratamos aqui sobre a representação da mulher bruxa nos textos literários de períodos e escritores distintos e trazemos ao centro das nossas discussões a necessidade de desfazermos os estereótipos, na maioria das vezes negativos, a respeito do conceito de bruxa e da forma como ela é tratada na ficção literária e na sociedade. Analisamos a personagem Tituba, no romance *Eu Tituba, bruxa negra de Salem*. Compreendermos a questão identitária dentro do contexto da obra, além disso, analisamos o conto *Quem me deu foi a manhã*, de Marina Colasanti e verificamos a relação entre a ficção e os aspectos ideológicos em torno da bruxa.

Ainda nesse capítulo, analisamos a representação social da personagem feminina da cartomante, no conto homônimo de Machado de Assis e discutimos sobre a questão da construção da identidade, dentro de uma perspectiva cultural e antropológica e a respeito das diferenças entre a escrita feminina e a masculina; ao final, analisamos as personagens mulheres no conto *João e Maria*.

3.1 Negra e escravizada: uma leitura da personagem Tituba

A sensação de não pertencimento era constante e me machucava, ainda que eu jamais comentasse a respeito. Até que um dia, num processo lento e doloroso, comecei a despertar para o entendimento. Compreendi que existia uma máscara calando não só minha voz, mas minha existência.

(Djamila Ribeiro)

Nas palavras acima, de Djamila Ribeiro, evidencia-se que existe uma sensação de não pertencimento, que atravessa a construção identitária de muitas mulheres. Assim, despertar para o entendimento de que é preciso usarmos nossa voz (tantas vezes silenciada) para nos conhecermos e fazer com que sejamos ouvidas é um processo que exige muita luta e muita resistência.

Vivemos em uma sociedade que é muito diversa, mas paradoxalmente, tenta nos encaixar em padrões pré-estabelecidos e que acabam, de certa forma, homogeneizando e padronizando a nossa existência, estereotipam corpos, cabelos, profissões e até mesmo culturas. Dessa forma, isso contribui para entendermos essa ideia de “não pertencimento”, uma vez que “a vontade de ser aceita nesse mundo de padrões eurocêntricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém”, conforme assevera Ribeiro (2020, p. 14).

No romance *Eu, Tituba bruxa negra de Salem*, obra da vencedora do prêmio Nobel Alternativo de Literatura em 2018, a guadalupense Maryse Condé, analisamos a personagem que intitula essa obra. Estamos diante de um romance histórico que nos apresenta reflexões sobre a trajetória biográfica de uma mulher que tinha por nome Tituba, uma negra que foi considerada bruxa, em Massachusetts, por volta do século XVII. É nessa construção textual que Condé faz ecoar a voz dessa mulher, silenciada pelos diversos meios opressores, como a prisão e a fogueira da inquisição. Com uma linguagem poética e com um engajamento social fascinante e preciso, Condé nos confia um universo de temáticas e nos permite entender a partir da literatura alguns aspectos que revelam fatos de uma realidade vivenciada por tantas outras mulheres.

Assim, o leitor desse romance pode ratificar que a literatura é capaz de transformar vertentes históricas tão duras e recorrentes na trajetória de vida de muitas mulheres, e

reconhece na personagem Tituba a resistência de quem foi fruto da opressão, da desigualdade, do machismo e da misoginia, em uma sociedade predominantemente patriarcalista. Nessa produção literária a autora nos permite um verdadeiro passeio histórico, aproximando tanto a História, quanto a Literatura e a sociedade, em um romance que é capaz de despertar-nos para uma compreensão de caráter social, cultural e sobretudo, fazer da escrita um espaço de acolhimento e de conhecimento. Acerca disso Candido (1976) nos acrescenta que é

A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro. (CANDIDO, 1976, p. 84).

Leitor e obra atuam juntos nessa compreensão que nos permite entender o romance como um lugar de voz para a protagonista da história, revelando não apenas o prazer estético, mas também desilenciando muitas Titubas.

A obra de Condé tem um valor histórico imensurável, pois é capaz de nos trazer o prazer estético da leitura literária e ao mesmo tempo nos permite conhecer a história das mulheres oprimidas e julgadas. É por esse caminho que podemos compreender que

[...] o valor de uma obra literária depende em grande parte de sua riqueza cognitiva, todo leitor pode comprovar: quem é que nunca se pegou apreciando um texto depois de tê-lo estudado, isto é, uma vez atualizada uma parte daquilo que ele exprime? (JOUVE, 2012, p. 118).

Seguindo esse pensamento é possível que o leitor perceba as nuances colocadas de maneira tão própria, rica e verossímil, fazendo com que muitas vezes sintam-se parte da história, através de uma narração que nos proporciona um verdadeiro “passeio” entre os diversos sentimentos, bem como compreenda a época, os costumes e as dores da personagem Tituba. Entendemos que

[...] cada perspectiva não apenas permite uma determinada visão do objeto intencionado, como também possibilita a visão das outras. essa visão resulta do fato de que as perspectivas referidas no texto não são separadas entre si, muito menos se atualizam paralelamente. (ISER, 1996, p. 79).

Nesse contexto, dialogando com a obra e com a história de Tituba, o leitor do romance de Condé (2020) pode ampliar os horizontes de expectativas e perceber através da leitura literária uma história de resistência, compilada entre as dores e a vontade de lutar por um lugar no mundo. Esse romance escrito em primeira pessoa, diversas

temáticas podem ser identificadas, uma delas é a exploração feminina nos processos de colonização.

A história da protagonista, uma escrava que foi concebida através de um ato brutal de violência sexual, é apresentada nas primeiras linhas textuais, quando narra: “Abena, minha mãe, foi violentada por um marinheiro inglês no convés do *Christ The King*, num dia de 16**, quando o navio zarpava para Barbados. Dessa agressão nasci. Desse ato de agressão e desprezo.” (CONDÉ, 2020, p. 25). Uma violência dessa proporção tem espaço no *Christ The King*, o que provoca no leitor uma imediata suspeição da conivência da Igreja com o crime do tráfico humano e da violação feminina, afinal, a mulher é subjugada aos poderes religiosos também, conforme trouxemos no segundo capítulo. Conforme destaca Perrot (2019), grandes religiões monoteístas fizeram da diferença entre dos sexos uma verdadeira hierarquia do masculino, trazendo um entendimento de uma natureza criada por Deus.

Essa situação de estupro no navio reflete o processo colonizatório que faz parte da história de muitos povos, a exploração do corpo feminino e a dominação masculina, que há muito tempo coloca a mulher como objeto de satisfação de desejos sexuais, um produto de uma sociedade dominadora e exploradora. Esse ato não é diferente do que acontecia e, infelizmente ainda acontece em muitas sociedades, que nos leva a enxergar a literatura também como um espaço crítico, reflexivo e de denúncia. A personagem revela ter nascido dessa violência sexual e a construção da narrativa estabelece uma proximidade com o que se sabe a respeito da colonização de diversos territórios¹³, uma vez que muitas mulheres foram exploradas e carregam cicatrizes e feridas físicas e emocionais incuráveis, na sua maioria.

Conforme nos debruçamos na narrativa, vemos que Tituba, enquanto mulher, vive a descoberta de diferentes sentimentos, entre eles os fraternos, maternos, amorosos e que estão ligados à construção da identidade dessa mulher forte e resiliente, pois, conforme trata Castells (2001, p. 22), “[...] entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo. [...] e do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída”. Quando criança ela sente a dificuldade de aproximação com sua mãe *Abena*, tendo em vista que ao olhá-la vivenciava e relembra a exploração do seu corpo,

¹³ Muitas sociedades foram formadas a partir da exploração feita pelo colonizador. A título de exemplificação, ocorre-nos destacar que a nossa história, enquanto povo brasileiro, é marcada por esse processo colonizatório que deixou muitas feridas, principalmente nos povos indígenas e sobretudo nos povos africanos, que foram retirados de suas terras, na condição de escravos, enclausurados dias e noites nos navios negreiros para servirem desumanamente à colônia.

da sua vida, dos seus anseios, todos retirados durante a travessia do navio negreiro para Barbados. Diante dos desafios que elas enfrentaram, podemos compreender que

[...] a relação entre mãe e filha é fundamental entre as mulheres negras. Inúmeras mães negras empoderam suas filhas ao transmitir o conhecimento do dia a dia, essencial para a sobrevivência das mulheres afro-americanas. Filhas negras identificam a profunda influência que suas mães tiveram em suas vidas. (COLLINS, 2019, p. 278).

Entretanto, a construção da relação entre mãe e filha nesse romance é afetada e provoca um sentimento de rejeição e de culpa, mais uma vez, nos permitindo entender que a sociedade julgaria apenas a mulher pela violência sofrida e não o abusador que a atacou durante a travessia do Atlântico. Do ponto de vista social, a violência que Abena sofre, reflete em toda a trajetória de vida de Tituba, que carrega na própria existência a infelicidade vivida pela mãe. É possível a compreensão de que a história de muitas mulheres seja marcada pela dominação do homem sobre o corpo feminino, retirando delas o poder de escolha, silenciando desejos e sonhos. Assim, Federici (2017) citando Rosi Braidotti, aborda a concepção de que o corpo retomado não há de entender-se nunca como algo biologicamente dado. Por estas e tantas outras maneiras de dominação masculina que o feminismo tem atuado na sociedade; pois, segundo Perrot (2019) é possível entendermos que a reivindicação e a conquista dos direitos do corpo caracterizam as lutas feministas contemporâneas. De acordo com Hooks (2020, p. 127) “o pensamento sexista ensinado às mulheres desde o nascimento deixou claro que o domínio do desejo sexual e do prazer era somente masculino, que apenas uma mulher de pouca ou nenhuma virtude diria ter necessidade ou apetite sexual”. Por isso, acreditou-se por tanto tempo que o homem devia ter o domínio da mulher, reflexo dos moldes e até mesmo da violência patriarcal. A autora ainda discute sobre a semântica em torno da expressão violência patriarcal, tendo em vista que tem sido um termo útil no sentido de que ele nos lembra que essa violência emerge de um contexto ligado ao sexismo e ao pensamento sexista de dominação masculina.

Já no romance, a história é contada a partir da voz de Tituba, que nos relata sobre sua memória, sempre ressoando em seus pensamentos o estupro vivenciado por Abena. O excerto seguinte revela como a personagem internalizou esse passado da mãe: “[...]eu não cessava de lembrá-la do branco que a tinha possuído no convés do *Christ the King*, no meio de um círculo de marinheiros” (CONDÉ, 2020, p. 29). Compreendemos o motivo pelo qual elas não vivenciavam os laços maternos, segundo Ribeiro (2020, p. 87) “desde muito cedo somos ensinadas que devemos ser mães. Divulgam uma ideia romântica de

maternidade e a enfiar goela abaixo, naturalizando esse lugar”. Mas diante da situação vivida por Abena, elas se limitavam a viver essa relação mãe e filha, isso resultava em um sentimento de não pertencimento e de rejeição por parte da sua mãe, pois, sempre que a olhava, sentia a dor e a fragilidade do que ocorreu naquele dia, isso nos permite entender o questionamento de Ribeiro (2020, p. 87) quando ela nos traz a ideia de que “quem se responsabiliza pelo desespero dessa mulher? Sim, ela abandonou a filha, mas já havia sido abandonada muito antes pelo pai da criança, pelo Estado e por uma sociedade cruel e hipócrita.” Compreende-se ainda que o fato de as mulheres negras serem as únicas a realmente ouvirem umas às outras é bastante significativo, pois em particular percebe-se a importância da voz na vida das mulheres, assegura Collins (2019).

De tal modo, é compreendendo a literatura de autoria feminina como um espaço de vozes marginalizadas que temos nos direcionado às conquistas futuras e para uma constante tentativa de promovermos a igualdade entre gêneros, raça e classe. Reconhecemos que o texto literário tem nos conferido muitas personagens fortes que vivenciam essa relação mãe/filha, nos permitindo entender que a literatura cumpre uma função humanizadora, principalmente se compreendermos que

[...] mães e figuras maternas emergem como personagens centrais em autobiografias como *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, de Maya Angelou, *Sweet Summer* [Verão doce], de Bebe Moore Campbell, *Lemon Swamp and Other Places* [Lemon Swamp e outros lugares, de Mamie Garvin Fields e *Kaen Fields e a Taste of Power* [Sabor de poder], de Elaine Brown. Alice Walker¹⁴ atribui confiança que tem em si mesma a sua mãe. Ao descrever esse relacionamento, Mary Helen Washington aponta que Walker “nunca duvidou de seu poder de julgamento porque sua mãe pressupunha que ele funcionava bem; ela nunca questionou o direito de seguir sua inclinação intelectual porque sua mãe implicitamente autorizava a fazê-lo”. Ao dar a sua filha um cartão da biblioteca, a mãe de Walker mostrou que sabia o valor de uma mente livre. (COLLINS, 2019, p. 279, grifos do autor).

Nesse contexto, entendemos que essa proximidade da literatura com a história e com a sociedade, faz com que enxerguemos e escutemos vozes que foram caladas historicamente, a própria Tituba é uma dessas mulheres silenciadas e negligenciadas. Trazendo o contexto social, percebemos que a história da personagem reflete a vida de muitas outras, que assim como ela tiveram sonhos ceifados e suas vozes silenciadas.

¹⁴A escritora, poeta e ativista *Alice Walker* nasceu no estado da Geórgia/EUA. Ela é reconhecida mundialmente pelo ativismo e pela luta contra o racismo e o feminicídio, além de ser ganhadora de prêmios literários, como o Prêmio Pulitzer que é direcionado às pessoas que realizam trabalhos de excelência na área da literatura, jornalismo e música.

Nesse caso, o texto literário de Condé nos aproxima de uma dada realidade, uma vez que a escritora é capaz de transpor e relacionar a História e a ficção em uma escrita poética e também crítica. Assim,

[...] a arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração. (CANDIDO, 1976, p. 53).

De acordo com a discussão abordada, entendemos que no romance de Condé (2020), a vida da personagem é uma transposição do real, para a linguagem ficcional e literária, conforme assegura Candido (1976), vinculando elementos sociais à configuração escrita da narrativa. Os elementos que constituem essa narrativa nos aproximam de maneira verossímil dos aspectos históricos acerca da mulher negra e escravizada, são elementos que nos auxiliam enquanto leitores a compreender um pouco da formação identitária da protagonista, com intuito de compreendermos a realidade e a conjuntura social em que ela se insere. Por esse viés, conforme Silva (2000) nos esclarece, compreende-se que

[...] em uma primeira aproximação, parece ser fácil definir "identidade". A identidade é simplesmente aquilo que se é: "sou brasileiro", "sou negro", "sou homossexual", "sou jovem", "sou homem". A identidade assim concebida parece ser uma positividade ("aquilo que sou"), uma característica independente, um "fato" autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. (SILVA, 2000, p. 74).

A partir da citação, procuramos refletir a respeito da questão identitária e para isso é necessário que compreendamos a definição de identidade, pois ao longo dos anos tem se intensificado dentro da perspectiva dos estudos culturais discussões que abordam as diferentes concepções de identidade. Os estudos contemporâneos têm versado acerca da ideia de identidades, no plural, bem como nos mostram tipos diferentes dessa construção ideológica, histórica e cultural. Nessa perspectiva, entende-se que

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. (SILVA, 2000, p. 84).

No contexto da obra, a identidade da protagonista é socialmente e subjetivamente construída, é um processo que ao longo do tempo faz com que Tituba oscile entre o que deseja ser e o que considera como algo socialmente determinado, levando em consideração sua condição de negra, bruxa, escravizada. Portanto, temos a compreensão de que

[...] a construção das identidades sociais seria o resultado de uma relação de forças entre as representações impostas por aqueles que têm o poder de classificar de nomear a definição, submetida, ou resistente, que cada comunidade tem de si mesma. (CHARTIER, 1990, p. 183).

Além da relação entre mãe/filha, no contexto dessa narrativa, trazemos à discussão a construção e a descoberta do sentimento entre pai/filha, estabelecido através da relação afetiva com o esposo de Abena. Conhecemos *Yao*: um homem negro e escravizado, que também saiu de sua terra para servir aos seus senhores em Barbados. Yao se apaixona por Abena e assume a paternidade da menina, isso faz com que ela o tenha como uma referência das ações paternas e construa um sentimento fraterno.

É esse homem que dá sentido à ideia de família e estabelece vínculos afetivos, fazendo com que Tituba sentisse, inclusive, que ele a amava por dois, já que não conseguia sentir o amor materno. É ele quem escolhe o nome “Tituba”, pois queria provar que ela era filha do amor que sentia pela mãe e por ela. Na narrativa, ela traz esse sentimento ao leitor quando diz que “[...] eu não sofria dessa falta de afeto, pois *Yao* me amava por dois. Minha mão pequena junto da sua mão dura e áspera. Meu pé minúsculo na pegada de seu pé enorme. Minha testa na curva de seu pescoço.” (CONDÉ, 2020, p. 29). É na construção desses sentimentos que atravessam a história de vida da personagem, que vemos a formação da identidade de Tituba. Verifica-se que foram as situações emblemáticas como: o estupro da mãe, a condição de escravizada, a negação do sentimento materno, sentimentos e situações que permaneceram na sua memória, e que lhe trouxeram traços marcantes para a sua personalidade enquanto mulher negra, que desde criança soube que precisava resistir.

Maryse Condé, nesse romance, nos faz ouvir a voz da protagonista e nos apresenta, no início da narrativa, o sentimento que marca a vida da personagem. Trata-se de um sentimento de não pertencimento, diante de uma sociedade que julgava e escravizava as pessoas negras. O leitor dessa obra pode compreender que Tituba tinha a necessidade de sobreviver e ela relata isso. Pelo fato de ser escrava, sabia que estava condenada à vida/morte e precisava criar meios para sua sobrevivência

No percurso da sua vida, como uma menina condenada a sobreviver, ela enfrenta o mundo e as pessoas as quais encontra e perde ao mesmo tempo nessa difícil caminhada de resistir e sobreviver. A personagem vê a mãe morrer enforcada, pois havia tentado defender-se de mais um ato de dominação masculina, quando seu senhor tentou estuprá-la. Foi enquanto trabalhava para seu dono que a mãe da menina passou por uma tentativa de estupro novamente e como forma de proteger-se da crueldade, ela atacou o patrão com uma faca, nesse ato desesperado e impulsivo não conseguiu matá-lo e foi punida publicamente por tal ação.

Ao ler essa obra é possível que os leitores se debrucem na dor de Tituba ao ver a mãe sendo enforcada, a partir desse acontecimento a menina precisa fazer escolhas, mas nunca esquece da ideia de “sobreviver” em meio a uma sociedade que só iria julgá-la, mantê-la escravizada e/ou excluída. Nesse sentido,

[...] a exclusão social é processo e é estado, na medida em que a trajetória de exclusão compreende rupturas parciais de vínculos (eventualmente reconstruídos a partir da criação de novos vínculos) que podem chegar à ruptura total. Ela é um processo porque fala de um movimento que exclui, de trajetórias ao longo de um eixo inserção/exclusão, e que é potencialmente excludente (vetores de exclusão ou vulnerabilidades). Mas é, ao mesmo tempo, um estado, a condição de exclusão, o resultado objetivo de um movimento. (SCOREL, 1999, p. 67).

Tituba e Abena vivenciaram a marginalização da vida, em um movimento, cujo objetivo foi silenciar e apagar a memória de uma mulher que só queria sobreviver. De tal modo, no momento em que Abena é enforcada ela é potencialmente excluída da sociedade e excluída da filha, que se corporifica a essa situação entendendo que precisaria sobreviver em meio ao julgamento social e a uma sociedade que não a considerava suficientemente importante. Em muitas passagens da narrativa a cena do enforcamento ecoa no consciente da garota e a faz repetir sempre: “enforcaram a minha mãe”.

Portanto, a identidade dela é construída pela referência direta da sua mãe e do ato/condição que gerou sua vida, isso reflete sobre a própria história e faz com que ela se questione acerca dos motivos pelos quais a sociedade a julgava por ser negra e por ser vista como bruxa. Ser tratada como uma bruxa e ainda saber que precisava sobreviver em meio a uma sociedade patriarcal, machista e racista levou-a, em um determinado período, a não vivenciar a maternidade para que não fosse “culpada” de trazer ao mundo mais um ser, que também seria vítima da exploração dos homens brancos. Trazendo isso ao contexto social, segundo Ribeiro (2020), as pessoas que julgam e apedrejam mulheres que não desejam ser mães, ou como no caso da personagem Tituba que se veem diante de

um aborto, são as mesmas pessoas que nem mesmo se questionam a respeito da violência à qual mulheres são diariamente submetidas. Segundo a narrativa, os ecos do pensamento e as tristes experiências vividas pela protagonista, alimentavam as lembranças de que para uma escravizada a maternidade não seria uma alegria, pois

Para uma escravizada a maternidade não é uma alegria. Ela vem para expelirmos, em um mundo de servidão e abjeção, um pequeno inocente, cujo destino será impossível de mudar. Durante toda a minha infância, vi pessoas escravizadas assassinares seu recém-nascido, plantando um longo espinho no ovo ainda gelatinoso de sua cabeça, cortando com uma lâmina envenenada seu cordão umbilical, ou ainda, abandonando-o à noite em algum lugar percorrido por espíritos zangados. (CONDÉ, 2020, p. 84).

O excerto acima nos remete aos julgamentos sociais a respeito das decisões das mulheres no que concerne à maternidade, a personagem é fruto de um estupro e ao longo da vida sabe das dificuldades enfrentadas por ela e também por sua mãe. Nesse contexto, destacamos uma questão social bastante discutida e poucas vezes entendida, que é a maternidade. Em uma sociedade formada nas bases patriarcalistas a opção de não vivenciar a maternidade é tomada por julgamentos que incluem também fatores religiosos, tendo em vista que há muito tempo, conforme já discutido, a religião interfere na vida e na construção identitária e formação pessoal das mulheres. Segundo Ribeiro (2020), quando se impõe a maternidade como destino às mulheres, é necessário pensar além do senso comum, uma vez que o aborto (no Brasil por exemplo) é tido como crime, nesse caso o Estado não permite que a mulher o faça, no entanto, é sabido que diversas pesquisas comprovam que ele existe, mais uma vez resultado de uma cultura de dominação em que a própria mulher não tem domínio e autonomia sobre o próprio corpo. Pensando na ficção ambientada por volta de 1600 é exatamente isso que identificamos: a personagem é fruto de um estupro, é ciente do próprio destino enquanto mulher, negra, escravizada, bem como toma conhecimento das situações que outras mulheres assim como ela já viveram, ela opta por não ser mãe, no entanto, é parte de uma sociedade baseada nas convenções e ideias do patriarcado. Ainda de acordo Ribeiro (2020, p. 87) “mãe é um ser humano, e não alguém com superpoderes. Por trás de uma mãe que aguenta tudo há uma mulher que desistiu de muita coisa e um pai ausente desculpado pelo patriarcado.”

Portanto, a identidade da personagem Tituba é construída de fatores que refletem a condição de dominação patriarcal, bem como aprisionamento cultural e religioso, é uma trajetória marcada pela exploração, desde a sua concepção até os seus últimos dias de

vida. A narrativa nos traz a vida de uma mulher negra que enfrenta dificuldades e resiste em um mundo que não permite que sua voz seja ouvida.

Em seguida analisamos como a narrativa traz essa personagem como uma bruxa negra e as dificuldades que Tituba enfrenta por ser considerada uma bruxa negra de Salém.

3.1.1 Tituba uma bruxa negra

*A carne ¹⁵mais barata do mercado é a carne negra
só cego não vê[...]*

(Elza Soares)

Elza Soares em suas canções nos permitiu e nos permite ouvir e conhecer sobre um mundo em que a desigualdade ainda é verificada sob diversas maneiras. Ela nos deixa refletir sobre a ideia de que a carne negra é a mais cobiçada, metaforicamente nos entrega nessa canção a qual ela interpreta, que a exploração, o preconceito e a desigualdade social estão “vivos” na sociedade. E assim como Elza, a escritora Maryse Condé nos faz ouvir o grito silenciado de tanta gente que vivencia tais dores e sente tudo isso na pele.

Reconhecemos que a História silenciou Tituba por anos; mas, sua trajetória e sua voz ganharam vida e ela tem resistido através da escrita feminina, hoje Tituba pode ser ouvida através da literatura. Entendemos que as dores, os desejos, os medos e as situações que tantas mulheres vivenciaram puderam ser lidas e ouvidas a partir desse romance histórico.

Mulher. Bruxa. Negra. Escravizada. “-Epa! Você é a Tituba? [...] Não me admira que as pessoas tenham medo de você. Você não sabe falar e seu cabelo é uma moita. Mesmo assim, você poderia ser bonita”. (Condé, 2020, p. 37). Essa é maneira como, segundo a narrativa, a personagem é tratada, brigada a viver em uma sociedade que a encaixa um estereótipo e a trata com insignificância.

¹⁵ “A carne”, é uma canção composta por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette, é interpretada por Elza soares, cantora brasileira, negra e que trouxe através da música e de quem ela foi, muita representatividade. Recentemente a cantora faleceu, aos 91 anos, deixando sua voz ecoar uma brilhante trajetória musical e sua resistência e força.

Nessa narrativa, Tituba vive sob o reflexo de uma sociedade ainda nos moldes patriarcais, com fortíssima influência religiosa. Lerner (2019) destaca que as fontes históricas sobre a origem da escravidão, muitas vezes são escassas, especulativas e difíceis de avaliar, a escravidão deriva da guerra e da conquista, além disso, ela destaca que a escravidão também é considerada a primeira forma institucionalizada de dominância hierárquica.

A personagem, ainda menina, reconhece que viver não é para todos, que sua condição de mulher, negra, escravizada e julgada como bruxa, a leva a resistir e sobreviver. Tituba não difere de outras mulheres que tiveram de subsistir às custas das longas e árduas jornadas de um trabalho escravo, privado de liberdade.

A protagonista desse romance nos convida a refletir sobre a necessidade de um feminismo decolonial, tendo em vista que é justamente esse movimento que pode dar a voz às mulheres racializadas, pobres, imigrantes e emigrantes, sonhadoras, batalhadoras e feridas pela dominação masculina, socialmente patriarcal, como nos ensina Vergès (2020). No contexto trazido por Carneiro (2019), é também necessário ressaltar,

Esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica de ser mulher negra. O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelo movimento negro e de mulheres. (CARNEIRO, 2019, p. 315).

Refletindo sobre esses movimentos e entendendo o texto literário como um lugar de múltiplas vozes, reconhecemos o quão importante é essa leitura analítica e ao mesmo tempo engajada, para que saibamos e entendamos a História de tantas mulheres como a protagonista deste romance. A literatura aqui assume uma função muito relevante, que é a de nos aproximar da história não só da personagem Tituba, mas da História de mulheres como Tituba.

Percebendo as nuances apresentadas na narrativa, é possível identificarmos que Tituba não se reconhece enquanto bruxa, principalmente levando em consideração o sentido pejorativo e carregado de preconceitos e discriminações, pois era a maneira que os indivíduos tratavam mulheres como ela. Assim, podemos destacar a seguinte passagem textual:

Ele gritou: - Você é uma bruxa? Sim ou não? Suspirei: - Cada um dá a essa palavra um significado diferente. Cada um acredita que pode

entender a bruxa do seu jeito, do modo que ela possa satisfazer às suas ambições, aos seus sonhos, aos seus desejos. (CONDÉ, 2020, p. 209).

Ao ser questionada sobre ser ou não ser uma bruxa, a personagem demonstra conhecimento dos infortúnios que poderiam surgir. Socialmente a ideia de bruxa ainda carrega um teor negativo, porque há tempos nos foi ensinado que bruxa é aquela que faz maldade, que tem atitudes perversas, conforme assegura de maneira detalhada, a italiana Silvia Federici (2019). E ela refletia sobre a vida e a sua condenação ao fato de estar no mundo, sendo negra e ainda pelo fato de considerada bruxa: “[...] devo dizer que tudo isso não me preocupava muito. Eu sabia, eu estava condenada à vida” (CONDÉ, 2020, p. 172). Nesse caso, quando a personagem afirma que encontra-se condenada à vida, fica notório ao leitor a compreensão do contexto e do próprio intertexto, uma relação entre a ideia que construímos a respeito do que uma mulher considerada bruxa poderia/pode vivenciar. Acerca disso, relembramos as discussões de Russel e Alexander (2019, p. 138) e entendemos que “apesar das caricaturas que descrevem a bruxa como uma megera velha e feia, a aparência não era um consenso para as acusações de bruxaria”. Além disso os autores acrescentam que “os traços mais decisivos, suscetíveis de acarretar acusações de bruxaria, eram mendigar, resmungar, praguejar e altercar. As bruxas eram de todas as idades” (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 138).

De acordo com a abordagem da narrativa, bem como levando em consideração os aspectos verossímeis que envolvem a história de Tituba, a sociedade da época¹⁶ considerava que mulheres com conhecimentos a respeito de chás e plantas medicinais, bem como religiões que fugiam da tradição católica vigente, deveriam passar pelo julgamento instaurado pela inquisição e pagar pelos crimes de bruxaria, heresia, entre outros. De acordo com os estudos de Russel e Alexander (2019), e trazendo ao contexto social sabe-se que

A padronização das acusações de bruxaria produziu uma dramática mudança nos poderes atribuídos ao Diabo. Antes, a bruxa que celebrava um pacto Satã desfrutava uma quase igualdade contratual como o Senhor das Trevas; mais adiante, ela passou a ser frequentemente resgatada dos efeitos de sua loucura pela intervenção da Virgem ou de algum santo. Agora o poder do Diabo sobre a bruxa, uma vez consumado o pacto, era completo, e sua alma estava perdida. Mediante essa argumentação, o suplício e o assassinato de bruxas eram aplicados, em última análise, para o próprio bem delas, assim como para o de Deus e da sociedade. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019).

¹⁶ Destacamos que a obra está ambientada por volta dos anos 1600.

Segundo a citação acima percebe-se a forte influência da religião no que se refere à caça às bruxas, isso é notório na construção da narrativa de Maryse Condé, uma vez que o romance em análise nos aproxima dos elementos históricos formadores da sociedade.

Alguns pontos foram tidos como principais elementos para uma mulher ser ou não considerada bruxa, vemos que a

[...] feitiçaria, religião pagã e folclore foram os primeiros elementos formadores da bruxaria europeia: a heresia cristã era o quarto. Quando se iniciou a caça às bruxas, no final da Idade Média, as suas crenças mais importantes eram: cavalgadas noturnas; o pacto com o diabo; o repúdio formal ao cristianismo. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 73).

Podemos afirmar que a personagem em questão possuía conhecimentos de ervas medicinais, as quais utilizava para fazer chás; ademais, era praticante de uma religião de matriz africana, portanto, invocava o seu povo através de rituais que são aspectos formadores da identidade e da história de Tituba. No entanto, os seus senhores, sempre a chamavam de bruxa e juravam que ela realizava feitiçaria, além de invocar e fazer acordos com o diabo.

Segundo Russel e Alexander (2019, p. 73) “[...] a ideia de pacto era crucial, porquanto serviu de remate para a demonização do feiticeiro. Um *maleficus* era, agora, por definição, alguém que faz um pacto com Satã”. Conforme é descrito na obra de Condé, os julgamentos ocorriam publicamente, logo podemos perceber na seguinte passagem:

Numa tarde, voltando de Long Wharf, fomos testemunhas de um espetáculo, cuja terrível impressão nunca mais se dissipou de mim. Estávamos em Front Street quando vimos muitos negros, na praça situada entre a prisão, o Tribunal e a igreja. Haveria uma execução. A multidão se apertava então aos pés do palanque elevado, sobre o qual estava a forca. Quando nos aproximamos, percebemos que uma mulher, uma velha, estava em pé com a corda ao redor de seu pescoço. Bruscamente, um dos homens empurrou o pedaço de madeira sobre o qual os pés dela descansavam. Seu corpo se arqueou. Ouvimos um grito horrível e sua cabeça caiu para o lado. Eu mesma caí de joelhos no meio da multidão excitada, curiosa e quase alegre. Foi como se eu tivesse sido obrigada a reviver a execução da minha mãe. (CONDÉ, 2020, p. 82).

Diante dessa descrição, entendemos que esta era uma forma de causar medo e de recuar as mulheres que possuíam determinados conhecimentos, tendo em vista que esse era um dos modos opressores e silenciosos, era uma maneira de calar e deter o poder

feminino. Trabalhando na casa de um conservador religioso chamado *Samuel Parris*¹⁷, a personagem enfrenta diversas situações que a colocam em julgamento, pois os seus senhores nutriram a ideia de que ela cometia atos de bruxaria. Não só nesse romance histórico, mas também no contexto social, o julgamento em Salem foi responsável pela morte de mulheres acusadas de bruxaria, a História narra que é possível que

[...] os julgamentos de Salem tenham sido provocados por adivinhações de uma escrava índia do Oeste- Tituba-, uma das primeiras a serem presas, e que a última execução de uma bruxa em território de língua inglesa tenha sido de uma escrava negra, Sarah Basset, morta nas Bermudas, em 1730. (FEDERICI, 2017 p. 414).

Consequentemente, na narrativa em estudo, uma das filhas do conservador Samuel Parris adoece e, nesse caso, a escrava confia um segredo à garota, fornecendo-lhe um chá e pedindo-lhe que não conte nada a ninguém, uma vez que a personagem já tinha essa consciência do que poderia acontecer caso o patrão soubesse. É a partir desse chá que a situação toma grandes proporções, resultando no que mais tarde veio a ser chamado de *histeria coletiva* e só depois descoberto que não tinha relação com os conhecimentos medicinais da empregada.

Assim, vemos que a personagem principal dessa história demonstra sua resiliência e sua força, resultantes de toda a sua trajetória e da construção da própria identidade, ela acreditava que suas ações seriam ignoradas perante os julgamentos de Salem, e assim, podemos refletir sobre isso na seguinte passagem:

Eu sentia que nesses julgamentos das bruxas de Salem, que fariam escorrer tanta tinta, que excitariam a curiosidade e a piedade das gerações futuras e que pareceriam a todos o mais autêntico testemunho de uma época de crenças e bárbaros, o meu nome apenas figuraria como de uma comparsa sem interesse. Mencionariam aqui e ali “uma escrava originária das Antilhas, praticante de ‘hoodoo’. Não se incomodariam nem com minha idade nem com minha personalidade. Eles me ignorariam. (CONDÉ, 2020, p. 163).

O romance de Condé nos faz entender que muitos julgamentos que fizeram parte da história do silenciamento de diversas mulheres partiram de concepções equivocadas e do reflexo de uma dominação masculina em meio a uma sociedade patriarcal e excludente para as mulheres. Lerner (2019) complementa afirmando que opressão de mulheres precede a escravidão e a torna possível, isto porque ao longo dos anos muitas formas de opressão foram instauradas a fim de fazer com que as lutas e as conquistas femininas

¹⁷ *Samuel Parris* no contexto da narrativa foi um dos padrões de Tituba, ele era um conservador religioso, fazia parte dos principais eventos católicos da comunidade, juntamente com a esposa e as filhas. Ele é responsável por denunciar Tituba e acusá-la como bruxa.

fossem menosprezadas. Por isso, é válido ressaltar que a caça às bruxas tomou grandes proporções na sociedade, ocorreu em muitos lugares,

[...] também ocorreu na África, onde sobrevive até hoje como um instrumento-chave de divisão em muitos países, especialmente naqueles que, em determinado momento, estiveram implicados no comércio de escravos, como na Nigéria e a África do Sul. Nessas regiões a caça às bruxas têm sido acompanhadas pela perda de posição social das mulheres, provocada pela expansão do capitalismo e pela intensificação da luta pelos recursos naturais[...]. (FEDERICI, 2017, p. 416).

No romance, é possível que o leitor entenda que diante das adversidades enfrentadas, Tituba começa emocionalmente a perder as forças. Os desafios pareciam cada dia maiores e as lutas a serem enfrentadas não tinham fim. Portanto, crescia um sentimento de negação de si mesma, identificado na seguinte passagem:

Eu quase não comia. Não bebia. Eu vagava como um corpo sem alma, embrulhado no meu xale de lã ruim[...] Terrível e medonho! Meus cabelos, que eu já não penteava, tinham formado uma espécie de juba em torno da minha cabeça. Meu rosto se cavava e minha boca estourava impudica, tensa, a rachar sobre minhas gengivas inchadas. (CONDÉ, 2020, p. 105).

Dessa maneira, também é passível de compreensão que para uma bruxa negra em Salem a sua resistência era uma afronta à sociedade, pois a jovem não tinha paz e sua vida foi aos poucos perdendo o sentido.

Não era de se espantar que os habitantes de Salem tivessem medo de mim, eu tinha um ar terrível.
Quando John Indien estava perto de mim, ele se queixava com doçura:
- Você não está se cuidando, minha mulher. Antes você era uma pradaria onde eu passava. Agora, o matagal do seu púbis e a floresta dos seus sovacos até me desencorajam!
Me desculpe, John Indien, e continue a me amar mesmo que eu não valha mais nada. (CONDÉ, 2020, p. 105).

Um dos principais argumentos para que as mulheres fossem julgadas como bruxas era o pacto com o diabo e na narrativa isso fica muito claro, sobretudo conhecendo cada personagem e a formação identitária delas. Susanna¹⁸ Endicott, Samuel Parris, a esposa e as filhas por exemplo, apresentam um conservadorismo religioso que fazia com que

¹⁸ **Susana Endicott** era viúva de um rico fazendeiro, um dos primeiros a aprender com os holandeses a arte de extrair o açúcar da cana. Quando seu marido morreu, ela vendera a plantação e libertara todos os escravizados, porque, um paradoxo que eu não compreendo, ela odiava os negros, mas também era ferozmente contra a escravidão. Só tinha mantido John Indien porque o viu nascer. (CONDÉ, 2020, p. 49).

enxergassem a maldade e a constante relação com o diabo em atitudes como alimentar um animal abandonado na rua, como aconteceu com *Gilles Corey*¹⁹, na narrativa

Eu não tinha entendido completamente a medida da devastação que a religião de Samuel Parris poderia causar, nem mesmo compreendido sua verdadeira natureza, antes de viver em Salem. Imagine uma comunidade de homens e mulheres esmagada pela presença do Maligno entre eles, procurando caçá-lo em todas as suas manifestações. Uma vaca que morreu, uma criança que teve convulsões, uma jovem que demorou a conhecer o seu fluxo menstrual e estava sujeita a infinitas especulações. [...] Quem, tendo se unido por um pacto terrível com o inimigo, havia provocado essas catástrofes? (CONDÉ, 2020, p. 103).

Assim, para sobreviver, Tituba silenciava seus conhecimentos para que sua vida não terminasse em uma praça pública, como foi o destino de outras mulheres. Ela seguia os conselhos dos seus ancestrais, principalmente *Man Yaya*, uma mulher que teve forte influência na construção da sua personalidade e na sua existência, apesar da sua morte, existe uma relação sentimental e de confiança, pois sempre que a protagonista precisava ela era esse suporte emocional e afetivo.

Podemos dizer que a personagem Yaya exerce um papel fundamental nas escolhas e nas decisões de Tituba; em diversos momentos da narrativa, ela aparece através dos rituais religiosos, elas se reconectavam e se entendiam e assim o leitor consegue compreender a riqueza dos aspectos culturais que formam a identidade dessa mulher. No trecho seguinte conseguimos compreender a relevância das palavras de Yaya e de como os elementos ancestrais se faziam presentes na trajetória de Tituba: "[...] nas Antilhas, nossa ciência é mais nobre e depende mais das forças do que das coisas. Mas enfim, como me recomendou Man Yaya: ‘Se você chegar no país dos aleijados, se arraste pelo chão’". (CONDÉ, 2020, p. 88). Então, verificamos que esse é o caminho que as personagens desse romance trilham, adaptaram-se aos lugares onde chegaram para garantirem a sobrevivência em um mundo desigual e que poderia silenciá-las. Uma dura realidade, ainda mais sendo negra, tudo conspirava para que a protagonista fosse silenciada, Ribeiro (2020, p. 123) acrescenta que “mulheres negras vêm historicamente pensando a categoria “mulher” de forma não universal e crítica, apontando sempre para a necessidade de se perceber outras possibilidades de ser mulher”. Talvez porque ser mulher denote as dificuldades, as dores e os silenciamentos instaurados ao longo de séculos.

¹⁹ Nesse romance, *Gilles Corey* é uma personagem que foi vista alimentando um animal na rua, numa tarde de missa, por este motivo já seria alvo de julgamento e perseguição, uma vez que criou-se a ideia de que ela tinha relação com as ideias de bruxaria.

Na sequência discutiremos sobre a construção da sociedade patriarcal e a influência desse modelo de sociedade na exploração do corpo feminino.

3.1.2 A dominação patriarcal, a exploração do corpo negro feminino e a intensificação da solidão da mulher negra

De acordo com as discussões já levantadas, tem sido possível a compreensão de que em diversos contextos e períodos o homem assumiu uma posição de superioridade comparada à figura feminina. Conseqüentemente, muitas culturas e tradições religiosas ainda hoje reforçam traços da desigualdade entre gêneros e julgam mulheres por serem livres, por se posicionarem, por escolherem não terem filhos, por se dedicarem ao trabalho ou à educação, chegando a soar paradoxal; na verdade, julga-se a mulher por ser mulher. Lerner (2019) assevera que

O patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2.500 até ser concluído. A princípio o patriarcado aparecer como Estado arcaico. A unidade básica de sua organização foi a família patriarcal, que expressava e criava de modo incessante suas regras e valores. (LERNER, 2019, p. 261).

Entendemos que as conquistas femininas que temos atualmente são resultados de momentos emblemáticos da nossa trajetória enquanto sujeito mulher. Por tal, consideramos relevante a consciência coletiva a respeito de tais questionamentos, bem como enxergamos a necessidade de uma reafirmação de movimentos que buscam a garantia dos direitos da classe feminina, sobretudo defendendo aspectos de gênero e de raças. Nesse contexto, entendemos que

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitantes: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. (BOURDIEU, 2012, p. 4-5).

Ressalte-se que as relações de poder institucionalizadas socialmente passam por aspectos culturais e sobretudo religiosos, pois homens e mulheres, além das diferenças que estão diretamente ligadas aos aspectos biológicos, são colocados em posições de

divergência em vários âmbitos da sociedade, “em qualquer momento específico da História, cada “classe” é constituída de duas classes distintas- homens e mulheres.” (Lerner, 2019, p. 264). Ao pensarmos no contexto de trabalho, por exemplo, ainda hoje é facilmente identificável relações de poder e domínio do homem em cargos que não deveriam segregar os indivíduos, tendo em vista que a capacidade cognitiva dos sujeitos pode colocá-los em posição de igualdade e equidade. Ainda de acordo com o que a historiadora afirma

A opressão e a exploração econômicas baseiam-se tanto na transformação da sexualidade feminina em mercadoria quanto na apropriação pelos homens da força de trabalho das mulheres e de seu poder reprodutivo como aquisição econômica direta de recursos e pessoas. (LERNER, 2019, p. 265).

Levando em consideração a vivência da personagem Tituba, identificamos uma forte influência de uma dominação patriarcal, sobretudo nas famílias em que ela se insere ao longo da vida. Ao conhecer *John Indien*, um escravo por quem se apaixona, descobre o sentimento amoroso que envolve a relação entre marido e mulher, que até então ela não havia vivenciado. Apesar de não ter conhecido, ou talvez, ainda não ter construído esse tipo de sentimento, a garota havia fomentado a ideia de que alguns homens poderiam ser bons, pois Abena (sua mãe) casou-se com Yao que segundo ela, havia sido um homem bom. Logo, verificamos isso no excerto seguinte:

-Man Yaya, quero que aquele homem me ame.
Ela balançou a cabeça:
- Os homens não amam. Eles possuem. Eles subjagam.
Protestei:
-Yao amava Abena.
-Foi uma das raras exceções.
- Talvez ele também seja. (CONDÉ, 2020, p. 39).

Ao relacionar-se com ele, percebemos que ela abandona sua casa para enfrentar um novo mundo de desafios. Abdica do que havia construído como o próprio lar e a plantação que ela dedicava bastante cuidado e orgulhava-se dessa conquista. Quando decidiu migrar e ir com John Indien trabalhar para *Susana Endicott*, Tituba sentiu-se rejeitada “Em seus olhos, cor da água do mar, eu podia ler toda a repulsa que tinha de mim. Ela me fitava como um objeto nojento.” (CONDÉ, 2020, p. 47). Entendemos que no contexto da sociedade talvez isso não seja diferente do que acontece no romance em estudo, visto que desde pequena a mulher é primeiramente ensinada a seguir tradições impostas socialmente, principalmente se pensarmos nas condições que eram oferecidas às mulheres em sociedades e épocas em que elas não tinham o direito à educação, ao

trabalho e até mesmo a sonhar com um destino diferente do que era planejado muitas vezes pelos pais e também pelos esposos.

Portanto, logo que compreendeu o que sentia por John, a personagem interroga Man Yaya e esta sugere que ela pegue sangue do corpo dele, com isso poderia fazer “alguma coisa” para que ele fosse “naturalmente” seduzido. Tituba então arranhou o dedo mindinho de Indien e a reação que ele teve acabou mexendo com os sentimentos e as concepções da jovem, tanto sobre ele quanto sobre ela mesma.

Excerto seguinte:

-Ai! O que você fez, sua bruxa?
Ele disse por brincadeira. Mesmo assim, aquela palavra me assombrou.
-O que é uma bruxa?
Percebi que em sua boca a palavra estava manchada de degradação. Como é isso? Como? A faculdade de se comunicar com os invisíveis, de manter laço constante com os finados, de cuidar, de curar, não era uma graça superior da natureza a inspirar respeito, admiração, gratidão? Por consequência a bruxa, se desejam assim nomear aquela que possui graça, não deveria ser adulada e reverenciada em vez de temida? (CONDÉ, 2020, p. 42).

Tituba afirma que “toda essa reflexão me deixou pesada” (CONDÉ, 2020, p. 42), nesse contexto, entender o que sentia e perceber como Indien a via fez com que ela questionasse a sua condição e a própria vida, além de repensar acerca das escolhas e do quanto ela estaria disposta a abdicar para viver a construção desse amor. Desse modo, vemos no trecho subsequente a condição imposta à Tituba para viver com John Indien, e dois pontos merecem destaque: -a consciência de Tituba quanto a sua condição de mulher negra e escravizada e a ingenuidade de seu esposo com relação aos patrões.

[...]- Eu não sou um negro do mato, um negro maroon. [...] Se quer viver comigo, tem que vir para minha casa em Bridgetown! - Sua casa? - Eu ri ironicamente, acrescentando: - Um escravizado não tem "minha casa"! Você não pertence a Susanna Endicott, por acaso? Ele parecia insatisfeito: - Sim, eu pertenço à senhora Susanna Endicott, mas ela é boa... Eu o interrompi: - Como uma senhora pode ser boa? Pode o escravizado gostar de seu dono? (CONDÉ, 2020, p. 43).

Fica evidente o pensamento de Lerner (2019, p. 113), quando nos permite a compreensão de que “na maioria das sociedades, as mulheres são mais vulneráveis à marginalidade do que os homens”, isso porque Indien se considerava parte importante, ou até mesmo acreditava assumir uma posição relevante com relação à função que exercia na casa da patroa Endicott.

Criada dentro de um regime patriarcal, conservador e sobretudo religiosamente cristão, a senhora Endicott questionou imediatamente acerca do nome “Tituba”, bem como sobre a religião da jovem. Vejamos:

- Tituba? De onde saiu esse nome?

Eu disse friamente:

- Foi meu pai que me deu.

Ela ficou roxa:

- Baixe os olhos quando falar comigo.

Obedeci pelo amor a John Indien. Ela continuou:

-Você é cristã?

John Indien se apressou em intervir:

- Eu vou ensinar as preces a ela, senhora. E vou conversar com o cura da paróquia de Bridgetown para que ela receba o santo batismo o quanto antes. (CONDÉ, 2020, p. 47).

John passou a ensinar as preces que sua senhora mandou. Nos pensamentos dela: “[...]essas palavras não significam nada para mim. Não tinham nada a ver com as que Man Yaya tinha me ensinado.” (CONDÉ, 2020, p. 53). Essa passagem nos revela o poder dos povos dominadores sobre os povos dominados, a imposição religiosa desde muito tempo tem estado na construção identitária dos indivíduos e conseqüentemente da formação de muitas sociedades, no entanto, em muitas comunidades ela surge como uma verdadeira doutrinação. Lerner (2019) ressalta ainda que muitas civilizações tiram da Bíblia muitas de suas principais metáforas e definições e moralidade.

Aos poucos, a protagonista via crescer em si mesma um sentimento de não pertencimento, talvez perdendo-se um pouco da sua identidade, pois [...] “o “não lugar” de mulher negra pode ser doloroso, mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência.” (RIBEIRO, 2020, p. 27). No excerto seguinte, a personagem revela como sentia-se em relação ao modo como a patroa falava e agia:

Sob seu olhar de água marinha, perdia meus meios. Eu era apenas o que ela queria que eu fosse. Uma desengonçada com a pele de uma cor repugnante. Não importava o quanto eu chamasse ao resgate aqueles que amavam, eles não me davam nenhuma ajuda. Quando eu ficava longe de Susanna Endicott, eu me reprimia, eu me xingava, e jurava a mim mesma que resistiria ao próximo encontro cara a cara. Até imaginava respostas insolentes e astutas que eu poderia oferecer vitoriosamente às suas perguntas. Coitada de mim! Bastava estar diante dela para que toda a minha soberba me abandonasse. (CONDÉ, 2020, p. 53).

Identificamos como se deu essa rejeição de Tituba, bem como identificamos no romance a condição estabelecida para que pudesse continuar morando e trabalhando para a dona Endicott era comungar das mesmas tradições culturais e religiosas que ela.

Segundo Lugones (2019), entende-se que a missão civilizatória, incluindo a conversão ao cristianismo, estava presente na concepção ideológica da conquista e da colonização, nesse caso, julgar os povos colonizados como deficientes do ponto de vista da civilização justificava crueldades e a constante repulsa que Endicott sentia a respeito da sua escravizada.

De acordo com a narrativa e com a construção da formação da personagem, ela já tinha suas crenças, seus conhecimentos e sua ancestralidade, características que estão no centro da formação pessoal e da sua concepção cultural e identitária, conforme já discutimos anteriormente. No entanto, Susanna passou a desconfiar de John, e tentou tomar o controle da situação, logo, decidiu que ela mesma iria “catequisar” a jovem:

Susanna Edicott se comprometera de ela mesma me fazer recitar as lições do catecismo e me explicar as palavras do seu Livro Santo. Todas as tardes, às quatro horas, eu a encontrava de mãos cruzadas sobre um grosso volume de couro que ela não abria antes de fazer o sinal da cruz e murmurar uma prece curta. Eu ficava em pé diante dela e me esforçava a encontrar as palavras. [...] Porque eu não sabia explicar o efeito que aquela mulher produzia em mim. Ela me paralisava. Ela me apavorava. (CONDÉ, 2020, p. 53).

Ao longo da narrativa os caminhos de Indien e Tituba se bifurcam, pois ele servia fielmente aos seus senhores, de tal modo, ele se separa dela quando as acusações de bruxaria tomaram grandes proporções. A jovem parecia não compreender os motivos que levavam ao julgamento de tantas mulheres; assim, ela sofreu essa influência religiosa e patriarcal em muitos lugares por onde passou. Quando foi servir como criada na casa do religioso Samuel Parris, de acordo com a narrativa, viveu um período de grandes humilhações, conforme se pode constatar no exceto seguinte:

Eu não tinha entendido completamente a medida da devastação que a religião de Samuel Parris poderia causar, nem mesmo compreendido sua verdadeira natureza, antes de viver em Salem. Imagine uma comunidade de homens e mulheres esmagada pela presença do Maligno entre eles, procurando caçá-lo em todas as suas manifestações. Uma vaca que morreu, uma criança que teve convulsões, uma jovem que demorou a conhecer o seu fluxo menstrual e estava sujeita a infinitas especulações. [...] Quem, tendo se unido por um pacto terrível com o inimigo, havia provocado essas catástrofes? (CONDÉ, 2020, p. 103).

Ao ser presa, após as acusações de bruxaria, a protagonista vivencia suas dores e angústias, presa com outras duas mulheres também acusadas de terem cometido crimes de bruxaria. Com isso, vemos que a relação estabelecida entre o casal declina a partir das situações adversas ao contexto de servidão que ambos vivenciavam. Então, disposto a viver sem a esposa, John fica ao lado dos patrões que são fortemente ligados à tradição

religiosa conservadora. Analisamos esta situação levando em consideração um aspecto acerca dos vínculos e das relações estabelecidas entre homem e mulher, uma vez que

[...] é claro que o amor conjugal pode existir. Mas é um golpe de sorte ou o triunfo da virtude. O amor se realiza mais fora do casamento: amplamente tolerado para os homens, cuja sexualidade seria incoercível, é muito menos tolerado para as mulheres, cujo adultério é passível de ser levado aos tribunais, enquanto o dos maridos só pode ser condenado se praticado no domicílio conjugal. (PERROT, 2017, p. 47).

A materialização de uma dominação masculina velada nas relações que a personagem vivenciou é fruto de um contexto histórico e social que expõe a mulher de maneira objetificada, ela é a consolidação dos desejos masculinos e o cumprimento de regras sociais, como o próprio casamento.

[...] Tudo, na gênese do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite da experiência universal do corpo-para-o-outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros. (BOURDIEU, 2012, p. 79).

No entanto, a personagem carrega a resiliência e uma coragem absurda para enfrentar os desafios que encontrava durante essa trajetória de vida. Ainda na prisão, Tituba é comprada por um velho comerciante, o judeu *Benjamin Cohen d'Azevedo*, que havia ficado viúvo com filhos ainda pequenos. Ao sair da cadeia, ela retorna para os serviços domésticos e assume a posição de uma figura materna na vida das crianças do seu novo dono. Porém, não é a esposa para ser apresentada à sociedade e vivencia mais uma vez a solidão da mulher negra: abandonada por John e insuficiente para ser a esposa do Benjamin, entendendo que do ponto de vista social, a personagem não está dentro dos paradigmas que o modelo tradicional familiar exigia, pois ela precisaria ser uma mulher branca, de família abastada e influente socialmente.

Fazendo para o dono não só os serviços domésticos, mas também sendo objeto de desejo e de prazer dele, a personagem vive um verdadeiro infortúnio amoroso, pois passa a criar a expectativa de poder viver livremente, bem como acredita na possibilidade de ser aceita e busca uma felicidade que talvez ela ainda não tivesse provado. O casal vive um romance rápido, obviamente sem que a sociedade soubesse, pois, negra, escravizada e bruxa aos olhos da sociedade, não seria tida como esposa, conforme os padrões e as tradições culturais conservadoras pregavam.

Portanto, esse romance nos aproxima de muitas questões sociais que são apagadas diariamente, levando-nos a reconhecer que vivenciar a experiência de uma literatura

humanizadora faz com que identifiquemos os diversos “não lugares” que Tituba precisou viver, bem como nos permite o reconhecimento de uma trajetória pautada por grandes desafios para manter-se viva e fazer com que sua identidade não fosse perdida, nem sua voz calada. Logo, nos ancoramos na ideia de que as obras literárias podem romper inúmeras fronteiras, pois

[...] vivem nos séculos, ou seja, na grande temporalidade e, assim, não é raro que essa vida (o que sempre sucede com uma grande obra) seja mais intensa e mais plena do que nos tempos de sua contemporaneidade. [...] Ora, muitas vezes a obra aumenta em importância mais tarde, ou seja, insere-se na grande temporalidade. Uma obra não pode viver nos séculos futuros se não se nutriu dos séculos passados. Se ela nascesse por inteiro hoje (em sua contemporaneidade), se não mergulhasse no passado e não fosse substancialmente ligada a ele, não poderia viver no futuro. Tudo quando pertence somente ao presente morre junto com ele (BAKHTIN, 1997. p. 364).

Conhecer, hoje, a história dessa personagem, negra de Salem, nos permite pensarmos a respeito da intensa importância dada à literatura e sua função social, que a literatura seja uma verdadeira ferramenta de desilenciamento, que possa propagar o conhecimento e provocar o leitor a entender sobre passado, presente e também sobre o futuro

Em seguida, discutiremos sobre a construção social da misteriosa personagem do conto de Machado de Assis: *A cartomante*. Tendo em vista que é uma mulher subjugada, assim como Tituba, além disso, buscamos perceber as nuances na escrita de Machado.

3.3 A construção da representação social da cartomante

Como contar uma história enquanto se conta outra?
(PIGLIA, 2004, p. 91)

No tópico anterior, nossa análise tomou como centro as questões sociais e identitárias a respeito de Tituba, personagem de Maryse Condé e, aqui, analisamos a cartomante, personagem de um conto de Machado de Assis. Não nos propomos a analisá-la na perspectiva comparativa; nosso intuito é, primeiramente, buscar compreender o ponto de vista masculino para a cartomante e entender essa relação entre literatura e sociedade e o tratamento que é dado às mulheres que são colocadas à margem da

sociedade. Assim, entendendo essa relação nos ancoramos em Pilgia (2004) para refletirmos sobre as diversas outras histórias que estão presentes na margem dos contos.

Joaquim Maria Machado de Assis, natural do Rio de Janeiro, fundador da cadeira de nº 23 da Academia Brasileira de Letras- ABL, também ficou conhecido como Bruxo do Cosme Velho. Dono de uma escrita muito particular, Machado de Assis ganha as estantes e o coração dos mais variados leitores, utilizando-se de uma maneira muito pessoal, o escritor, na maioria dos seus textos, estabelece um sólido diálogo com o seu leitor. Essa característica do autor nos aproxima, ao mesmo tempo em que nos permite sentirmos como verdadeiros personagens de suas obras, ao que nos parece, o bruxo aparentava saber exatamente quem iria ler suas obras, bem como pressentia nossos sentimentos diante da sua vasta obra.

É através de um conjunto com elementos reais e fictícios que Machado produzia suas obras. Seus personagens passeiam entre o real e o ilusório, entre o social e o místico. Como contista, poeta, romancista, ensaísta e jornalista deixou um legado literário muito vasto e rico. *A Cartomante*, por exemplo, teve sua primeira publicação em um jornal, por volta de 1884, depois ganhou espaço em livros que trazem assuntos emblemáticos e misteriosos.

Nesse conto, há um enredo contado em 3ª pessoa do singular, narrando a história de um triângulo amoroso vivido pela jovem Rita e dois rapazes: Camilo e Vilela. Segundo o narrador, Vilela e Camilo eram amigos desde a infância, acabaram se distanciando diante das situações e dos percalços da vida. Ainda que estivessem distantes, a narrativa nos permite compreendermos que sempre mantiveram contato através de cartas que ambos trocavam. Já Rita era uma jovem com seus 30 anos e casada com Vilela; no entanto, as trajetórias da vida aproximam dela o jovem Camilo, melhor amigo do seu esposo. Após alguns infortúnios, Camilo passa a frequentar assiduamente a casa de Vilela e os três vivenciam uma relação intensa de amizade, até que Camilo perde a mãe e tem a vida e o coração consolado por Rita. É a partir dessa convivência íntima, afetuosa e tão forte, que Rita e Camilo passam a alimentar um romance, obviamente sem que Vilela soubesse. Todavia, a situação começa a mudar de rumo quando a moça decide frequentar a casa de uma cartomante.

A representação dessa personagem é marcada pela obscuridade e pelo mistério, uma característica relativa à própria cartomante. Nesse ponto, percebemos a literatura capaz de fornecer aspectos históricos, permitindo entender a respeito da sociedade de uma determinada época, segundo o que Compagnon (2009) destaca o exercício de reflexão e

experiência da literatura responde a um projeto de conhecimento do homem no mundo, assim compreendemos como na literatura e fora dela, a cartomante é vista.

Observa-se, então, que a arte literária desse conto pressupõe uma relação dialógica do presente com o passado, a maneira como a mulher cartomante é vista tanto na literatura, quanto no contexto sociocultural é marcada pela verossimilhança, isso porque ela é colocada à margem social. Construimos, através da leitura, uma imagem arquetípica de como é essa mulher, subjugada pela profissão que exerce. Segundo Oliveira (2021, p. 104), “as imagens arquetípicas construídas oferecem pistas acerca dos processos do inconsciente coletivo. Desse modo, os contos podem ser vistos como arquetípos, com personagens simbólicos, que representam algo.”

Ao ler nos perguntamos como é representada essa mulher, a cartomante nesse conto não tem nome social, dessa forma, ao longo da narrativa ela é chamada apenas de a cartomante. Todavia, ela tem uma significativa importância, primeiramente por ser título do conto, o que permite ancorarmos nossa inferência e posterior compreensão na ideia de que ela responsável pelo desenrolar e desfecho de toda a história, pois

[...] quando um escritor tem suas raízes profundamente ancoradas na vida do povo, quando acredita a partir desta íntima familiaridade com os problemas destacados da vida popular, é capaz de alcançar as verdadeiras profundidades da verdade histórica, inclusive quando dispõe apenas de uma “falsa consciência”. (LUKÁCS, 2011, p. 343).

Dito isso relembramos que o escritor Machado de Assis, conforme já citado, utiliza elementos reais, sobretudo da vida carioca para construir suas narrativas e dar um norte à vida dos seus mais variados personagens, a vida popular que ele descreve em seus textos, adentra aspectos sociais muito fortes e que nos permitem experimentar no texto literário as vivências sociais e períodos passados e/ou atuais.

Nesse sentido, destacamos que mesmo escrito por um autor homem, esse conto machadiano traduz o tratamento dado às mulheres de sua época. O julgamento social a respeito de uma mulher que lê cartas e que afirma enxergar o futuro, pode ser considerado semelhante ao olhar julgador sobre as mulheres bruxas. Evidentemente, destacamos aqui a peculiaridade da narrativa machadiana, pois, enquanto narrador irônico que é, a proposta pode ser a de fazer ver a mulher tal como se vê na tradição, em uma ironia à caça às bruxas, provavelmente. Assim, temos um olhar para a obra literária pensando também na presença dos aspectos sociais, históricos e culturais. Acrescente-se que a leitura de um texto literário, ancorada na estética da recepção, por exemplo, possibilita perceber esse diálogo entre contexto do leitor, do autor e da obra. Com esse olhar, voltamos para as

contribuições de Jauss (1994), ao abordar aspectos que colocam o leitor como parte fundamental do texto literário, pois

Na conduta estética, o sujeito sempre goza mais do que si mesmo: experimenta-se na apropriação de uma experiência do sentido do mundo, ao qual explora tanto por sua atividade produtora, quanto pela integração da experiência alheia e que, ademais, é passível de ser confirmado pela anuência de terceiros. (JAUSS, 1994, p. 77).

Nesse contexto, é necessário ressaltar a experiência instigante do leitor, propondo um “ser o outro”, conforme acontece na obra machadiana, uma vez que o leitor se sente inserido nesse conto, buscando entender os pensamentos que norteiam a vivência das personagens. Rita em seu ato desesperado e confuso decide ir a uma cartomante, buscando respostas para a sua relação amorosa com Camilo, sendo ela casada com Vilela. Compreendemos que o estudo desse conto ancorado na perspectiva da estética da recepção a qual Jauss (1994) se dedica, nos mostra que ocorre um diálogo entre o contexto do leitor e o contexto da obra literária. Todavia, o nosso estudo sendo mais ancorado em uma perspectiva da sociocrítica, destaca as questões sócio-históricas como centrais para o desfecho da narrativa, isto porque se trataria de duas bruxas: uma, a cartomante, que lê o futuro; e, a outra, Rita, que tem um amante. Ambas extrapolam as rédeas sociais e, muito provavelmente, uma se torna responsável pelo trágico desfecho da vida da outra, como uma espécie de castigo. Então, perguntamo-nos: nesse conto, Machado de Assis teria sido irônico para com a situação, afrontando uma sociedade patriarcal? Ou o conto é só mais um registro do desprezo para com as mulheres não ancoradas no padrão social?

Tais discussões são ainda mais suscitadas, quando Rita confessa a Camilo que havia frequentado a casa de uma cartomante e ele, imediatamente, considera aquela atitude como totalmente imprudente. Segundo o narrador:

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, *repreendeu-a*; disse-lhe que era imprudente *andar por essas casas*. (ASSIS, 2019, p. 153, grifos nossos)

No contexto, verificamos o verbo repreender, logo, o homem, hierarquicamente superior à mulher, mesmo não sendo seu marido, não hesita em tratá-la como alguém que carece de um guia para dizer-lhe o que é bom e o que não se serve; observa-se que a expressão “andar por essas casas” nos revela um tipo de julgamento social a respeito dessas duas mulheres: *Rita*: a mulher bem casada, que não deveria ser vista na casa de uma cartomante, pois certamente estaria em dívida com algum costume ou

comportamento social. Vê-se ainda *A Cartomante*, mulher excluída socialmente, geralmente, vista como charlatã, julgada e não sendo considerada uma boa companhia para uma dama da sociedade. Segundo o narrador, Rita é vista como subjugada e lacrimosa por viver esse romance com o amigo do esposo. Nesse sentido, esse conto nos revela uma experiência estética muito significativa, e conseqüentemente,

[...] confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o contexto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com o seu destinatário. Os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde de seu julgamento. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. Ignorar a experiência aí depositada equivale a negar a literatura enquanto fato social, neutralizando tudo que ela tem condições de proporcionar. (ZILBERMAN, 1989. p. 110).

Nessa perspectiva, identificando essa relação entre contexto e a obra, o leitor tende a construir os valores e o julgamento dado as essas duas mulheres da narrativa, assim diante da situação apresentada, após ter frequentado a casa da cartomante e ter sido alvo do riso e do julgamento do amante, Rita e Camilo passaram a viver um dilema, pois acreditaram que Vilela pudesse ter descoberto o envolvimento amoroso que acontecia em sua própria casa.

Tentando resolver suas aflições e buscando uma maneira de fugir das desconfianças do amigo, Camilo decide então que a melhor alternativa seria um afastamento e após meses sem ir à casa do estimado casal, recebe um bilhete escrito “Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora”. O tal bilhete desestabilizou o rapaz (Camilo), fazendo com que a voz do seu amigo (Vilela) ressoasse em sua mente repetidas vezes. Preocupado e com medo do que poderia ser, ou acontecer tanto a ele, quanto à Rita, o moço decide ir ao chamado do amigo. Todavia, ao passar pela casa da cartomante, atordoado pelos pensamentos frequentes decide realizar uma visita a esta misteriosa mulher:

Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e peçadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino. (ASSIS, 2019, p. 157).

No contexto da narrativa, Camilo não acreditava em cartomante, inclusive já havia julgado a amada Rita por ter frequentado esse tipo de casa/lugar. No entanto, estando diante da confusão que se instaurou em seus pensamentos, após receber o recado do

amigo, encontra-se disposto a tudo que estiver em seu alcance para buscar uma alternativa ou resposta para o dilema que estava por enfrentar, assim,

[...] a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruíra o prestígio. (ASSIS, 2019, p. 158).

Ao que nos é permitido compreender, conforme a necessidade o afligia e ao passo que o destino o sucumbia, o jovem agora seria crédulo da mulher que acabara de julgar. Assim, cada perspectiva não apenas permite uma determinada visão do objeto intencionado, como também possibilita a visão das outras. De tal modo, o leitor visualiza a apreensão de Camilo e entende o desespero em buscar uma rápida resposta para aquele bilhete. Após chegar à casa da cartomante ela

[...] fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. (ASSIS, 2019, p. 158).

Logo depois o narrador faz uma descrição dessa mulher: “Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos”. (ASSIS, 2019, p. 158). E foi com seus olhos sonsos e agudos que ela fez com Camilo acreditasse em tudo que havia falado, segundo o narrador nos traz, as palavras acalmaram o rapaz, que saiu ao encontro de Vilela, após ter pagado 10 mil réis, pois

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo. (ASSIS, 2019, p. 160).

Além disso,

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável. (ASSIS, 2019, p. 160).

No entanto, o fim trágico desse conto, nos revela que Vilela matou a jovem Rita e logo depois também tirou a vida do amigo Camilo. Apresentamos no seguinte excerto:

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão. (ASSIS, 2019, p. 160).

Quando verificamos a partir do contexto sociocultural desse conto, que estamos diante um conhecimento além do que já está posto; e é partir da compreensão social que temos a respeito da representação da personagem, que entendemos o julgamento dado a ela e também a Rita, por ter ido ao seu encontro, uma vez que o

[...] domínio masculino na religião, na literatura e no direito criou um simbolismo e uma mitologia especiais acerca das mulheres que se caracterizariam por uma ambivalência triparte. A mulher é virgem pura; a mulher é a mãe carinhosa; a mulher é a megera maléfica e carnal. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 146-147).

Consequentemente, Rita passa de mulher carinhosa e virgem pura à megera, traidora, infiel, ao passo que seu relacionamento extraconjugal foi descoberto, além disso, a cartomante é socialmente já identificada como maléfica e carnal. Nessa construção, o narrador, nos coloca diante da visão de Camilo sobre a mulher misteriosa que a moça havia feito uma consulta. Vejamos no seguinte trecho extraído do conto:

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço. (ASSIS, 2019, p. 159).

O conto nos apresenta a construção social de uma personagem que é fundamental no transcorrer dos acontecimentos, de tal maneira, trabalhando na leitura dessa narrativa, com aspectos que também dizem respeito ao valor literário, partindo de um conjunto de valores semânticos na construção desta experiência pessoal e subjetiva. Nessa perspectiva, a leitura literária

nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (TODOROV, 1939. p. 24).

Diante desse entendimento, é necessário também destacarmos que ao observarmos a literatura a partir de diferentes aspectos e perspectivas nessa experiência pessoal e subjetiva, estamos dando margem e favorecendo o surgimento de diferentes análises. Compagnon (2009), nesse caso, destaca que o exercício de reflexão e experiência da

literatura responde a um projeto de conhecimento do homem no mundo. O historiador de literatura francesa destaca que

Quando lemos, nossa expectativa é função do que nós já lemos – não somente no texto que lemos, mas em outros textos –, e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer de nossa leitura obrigam-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos. (COMPAGNON, 1999. p. 146).

Assim, parte da nossa leitura e interpretação dessa cartomante é uma reinterpretação também do que já conhecemos, seja através de outras leituras e textos, seja através da reformulação das nossas experiências. A maneira como a história é conduzida nos aproxima do narrador, fazendo com que o leitor atualize perspectivas, ideias, pensamentos e criatividade, dando ao final o sentido que nos aproxima da história e do contexto em que ela é narrada. De tal modo, é válido ressaltarmos que “a teoria da recepção insistiu em que o texto não é o único fenômeno literário, mas é também a reação do leitor e que, por conseguinte, é preciso explicar o texto a partir dessa reação.” (COLOMER, 2003, p. 95). O texto literário é compreendido a partir de diversos fatores, para além das diversas escolhas teóricas para darem conta de nossas leituras e interpretações, mas é necessário lembrarmos de que a subjetividade e o conhecimento de mundo também são traços importantes para darmos sentido a uma obra. É relevante ressaltar que, de acordo com as concepções de Compagnon (1999)

As obras de arte transcendem a intenção primeira de seus autores e querem dizer algo de novo a cada época. A significação de uma obra não poderia ser determinada nem controlada pela intenção do autor, ou pelo contexto de origem (histórico, social, cultural) sob o pretexto de que algumas obras do passado continuam a ter, para nós, interesse e valor. Se uma obra pode continuar a ter interesse e valor para as gerações futuras, então seu sentido não pode ser paralisado pela intenção do autor nem pelo contexto de origem. (COMPAGNON, 1999, p. 85).

Assim, a construção de sentido acerca da cartomante e de Rita não fica presa única e exclusivamente à época em que o conto foi escrito, levamos também em consideração as relações históricas, mas também contemporâneas para entendermos como essas duas mulheres são retratadas e os motivos pelos quais seriam elas duas bruxas. A sociedade patriarcal, ainda que estejamos tratando de um conto, reflete na ações das personagens, entender a conjuntura em que a obra está ambientada e trazer à contemporaneidade nos mostra que muitos desses julgamentos permanecem. Na Idade Média essas duas mulheres, certamente, iriam à fogueira. E atualmente? A fogueira do cancelamento

também acenderia para elas? A cartomante, assim como nos trouxe Perrot (2019), seria mais um bode expiatório da modernidade, e seria/é tratada como uma feiticeira.

Portanto, Machado nos envolve na história narrada, conduzindo o leitor a identificar a construção social da personagem (cartomante) através da história subjacente, uma vez que de acordo com a perspectiva adotada por Piglia (2004, p. 112), “há um mecanismo mínimo que se esconde na textura da história e é a sua margem e centro invisível”. Dessa maneira, a “ideia de um final aberto é como um sonho, como um resto que se acrescenta à história e lhe dá fecho.” (PIGLIA, 2004, p. 108). Assumindo uma importante tarefa social, a literatura nos apresenta a ficção, mas também a História atravessada por diferentes contextos, perspectivas e subjetividades, assim como nos acrescenta Perrot (2019, p. 93) “a leitura abre portas perigosas do imaginário”, dito isso, entendemos que essas portas perigosas são e serão as vozes de muitas mulheres Ritas e cartomantes.

Buscando entender a construção identitária, a representação social e o arquétipo em torno de figuras femininas na literatura, nossa análise no tópico seguinte centra-se na identificação do arquétipo de bruxa no conto *Quem me deu foi a manhã*, de Marina Colasanti. Também partimos da relevância de compreendermos a construção literária dentro dessa perspectiva sociológica.

3.4 O arquétipo de bruxa em *Quem me deu foi a manhã*

Muitas mulheres têm nos apresentado uma literatura engajada, além disso elas têm, dentro de certo limite, garantido um espaço em um meio que até pouco tempo era considerado predominantemente masculino. Até se tem visto o crescimento e o surgimento de novas escritoras, assim como também a reafirmação e a visibilidade de tantas outras que já trilharam pelos caminhos literários. Isso tem sido uma forma também de enxergarmos o empoderamento dessas mulheres e a necessidade de torná-las ainda mais lidas, reconhecidas, logo, ouvidas.

Marina Colasanti é uma dessas escritoras que tem nos presenteado com uma poética e sutileza em tratar diversos temas, sobretudo os que permeiam o universo infanto-juvenil, proporcionando ao leitor uma aventura pelos elementos fantástico e maravilhoso que revelam a sua produção artística-literária. A autora é capaz de envolver leitores de diferentes idades e lugares, trazendo múltiplas compreensões e,

consequentemente, experiências que são bastante singulares e subjetivas experienciadas por cada leitor.

O conto em análise neste tópico está inserido no livro *23 Histórias de um viajante*, e é nesta obra que o leitor é convidado a criar, através da imaginação, um caminho de possibilidades, pois é por meio de uma surpreendente linguagem atravessada pelos elementos míticos, fantásticos, maravilhoso e pela poeticidade (que é umas das características da autora) que ela nos aproxima das mais variadas personagens descritas nesse livro.

Além dos elementos já citados, verifica-se a sensibilidade de uma escrita que abrange diferentes públicos, uma vez que Colasanti também é reconhecida por abordar o papel feminino na sociedade, com isso, mostra-nos que a literatura é um espaço de vozes ressignificadas, que foram silenciadas e impedidas de se fazerem ouvidas. Em suas obras, algo que nos parece tão pequeno, ou sem intenção, nos revela um entendimento e uma compreensão sobre o mundo e sobre as vivenciais sociais de uma forma perspicaz e muito bem abordada, trazendo ao leitor possibilidades de interpretação.

Compreendemos e reafirmamos a relevância da literatura para abertura de amplos diálogos e reflexões. Assim, entendendo que a literatura fantástica se desenvolve a partir de elementos que caminham entre o mistério, o inexplicável e o que socialmente consideramos irreal, que criamos um universo particular e fecundo que povoa o mundo da fantasia de uma maneira singular e que desperta a sensibilidade e a curiosidade pela leitura. Por isso, entendemos a construção do arquétipo da personagem protagonista do conto *Quem me deu foi a manhã*, discutindo como os elementos maravilhosos podem contribuir para a construção social da personagem bruxa, sobretudo levando em consideração as metáforas criadas em torno das diferentes situações que são narradas.

A noção do sentido de bem e do mal construída nesse conto nos aproxima dos contos de fadas, pois a história é desenvolvida através de ações que são benéficas para a personagem, logo depois de ter passado por momentos de tensão e de julgamento pelas pessoas do povoado onde vivia. Conforme assevera Oliveira (2021), é preciso salientar que

[...] os contos de fadas se originaram de histórias populares anônimas recontadas por séculos, tornando-se, ao longo do tempo, histórias autorais, de acordo com um modelo social, discursivo, ideológico aceito, cujos aspectos psicológicos se voltam para símbolos e arquétipos da memória coletiva. (OLIVEIRA, 2021, p. 56).

A memória coletiva acredita que uma bruxa é aquela que é responsável por fazer maldade, ser feiticeira e pactuar com demônios, segundo Russel e Alexander (2019). São aspectos ideológicos que estão estruturados e enraizados na memória coletiva e que nos levam a desfazermos essa ideia e entendermos todo esse processo histórico que centra muitos discursos.

O conto *Quem me deu foi a manhã*”, de Marina Colasanti, nos apresenta a história de uma garota que vive em um povoado e vai lavar suas roupas em um rio, algo que há um tempo era comum no contexto social de muitas mulheres, assim como ainda existe em algumas comunidades pelo mundo todo. No entanto, aqui estamos diante de um conto que nos traz elementos do maravilhoso, mas que nos fornece também aspectos que podemos associá-los de forma metafórica ao que foi a caça às bruxas, já vista nesta dissertação, como por exemplo o arquétipo em torno da personagem e o castigo dado à ela por ter sido julgada como bruxa.

O arquétipo de mulher bruxa erguido nessa história nos apresenta uma moça boa que diante de situações emblemáticas e embaraçosas foi acusada de bruxaria e levada a um julgamento. A protagonista é moradora de uma aldeia, nesse lugar as pessoas saem para lavar as roupas em um rio e é a partir desse evento que a história acontece. Ao chegar ao rio a jovem estava lavando as anáguas e uma salamandra iniciou uma conversa e logo depois enroscou-se no tornozelo da dama e ali fixou-se, parecendo uma joia de prata brilhante. Passados alguns dias, a garota novamente foi às águas lavar suas roupas, ao lavar um xale, uma serpente a questionou o motivo de tanto esmero ao lavar a peça, então deslizou pelo ombro da moça e rodeou o seu pescoço como se fosse uma esmeralda. Outro dia foi a moça lavar os cabelos e ao mergulhá-los no rio uma libélula voou e pousou em sua cabeça, fixando como um acessório. Toda a comunidade via a jovem retornar do rio com os novos pertences, o que causou muitas conversas, todos esperavam ela passar, com o argumento de que uma moça pobre usando aquelas joias, só poderia ter roubado.

A narrativa nos ajuda a entender o motivo e como as pessoas, do ponto de vista social, percebiam e caracterizavam uma mulher a bruxa. Há na narrativa um arquétipo muito próximo do que no contexto social se estabelecia como uma mulher bruxa, que seria aquela que por algum tipo de força sobrenatural poderia desempenhar determinadas ações e ou habilidades misteriosas. No conto, a moça, moradora da aldeia, nos leva a perceber como se dava essa caça às mulheres-bruxas, uma vez que surgiam os comentários e as suposições acerca das ações realizadas e logo, elas (mulheres) seriam perseguidas e conseqüentemente passavam por algum julgamento. De acordo com as

discussões já abordadas, Russel e Alexander (2019), destacam que as histórias populares expressam preocupações do inconsciente em símbolos, assim, o significado da figura da bruxa, como também qualquer outro símbolo pode variar de acordo com a história em que se está inserida.

Além disso, destaca-se também a compreensão de que a figura arquetípica da bruxa é construída com base na ideia de poderes inesperados, sobretudo a forma inusitada em que a mulher bruxa poderia se defender, munindo-se de poderes sobrenaturais e uma força maléfica que ameaçava a ordem social, conforme Russel e Alexander (2019) nos trouxeram.

A moça cujo nome não é apresentado ao leitor, vivencia as três situações citadas acima, são essas circunstâncias que provocam o desfecho da história e sobretudo o motivo pelo qual ela é considerada uma bruxa. São estas as situações:

Situação 1:

Foi uma moça lavar suas anáguas no rio. Espuma de rendas, espuma de águas. Depois deitou-as sobre a grama para secar. E da grama uma salamandra levantou a cabeça e perguntou:

- Que rendas são essas que você lava com tanto capricho?

-São as rendas que farfalham nos meus tornozelos- respondeu a moça.

-Eu também quero ouvir esse farfalhar- disse a salamandra. E antes de ser mordida, a moça deixou-a estar e voltou para a aldeia. (COLASANTI, 2005, p. 77).

Situação 2:

Passados alguns dias, novamente foi ela ao rio, lavar suas roupas. Água batendo nos panos, panos batendo nas pedras. E estava enxaguando o xale, quando uma serpente emergiu entre as franjas e perguntou:

- Que roupa é essa que você lava com tanto esmero?

- É o xale que pousa nos meus ombros- respondeu a moça.

Eu também quero pousar nos seus ombros- disse a serpente. [...]

Era lisa, e verde como esmeralda. Porém, com medo da picada, a moça não ousou tocá-la. E voltou para a aldeia. (COLASANTI, 2005, p. 77).

Situação 3:

[...] Novamente foi a moça ao rio. Dessa vez não levava roupas. Ajoelhou-se na beira e mergulhou a cabeça para lavar os cabelos. Ondular de ouro na água, ondular de azul entre os fios. Depois penteou e sacudiu os cabelos para secá-los ao sol. E como se trazida pelo sol, uma libélula voou e veio pousar na cabeça, um pouco de lado. Ali imóveis as asas, deixou-se ficar.

Era delicada e graciosa como uma filigrana. Mas com medo de machucá-la, a moça nem a tocou. Quis vê-la, procurou seu reflexo no espelho da água. Depois voltou à aldeia. (COLASANTI, 2005, p. 78).

Verifica-se que os três animais se transformam em joias no corpo da moça; desse modo, sempre que chegava à aldeia era motivo de olhares curiosos que questionavam onde ela havia encontrado joias tão bonitas e aparentemente muito valiosas. Segundo a narrativa, a moça não tinha nada a esconder, então, deixava tudo à mostra; assim, “de boca em boca, de boca a ouvido, aos cochichos, aos murmúrios, sussurrando, segredando de um a outro, de um a muitos, pelos cantos, pelas ruas, as joias tornaram-se o assunto da aldeia.” (COLASANTI, 2005, p. 79).

Nessa conjuntura, conforme nos apresenta o narrador deste conto em 3ª pessoa, os moradores da aldeia não se conformaram com a menina pobre que agora usava joias de valor. Então a notícia chegou “pelas janelas e portas da Cadeia Geral, indo se abater sobre a mesa do Chefe de Polícia” (COLASANTI, 2005, p. 78). Depois disso, a moça foi presa acusada de ter roubado as joias; e, até então, sua acusação era de roubo, tendo em vista que não se tinham as informações de como ela havia adquirido joias valiosas naquela simples aldeia. Todavia, a jovem conseguiu com a ajuda das suas “joias” escapar da prisão: “A serpente desprendeu-se do pescoço da moça, deslizou sinuosa para fora da cela, aproximou-se do carcereiro adormecido, enroscou-se na perna na cadeira, e erguendo a cabeça, mordeu com um bote a mão pendente.” (COLASANTI, 2005, p. 79). E depois desse acontecimento, a libélula ajudou na sua fuga, no entanto, não demorou para que as acusações de bruxaria começassem, pois o policial não acordava e não se tinha uma razão para o ocorrido. Nesse caso, a personagem passa a ser vista como uma ameaça à ordem social e por tal deveria passar um julgamento pelos seus atos, atos estes que até então não passavam de suposições e de uma maneira comum de subjugar a mulher, pois “[...] em muitas circunstâncias, podemos perceber que as perspectivas para os arquétipos femininos construídas pelos mitos auxiliam na concepção de limitadas possibilidades, refletindo a subjugação da mulher.” (OLIVEIRA, 2021, p. 91). Nesse espaço de julgamento, conforme vemos no conto, a mulher é vista como um perigo e uma verdadeira afronta à comunidade em que vivia, sendo vista como bruxa e ladra.

É relevante destacar que na tradição oral, esses animais ao transformarem-se em joias e mudarem o destino da moça, poderiam ser comparados ao ideal que o pensamento coletivo supõe sobre uma fada, pois geralmente essa personagem é de grande relevância para o clímax e desfecho de variadas narrativas fantásticas e maravilhosas, sobretudo do universo infantojuvenil, pois

[...] assim como no passado remoto os deuses inspiraram os mitos e encheram a vida humana com façanhas e heróis maravilhosos, as fadas e sua multidão de criaturas complementares, como os *goblins* e os *pixies*, iluminam a vida com episódios e símbolos que espelham o ser desde a perspectiva de um outro caminho: o da imaginação que experimenta conflitos excepcionais que incitam a se aventurar em um estado superior de existência. (ROBLES, 2019, p. 227).

A moça experimentou conflitos que foram solucionados de forma inesperada, povoando a imaginação e a criatividade do leitor. Então, trazendo o pensamento de Russel e Alexander (2019), fica muito notório essa relação de que a criação de bodes expiatórios se torna intensa durante a caça às bruxas, assim como é visto nesse conto, ainda que seja ficção. É possível pensarmos no contexto da caça às bruxas instaurada na Europa, uma vez que, de acordo com Russel e Alexander (2019), quando as inseguranças e os terrores da sociedade foram projetados sobre certos indivíduos eles foram mortos.

Além disso, é interessante ressaltarmos que

O ressurgimento do interesse sobre a história da bruxaria, ocorrido nas últimas quatro décadas, tem sido extraordinário. Muitas abordagens apresentam valor considerável; mas tentar seguir todas elas poderiam nublar o ponto central de que a ideia de bruxaria se desenvolveu ao longo do tempo, e de que esse desenvolvimento é perceptível como um padrão histórico. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 23).

Ademais, a personagem do conto vai à fogueira, julgada como bruxa, mas deixa todos à sua volta surpresos, pois consegue se livrar do castigo, já que a população e a polícia havia cobrado impostos pra que ela pagasse pelo “roubo”. Porém, a jovem não era malvada, de acordo com a narrativa suas ações foram provocadas de forma muito natural e até mesmo ingênua.

Sempre que a moça chegava ao rio era surpreendida com novas e emblemáticas situações, não sabendo lidar com isso e tampouco responder aos curiosos, restava ser presa e logo depois julgada por ser uma bruxa. O narrador nos apresenta da seguinte forma o episódio em que a jovem moça foi vista como bruxa:

Como havia conseguido fugir a ladra fugir da cadeia tão forte?
Perguntavam-se todos no dia seguinte. E por que o carcereiro contia dormindo?

- Bruxaria! Foi a resposta que jorrou daquelas bocas.

[...] a ordem foi expedida, os esbirros saíram à procura e todos os aldeões empenharam-se na caçada. (COLASANTI, 2005, p. 80).

Ainda que ficção, não distanciamos da História, principalmente, se fizermos uma analogia, evidentemente, ao período de caças às bruxas que matou tantas mulheres inocentemente, silenciando as incertezas do futuro. Segundo Russel e Alexander (2019),

a ideia de algum pacto era crucial e isso servia de remate para o julgamento como bruxa; a jovem não sabendo explicar seus novos pertences caía no julgamento popular. O conto, mesmo sendo baseado na ficção e nos elementos fantásticos, nos mostra o quanto a caça às bruxas foi cruel, pois não tão distante e diferente do que ocorria em muitas sociedades, mulheres foram assim julgadas e vistas pelo mundo todo como bruxas, pois, segundo Russel e Alexander (2019, p. 63), “os contos populares a respeito de bruxaria e feitiçaria refletem geralmente o medo”, assim, afirma-se que a bruxa das histórias populares é basicamente uma feiticeira[...] e que está intimamente associada aos poderes de natureza, e tem muitos atributos conferidos a um espírito da natureza, nesse caso, Oliveira (2021) destaca que

[...] os autores de releituras de contos de fadas desafiam visões convencionais de gênero, socialização, papéis sexuais, a fim de delinear novos horizontes para os leitores. Mostrando insatisfação com o discurso dominante, esse “tornar a ver” a tradição possibilita uma perspectiva diferente, dando voz aos personagens esquecidos e silenciados. A atenção é voltada para a ilusão criada pelos contos de fadas estruturados na premissa da submissão feminina. (OLIVEIRA, 2021, p. 24).

Colasanti, nesse conto, desafia uma nova visão do papel dessa mulher subjugada e tratada como uma bruxa, seria essa mulher a representação do ressurgir das cinzas? Prova-nos que a personagem é julgada injustamente, estruturando o empoderamento dela após ressurgir das cinzas da fogueira em que a colocaram.

Para aprofundarmos nossas discussões a respeito do arquétipo de bruxa na literatura, na sequência de nossas discussões, propomos uma análise da bruxa em *João e Maria* e com isso, destacamos a maneira como essa personagem é caracterizada na tradição oral. Sobretudo, essa discussão contribui para a compreensão de como construímos desde muito cedo as percepções e concepções a respeito da bruxa e também como povoamos o imaginário coletivo e estereotipado dessa personagem tão presente, quanto julgada socialmente.

3.5 Mulheres e bruxas: a representação feminina em *João e Maria*

*Ninguém nasce sabendo ler:
aprende-se a ler à medida
que se vive.*
(Marisa Lajolo)

À medida em que construímos nossas experiências aprendemos a ler o mundo sob um novo olhar. A leitura é uma abertura a esses novos mundos e às novas perspectivas, portanto, a vivência com a leitura literária desde cedo nos apresenta uma série de elementos que provocam a e povoam a nossa imaginação, bem como nos permite um verdadeiro encontro entre a ficção e a realidade, entre o social, mas também entre o fantástico e o maravilhoso.

Desse modo, é partindo da ideia de se aprender a ler à medida em que vivemos e em que construímos nossas experiências e nossas concepções, conforme nos relembra Lajolo, que procuramos perceber através de uma leitura analítica de cunho crítico e social, como a mulher é apresentada ao leitor no conto de fadas infantil *João e Maria*.

Os contos de fadas estão muito presentes na nossa vida escolar. Desde criança, fazem parte das nossas primeiras leituras, nas apresentações culturais da educação infantil, nos filmes e na nossa imaginação. Estudar o conto de fadas nos aproxima da literatura infantojuvenil e da história, partindo da oralidade, uma vez que este surge na tradição oral. Conforme Oliveira (2021),

Os contos de fadas podem ser estudados por um imenso arranjo de possibilidades. A principal abordagem que ilumina esse estudo diz respeito à relatividade histórica do significado, ou seja, as versões refletem os contextos culturais, históricos e ideológicos de produção, demonstrando a remodelação dos significados, os quais podem ser diversos se as histórias forem analisadas e interpretadas a partir da perspectiva de outros personagens. (OLIVEIRA, 2021, p. 11).

Salientamos que as diferentes adaptações e releituras dos contos ganham os corações e as estantes de vários leitores ao longo do tempo, além disso eles permitem-nos sentir o prazer da leitura literária e a magnífica exploração da imaginação, Oliveira (2021, p. 22) acrescenta que “é necessário olhar para as histórias, antigas e novas, e observar como elas têm sido criadas, modificadas e desafiadas, pois os contos de fadas literários possuem variações e isso tem ocorrido por pelo menos três séculos.”

Desse modo, destacamos que o conto de fadas como, objeto cultural, nos traz modelos que permitem uma leitura muito dinâmica e prazerosa, mas também nos fornece

bases para uma leitura analítica das representações sociais das personagens criança, bem como da família, do papel social da mulher e da bruxa, que é uma personagem muito presente nas histórias infantojuvenis.

As narrativas infantis nos retratam os medos, o amor e nos despertam sentimentos diversos; nos trazem conhecimentos a respeito da dificuldade de ser criança, bem como sobre as carências e as descobertas dessa fase da vida. Também nos falam das perdas e das buscas, dos desafios da pobreza, da solidão vivenciadas pelas mais diferentes personagens, das monstruosidades dentro de um universo ficcional permeado de elementos fantásticos, por exemplo. Verifica-se também em contos de fadas a relação entre o desejo pela ascensão social, bem como os antagonismos entre a vida e a morte nas mais variadas narrativas.

Nesse contexto, ao pensarmos no modo como a mulher é representada no conto *João e Maria*, nos debruçamos em um determinado período da história, momento em que estes contos povoavam fortemente a tradição oral e o momento em que a figura feminina foi fortemente perseguida e subjugada. Dessa maneira, a leitura sob um viés crítico e social nos leva à compreensão das diferentes representações em seus mais diversos contextos. Destacamos aqui a análise da personagem feminina da bruxa e a figura da madrasta e da menina no conto.

De acordo com Lerner (2019), é relevante entendermos que a história das mulheres é indispensável e essencial para a emancipação de muitas outras mulheres, mas reconhecemos que do ponto de vista histórico elas tiveram suas histórias silenciadas e foram inferiorizadas de diversas formas, assim é válido destacar que muitas

[...] foram impedidas de contribuir com o fazer História, ou seja, a ordenação e a interpretação do passado da humanidade. Como esse processo de dar significado é essencial para a criação e perpetuação da civilização, podemos logo ver que a marginalização das mulheres nesse esforço as coloca em uma posição ímpar e segregada. As mulheres são maioria, mas são estruturadas em instituições sociais como se fossem minorias. (LERNER, 2019, p. 29).

No entanto, como os homens, as mulheres também foram importantes peças na construção das civilizações, ainda que sem esse reconhecimento, elas foram e são agentes da construção social, assim,

as mulheres são essenciais e peças centrais para criar a sociedade. São e sempre foram sujeitos e agentes da história. As mulheres “fizeram história”, mesmo sendo impedidas de conhecer a própria história, seja a delas mesmas ou a dos homens. (LERNER, 2019, p. 29).

A citação acima nos lembra o quanto as mulheres foram e são fundamentais na construção das sociedades, além do quanto elas já trilharam em busca de melhores condições de vida e também nos permite lembrar de tantas lutas que ficaram desconhecidas e silenciadas pela História. É válido destacar que Perrot (2017) aborda que para escrever a história, são necessários fontes, documentos, vestígios, e isso é uma dificuldade quando se trata da história da mulher. Sabe-se que a sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, constantemente destruídos.

Para analisarmos a representação das personagens femininas no tradicional conto *João e Maria*, dos Irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, nos debruçamos teoricamente na crítica social afim de entendermos o contexto e conseqüentemente percebermos as nuances que atravessam a ficção e a realidade nesse conto tão lido e acolhido por diferentes gerações.

Verificando a personagem bruxa e refletindo sobre como o ideal coletivo a reconhece ficcionalmente, assim como também a maneira como enxergamos socialmente a representação dessa mulher, podemos nos perguntar o seguinte: quem são as mulheres no conto de fadas infantil *João e Maria*, dos Irmãos Grimm? Essas mulheres são entrelaçadas em suas histórias e se enxergam diante de desafios inesperados. Desse modo, temos três mulheres: a mulher má e ardilosa, na representação da madrasta; a ingênua criança, na personagem Maria e a mulher velha no papel da bruxa maléfica, que matava crianças e depois alimentava-se delas. A mulher na personagem bruxa é descrita como feia e malvada. Ela é a representação estereotipada da bruxa que vive em uma casa construída de doces e guloseimas utilizadas para atrair as crianças.

É possível, nesse conto, verificar através destas personagens, três fases que compõem a vida do ser humano, a infância, a fase adulta e a velhice. De acordo com Perrot (2017), o corpo da mulher passa por muitas mudanças, e não apenas nos aspectos físicos e estéticos, mas também o corpo na História, pois a História traz transformações para além dos aspectos físicos, tendo em vista que reconhecemos também as transformações nos âmbitos políticos, ideológicos e materiais, assim como as idades na vida de uma mulher, como as aparências, a sexualidade, a maternidade são fatores que permitem grandes mudanças e transformações.

Segundo aponta Perrot (2017), a longevidade feminina é recente, pois durante a Idade Média a taxa de mortalidade da mulher era superior à taxa do homem. “A menina

é uma desconhecida. Antes do século XX, existem poucos relatos de infância de meninas” (PERROT, 2017, p. 43). Além disso, é necessário ressaltarmos que

Não é fácil delinear a vida real das meninas. Elas passam mais tempo dentro de casa, são mais vigiadas que seus irmãos, e quando se agitam muito são chamadas de “endiabradas”. São postas para trabalhar mais cedo nas famílias de origem humilde, camponesas ou operárias, saindo precocemente da escola, sobretudo se são mais velhas. São requisitadas para todo tipo de tarefa doméstica. Futura mãe, a menina substitui a mãe ausente. Ela é mais educada do que instruída. (PERROT, 2017, p. 43).

Tal citação nos aproxima da ficção e do modo como a personagem Maria é representada no conto infantil em análise. A garota sai do ambiente da família que abandonou junto com seu irmão. João é retratado na narrativa como um menino corajoso e que irá proteger a irmã, uma construção ideologicamente atravessada pelos ideais patriarcais, sob a ótica de que o menino é responsável por manter a menina bem e segura. Isso é reflexo, portanto, dessa construção de modelo de família, que colocava a mulher como frágil e o menino como o corajoso e forte. Talvez o mesmo modelo que ainda hoje estrutura a construção ideológica de que o homem não deve mostrar-se frágil, visto que seria uma atitude para a menina, ou seja, uma visão patriarcal infundada cientificamente. No entanto, quando os irmãos se encontram sob um cárcere, na casa da bruxa, logo após terem sido abandonados pelo pai e pela madrasta, Maria passa a ser serva da mulher para realizar os serviços domésticos e cozinhar para a velha e para seu próprio irmão, pois que a bruxa havia ameaçado alimentar-se dele assim que apresentasse estar pronto para que ela pudesse saciar a fome.

Verifica-se que as crianças representadas no conto, logo de início, mostram-se corajosas e autônomas diante dos desafios que lhes foram impostos. Todavia, ao entrarem na casa de uma mulher desconhecida, apresentada como uma bruxa, o sentimento de medo e de inquietude é despertado; pois, longe dos adultos e da família, as crianças precisariam arquitetar a própria sobrevivência para estarem livres dos castigos e da maldade da senhora/bruxa. No trecho subsequente, Maria demonstra estar aflita e, portanto, chora por ter desejado morrer na floresta, juntamente com seu irmão, pois, assim, não seriam separados.

Maria chorava lágrimas sangrentas e pensava que teria sido melhor se eles tivessem sido devorados pelos animais famintos da floresta. Ao menos teríamos morrido juntos e não teríamos sofrido tanto, eu não precisaria ferver a água para cozinhar o meu querido irmão.” (GRIMM, 2012, p. 89).

Quem toma a atitude decisiva que os salva da casa da bruxa é a menina, uma vez que estava responsável por cozinhar. A garota decide montar uma armadilha, que levou a bruxa a cair dentro do forno, permitindo que as crianças fugissem daquela situação. Já na figura feminina da mãe, ou seja, na ideia da maternidade, é apresentada a madrasta. De acordo com a construção da narrativa, a madrasta é vista como malvada e falaz, aquela que é responsável por pensar no plano de abandono das crianças, pois a

A figura da madrasta má tem ganhado cada vez mais notoriedade como uma dentre tantas personagens vilãs. Os irmãos Grimm selecionaram a madrasta como uma antagonista apropriada. Uma análise da primeira para a segunda edição de Branca de Neve, por exemplo, demonstra que a madrasta nem sempre foi a vilã da narrativa, de modo que a escolha por atribuir a vilania a essa personagem é consciente. O motivo é que ainda permanece nebuloso. Especula-se, com Bruno Bettelheim (2002), que a madrasta malvada preserva a imagem da boa mãe, a fim de que a criança possa expressar sua raiva em relação a uma figura materna sem sentir culpa. Considerando a perspectiva de unidade familiar, essa teoria justifica a vilania da madrasta, afinal ela é alguém de fora, estando à margem. (OLIVEIRA, 2021, p. 11).

Diante desse percurso histórico entendemos que ao longo dos anos, os contos têm ganhado novas e diferentes versões. O fato de ter nascido na tradição oral permite que não se mantenha exatamente igual ao longo dos anos. É sabido que em algumas versões desse conto infantil é possível estar diante de uma história que traz essa personagem como a mãe biológica das crianças, no entanto, outras versões apresentam essa mulher como uma segunda esposa do pai, que havia falecido há algum tempo devido à fome.

Nessa conjuntura, é interessante refletirmos sobre essa leitura do ponto de vista social, pois mesmo sendo uma obra de ficção, o contexto social do abandono das crianças, decidido por parte da madrasta, é algo muito intenso ainda nos nossos dias. Conforme é colocado na narrativa, a ideia inicial é tomada a partir da esposa, que ressalta ao marido a necessidade de abandonar os filhos para não os ver à mercê da miséria e da fome que atingia aquela família. No diálogo entre o casal, percebemos o encaminhamento da proposta que é feita por ela:

Ouçã, marido, amanhã bem cedinho dê um pão às duas crianças e leve-as para o meio da floresta, onde a mata for mais espessa. Faça uma fogueira e vá embora deixando-as ali, porque não podemos mais alimentá-las. ‘Não, mulher’, disse ele, ‘não posso entregar meus próprios filhos queridos para serem devorados pelos animais selvagens da floresta’. (GRIMM, 2012, p. 85).

A partir da voz de ambos, o narrador nos coloca diante da motivação que desencadeia toda a narrativa: a fome. A fonte primeira que dá todo o direcionamento aos

fatos precedentes nesse conto, mas, ao mesmo tempo tão próxima do contexto de miséria que assolou a Idade Média e que causou tanta morte nas famílias que tinham poucas condições.

Destaca-se no conto que a personagem bruxa é tida como a personificação do mal. A bruxa é representada de forma estereotipada como uma velhinha que atraía crianças para matá-las. Conforme nos traz Tatar (2004, p.13), “a velha estava só fingindo ser bondosa. Na verdade, era uma bruxa malvada, que atacava criancinhas e havia construído a casa de pão só para atraí-las”. Assim, entende-se que

[...] as bruxas absorvem a herança das sibilas, magas e sacerdotisas, as quais consumaram seu mais alto êxito na cultura druídica ao lado das fadas que ideavam as cidades anglo-saxãs. Acentuaram-lhes a fealdade ao relacioná-las ao pecado; reduziram-nas à ponte emblemática entre o visível e o tenebroso, habitantes de um mundo intangível ou irreal, e a mera travessura da criação entre o humano e o sobrenatural, até diminuírem-nas à caricatura humanoide de Lúcifer. (ROBLES, 2019, p. 229).

Portanto, a senhora com sua casa atraente cheia de doces e guloseimas, usa a simbologia que a casa lança sobre as crianças para mantê-las confiantes de que estariam recorrendo ao refúgio diante do abandono e da fome, e que estariam finalmente seguras e alimentadas. A construção da personagem bruxa com características de que seria uma pessoa má se confirma no decorrer dos acontecimentos, pois, o narrador nos mostra que: “de repente, apareceu uma velhinha, dizendo: - Entrem, entrem, entrem, que lá dentro tem muito mais para vocês. Mas a velhinha era uma bruxa que os deixou comer bastante até cair no sono em confortáveis caminhas. (GRIMM, 2012, p. 87)”.

De acordo com as marcas textuais acima, percebemos que a mulher, cujas características são de uma senhora, é a representação, nessa narrativa, da ideia do mal, é a representação com base no arquétipo de bruxa como sendo velha e perversa. Ela é a relação representativa do caos social e das atitudes maldosas, é, por assim dizer, a não existência do bem através dos seus atos, de acordo com o que nos mostra a narrativa. Assim, verificamos que

As histórias populares, assim como os sonhos, expressam as preocupações do inconsciente em símbolos; o significado da figura da bruxa, como o de qualquer símbolo, varia com a história. Geralmente, porém, ela representa uma força natural elementar detentora de enormes e inesperados poderes contra os quais uma pessoa normal é incapaz de se preparar ou defender, uma força não necessariamente maléfica, mas tão alheia e remota ao mundo dos homens que constitui uma ameaça à ordem social, ética e até física do cosmo. (RUSSEL; ALEXANDER, 2019, p. 65).

Conforme pontuam Russel e Alexander (2019), é possível compreender que essa maneira de retratar a bruxa é muito antiga e que é provavelmente arquetípica. Na literatura e nos contos populares, em sua grande maioria, a bruxa é uma personagem que representa o mal. Por tal, é notório que por este motivo os leitores associem ao medo que ela causa, justamente por partir da tradição oral e as diferentes maneiras de se disseminar uma história popular.

Sabendo que muitas histórias infantis ganham novas versões ao longo dos anos, é importante ressaltamos que, de acordo com Coelho (2012), muitos contos foram contados com objetivo de causar medo e impactar crianças, em especial aquelas que precisavam ficar sozinhas em casa enquanto os pais saíam para o trabalho, que geralmente eram nas terras dos senhores feudais, cultivando a terra, muitas vezes sem pagamento, apenas em troca do acesso à própria moradia.

Em seguida tomamos como norte para essa análise reflexões a respeito das questões sociais que podem ser verificadas através da literatura infantojuvenil, precisamente nesse conto.

3.5.1 Monstros e monstrosidades: questões sociais em *João e Maria*

De acordo com nossa leitura, a presença da madrasta e da bruxa apresentadas no conto nos trazem reflexões sobre o que são os monstros e as monstrosidades que povoam a imaginação e o pensamento das crianças através da leitura e da contação das histórias, como os contos de fadas. Sabemos que a literatura infantil também nos apresenta aspectos e questões sociais, sobretudo que partem de um período histórico marcado por grandes perdas e inúmeros desafios.

Durante a Idade Média, muitas famílias enfrentaram situações desafiadoras, mulheres, homens e crianças vivenciaram um verdadeiro caos social. Os homens precisavam garantir o sustento através de um sistema econômico desigual, trabalhavam nas terras dos senhores feudais, muitas vezes em troca da terra para habitarem. As mulheres serviam aos maridos e aos senhores, eram donas de casa, camponesas, mães. Segundo Ariès (1981) as crianças foram consideradas como adultos em miniaturas e logo cedo foram inseridas a esse sistema de trabalho que nunca as colocava em situação de prestígio, mas sim confirmava a desigualdade existente na sociedade.

Nesse sentido, pode-se refletir e entender que em séculos passados, crianças eram expostas a atividades às quais não estavam aptas por serem crianças, pois não tinham/têm as habilidades comuns às pessoas adultas. O fator familiar era algo decisivo para o desenvolvimento de atividades laborais e domésticas, pois vendo a necessidade da família, os pais acabavam não encontrando uma saída e com isso inseriam precocemente os filhos no mundo do trabalho. Dessa maneira, compreendemos que

A criança, como vimos não estava ausente da Idade Média, ao menos a partir do século XIII, mas nunca era o modelo de um retrato, de um retrato de uma criança real, tal como ela aparecia em um determinado momento. (ARIÈS, 1981, p. 56).

Desde a infância o trabalho braçal era a garantia do sustento familiar; assim, este início ao mundo do trabalho e a necessidade de se posicionarem, era considerado como fator preponderante ao ciclo de estrutura familiar que se consolidava. No modelo patriarcal, criava-se as meninas para o casamento e para o lar e os meninos para o trabalho e o sustento das famílias. De acordo com Perrot (2017), logo cedo se estabelecia vínculos entre a menina e a religião, sobretudo a católica, pois elas eram educadas para cuidarem do lar.

Associamos essas questões sociais retratadas na narrativa ao contexto de fome que estava muito presente na época. A família das personagens principais (João e Maria) passava por um intenso período de entaves, e ainda que se trate de ficção e fantasia, a narrativa revela ao leitor uma verdadeira proximidade com o contexto de algumas famílias pobres que viveram durante a Idade Média, principalmente na Europa.

Assim, em meio a esta crise e sem poder suprir a necessidade de sua família, o pai e a madrasta procuraram uma alternativa que pudesse amenizar o problema. De acordo com Franco (1984), uma crise marcou o final da época medieval, a sociedade desse período foi afetada pelas doenças, como a peste negra, a fome, as guerras e também as rebeliões de servos que atingiram a maior parte do sistema feudal, que era a economia que vigorava nesse período.

Portanto, com a fome perdurando devido às questões sociais e econômicas, ocorreu o favorecimento e a propagação de epidemias, assim, cresceu o número de mortes. Sabe-se, então que

Por volta do fim do século XIV, a revolta do campesinato contra os senhores feudais havia se tornado constante, massiva e, frequentemente, armada. No entanto, a força organizativa que os camponeses demonstraram nesse período foi resultado de um longo conflito que, de um modo mais ou menos manifesto, atravessou toda a Idade Média. (FEDERICI, 2017, p. 54).

Nesse caso, muitas mudanças começaram a surgir, ocasionando cada vez mais fome e miséria devido ao contexto social de substituição que passaram a implantar nesse período. “A resolução mais importante do conflito entre senhores e servos foi a substituição dos servos laborais por um pagamento em dinheiro (arrendamentos em dinheiro, impostos em dinheiro) que colocava a relação feudal sobre uma base mais contratual” (FEDERICI, 2017, p. 60).

Isso, no entanto, contribuiu para o que logo chamaram de desintegração da aldeia feudal. Assim,

Para os camponeses abastados que, por possuir grandes extensões de terra, podiam ganhar dinheiro suficiente para, por exemplo, “comprar seu sangue”, e empregar outros trabalhadores, a substituição deve ter sido um grande passo no caminho até a independência econômica e pessoal, na mesma medida em que os senhores diminuíaam seu controle sobre os arrendatários quando eles já não dependiam diretamente de seu trabalho. (FEDERICI, 2017, p. 60-61).

Os camponeses, que eram menos favorecidos, passavam por uma intensa crise que afetava o sustento familiar, a partir de tal fato, o sistema econômico da época coloca as famílias em uma situação de desigualdade e de miséria. Desse modo, de acordo com a história, sabe-se que

Os camponeses mais pobres- que possuíam somente uns poucos acres de terra, apenas o suficiente para a sua sobrevivência- perderam até o pouco que tinham. Obrigados a pagar suas obrigações em dinheiro, contraíram dívidas crônicas, pegando emprestado da conta de colheitas futuras, um processo que terminou fazendo com que muitos perdessem suas terras. (FEDERICI, 2017, p. 61).

Portanto, além dos aspectos fantásticos, que nos levam ao entendimento de fuga da realidade, as histórias infantis também nos apresentaram um universo próximo à História, sobretudo ao realizarmos uma leitura pelo viés da sociocrítica, que nos permite a compreensão dessa proximidade entre a literatura e a sociedade é que conseguimos entender essa noção de Literatura e Sociedade, visto que uma não existe sem a outra. A literatura tem sido uma porta que nos leva a um mundo de conhecimentos, além de todo o prazer estético é possível que essa arte proporcione ao leitor informações que por tantos motivos foram silenciadas. De uma maneira simples, como as versões que temos atualmente dos contos de fadas, é compreensível o papel da literatura na formação e construção das sociedades, compreendendo desse modo a necessidade de buscarmos sempre valorizar a produção artística-literária.

No capítulo seguinte trazemos uma sequência didática, facilmente adaptável ao contexto de diferentes turmas do ensino médio, ou até mesmo para o ensino fundamental, levando sempre em conta a necessidade de contextualizar a relevância da temática. Nela, abordamos a necessidade de levar ao discente a conhecer e refletir sobre a personagem bruxa a partir das diferentes obras analisadas nessa dissertação. Promover o conhecimento através de estratégias que aproximam os estudantes da literatura por meio de outras ferramentas interativas, como o cinema, o teatro é fundamental para conseguirmos contribuir com a formação leitora dos protagonistas.

CAPÍTULO IV:

PROPONDO PRÁCTICAS FUTURAS

Diante da necessidade de pensarmos a prática pedagógica, neste capítulo trazemos uma sequência didática, que futuramente pode nortear aulas de literatura, particularmente, entendendo a urgência de refletirmos sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea.

A sequência didática é adaptável ao contexto de sala de aula do ensino básico, visamos contribuir com o ensino de literatura e sobretudo promover discussões a respeito da personagem bruxa na literatura. Vale ressaltarmos que

[...] Uma primeira estratégia é a ativação do conhecimento prévio que funciona como estratégia-base, pois é usada em todos os momentos de uma leitura e ajuda a realização das outras. Ativa o conhecimento prévio consiste em inserir o texto a ser lido a ser lido em um contexto. (COSSON, 2020, p. 117).

Assim, proporcionar e promover a literatura é garantir o acesso ao conhecimento de uma maneira dinâmica e prazerosa, fazendo com que o estudante possa se sentir parte desse processo, sobretudo permitindo que a literatura ultrapasse muros escolares.

Proporcionar ao estudante o contato com a obra de Maryse Condé a partir de uma respectiva prazerosa e atual é também refletir sobre o lugar da escrita de autoria feminina na escola. É fazer com que essa dissertação não adentre apenas os muros acadêmicos, mas também ultrapasse, levando o conhecimento para aqueles que podem fazer do futuro um lugar esperançoso e igualitário.

Desconstruir a ideia que arquetipicamente construímos ao longo dos anos sobre a mulher bruxa é poder pensar na figura feminina respeitando e conhecendo a sua História. Por isso, através da leitura dos contos *A Cartomante*, *Quem me deu foi a manhã*, iremos propor ao aprendiz um contato com os aspectos fantásticos e maravilhosos, mas também refletir sobre a relação entre a literatura e a sociedade, entender que além da proposta curricular do ensino de Literatura também é necessário repensarmos acerca da realidade dos educandos e da maneira como estes percebem a inserção do texto literário no cotidiano e nas vivências.

Com a leitura do conto *João e Maria*, conto que fez e faz parte das primeiras leituras de muitas gerações, podemos pensar na maneira como construímos desde criança nossa ideia e imagem a respeito da bruxa e com isso desconstruir a negatividade e a repulsa em torno de uma personagem que povoa a literatura infantil.

Desfazer o estereótipo de bruxa a partir da literatura nos permite entender a leitura como um espaço de ressignificação de ideias e reconstrução de expectativas, além de

enxergar nela as diferentes compreensões e sentidos, pretendidos e/ou construídos nessa íntima relação entre autor-obra-leitor.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA BÁSICA

Título da sequência: Desfazendo o estereótipo de bruxa a partir da literatura

- **TEMÁTICA: A construção ideológica da Bruxa**
- **APLICÁVEL:** Turma de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio
- **DURAÇÃO:** 11 encontros de 3 aulas.

- **MODALIDADE:** Ensino Presencial

- **CONTEÚDOS:**
 - Contos e Romance Histórico
 - Literatura e História: Idade Média e a caça às bruxas
- **Obras:**
 - *A Cartomante*, de Machado de Assis
 - *Quem me deu foi a manhã*, de Marina Colasanti
 - *Eu, Tituba, Bruxa Negra de Salem*, de Maryse Condé
 - *João e Maria*, dos Irmãos Grimm.

- **JUSTIFICATIVA:**

As aulas de literatura no ensino básico devem garantir que os estudantes mantenham contato com as mais diversas produções, por este motivo, entendemos que promover o texto, de maneira eficaz pode nos auxiliar no processo de formar novos leitores.

Muitas vezes é na escola que os jovens se identificam como leitores, pois, a partir do contato com a literatura em suas diversas manifestações, os estudantes percebem a relevância da leitura e do conhecimento que é conseqüentemente adquirido ao longo da sua formação.

Acreditamos na necessidade de promover um encontro com a leitura literária, uma vez que de acordo com Perrone-Moisés (2016) temos a literatura enquanto uma

ferramenta de conhecimento do outro e ao mesmo tempo uma ferramenta que promove autoconhecimento.

Dessa maneira, é enxergando a literatura como “um dos poucos exercícios de liberdade que ainda nos restam” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 37), que podemos propor atividades que envolvam uma temática emergente, precisa e sobretudo que promova um conhecimento que nos permite trilhar novos caminhos, desaguando em reflexões e experiências significativas e necessárias para a sociedade atual.

Nesta perspectiva, destacamos a importância de se trabalhar com a construção social da personagem bruxa na literatura, principalmente partindo de gêneros diferentes buscando associá-los com o ponto de vista temático. Neste viés, buscamos romper com a ideia tradicionalista de um ensino de literatura voltado para a apresentação de dados bibliográficos de autores e de épocas, pois acreditamos que dependendo de como este tipo de abordagem metodológica é feita, pouco contribui para a formação dos leitores.

Assim, o que buscamos com a construção desta sequência didática é poder contribuir para o “despertar do leitor”, pois, a abordagem centra-se no estudante enquanto um sujeito que se redescobre enquanto leitor, além disso, promovendo um conhecimento histórico e social.

Portanto, esta sequência didática básica, baseia-se na abordagem de Cosson (2018), para promovermos o conhecimento, leitura, dinamicidade, interação e sobretudo contribuir com a formação leitora dos aprendizes.

Para isto, faremos uso das etapas propostas por Cosson (2018), a fim de trabalharmos com os seguintes textos literários: *A Cartomante*, de Machado de Assis, *Quem me deu foi a manhã*, de Marina Colasanti, romance *Eu, Tituba, Bruxa Negra de Salem*, de Maryse Condé e o conto João e Maria, dos Irmãos Grimm.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Incentivar a leitura literária;
- Promover diálogo e conhecimento por meio da literatura;
- Contribuir com a formação leitora dos estudantes;
- Viabilizar novas práticas de ensino de literatura;
- Discutir a respeito da construção da personagem bruxa na literatura;
- Desfazer os estereótipos de bruxa;
- Conhecer a respeito da história das mulheres;

- Verificar a presença da mulher identificada como bruxa;
- Discutir sobre o feminismo decolonial;
- Entender os desafios que as mulheres negras vivenciam ao longo dos anos;
- Estabelecer uma relação entre a literatura e o cinema;
- Entender a relevância das teorias críticas feministas.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS:

- Aulas dialogadas;
- Dinâmicas interacionais e didáticas;
- Atividades individuais e coletivas;
- Aprendizagem cooperativa;
- Monitoramento de leitura;
- Associação de recursos tecnológicos no processo de aprendizagem.

- RECURSOS UTILIZADOS:

- *Google drive*;
- *WhatsApp*;
- Textos digitalizados;
- Textos impressos;
- E-mail;
- Notebook;
- Quizzes;
- Internet;
- *Padlet*;
- Redes sociais.

- AVALIAÇÃO:

- Assiduidade nas aulas semanais;
- Participação efetiva nas discussões propostas;
- Empenho na resolução das atividades requeridas;
- Avanços na habilidade de leitura e compreensão;
- Responsabilidade;
- Compromisso com as ações propostas.

1ª SEMANA - 3h/ aula**OBJETIVOS:**

- Verificar a presença da mulher identificada como bruxa;
- Promover uma aula dinâmica;
- Incentivar a leitura dramatizada;
- Impulsionar a participação em sala de aula.

Primeiro contanto com a temática:**MATERIAL UTILIZADO:**

- Material impresso;
- Lápis;
- Caderno.

1º MOMENTO:**Motivação: ERA UMA VEZ UMA BRUXA**

- Antes de apresentarmos a temática levaremos a música *Triste, Louca ou Má*, de Francisco el Hombre, presente no álbum cujo título é *Soltas bruxas*. Logo após questionaremos os estudantes o motivo da escolha da música, bem como se eles conseguem identificar o tema que norteará as próximas aulas.
- Logo após a discussão com os aprendizes a respeito da música, dando continuidade à etapa de motivação, apresentaremos a temática desta SD.
- Considerando neste momento a etapa de motivá-los a respeito da temática, temos como título desta motivação: Era uma vez uma bruxa, portanto, neste momento buscamos questionar os estudantes sobre a ideia que eles têm a respeito de uma bruxa, quais mulheres eles caracterizam como bruxa e por qual motivo eles fizeram este tipo de caracterização, além disso, buscamos entender quais bruxas eles conheceram a partir da literatura.

2º MOMENTO:**Introdução:**

- Atividade artística: Solicitaremos um desenho de como os estudantes acham que é/era uma bruxa. Discutiremos sobre a importância dessas mulheres e feito isso, lançaremos a seguinte pergunta: “O que é uma bruxa?”. Assim, esperamos que os estudantes reflitam sobre qual é a percepção que têm sobre uma bruxa.

3º MOMENTO:**Leitura:**

- Iniciaremos a leitura do romance *Eu, Tituba, Bruxa negra de Salem*. O livro é dividido em duas partes, ao todo são 15 capítulos, assim, enviaremos versões digitalizadas para os discentes, para que possam realizar a leitura também no contraturno. Nessa primeira aula, juntos realizaremos a leitura do capítulo 1.

2ª SEMANA - 3h/ aula**MATERIAL UTILIZADO:**

Texto impresso;
Material em PDF.

1º MOMENTO:**Motivação: “Caça às bruxas”**

- Iniciaremos esta aula discutindo sobre as caças às bruxas e questionando os estudantes sobre o que pode ter motivado este ato e em que período isso ocorreu.
- Verificaremos o horizonte de recepção, partindo da ideia que foi apontada na motivação da aula anterior: “Era uma vez uma bruxa”.

- Agora eles irão complementar esta frase, nesse caso, criando uma ideia alternativa acerca do que já foi apresentado sobre a personagem Tituba.
- Assim, nesta etapa, será explicitado aos aprendizes como elaborar um diário de leitura e um cronograma para situar a leitura do romance.
- Ainda nesta etapa, será compartilhada uma planilha de leitura, esta poderá ficar disponível para todos os estudantes em um arquivo no *google drive* criado para a turma.

2º MOMENTO:

Introdução:

- Exibiremos o 1º episódio da Série “Luna Nera”, como a série tem episódios relativamente curtos, teremos tempo para nos dedicarmos à leitura de um capítulo do romance “Eu Tituba, bruxa negra de Salem”.

3º MOMENTO:

Leitura:

- Leitura do 2º capítulo do romance.

4º MOMENTO:

Interpretação:

- Preenchimento do diário de leitura, em torno de 10 minutos.

3ª SEMANA - 3h/ aula

MATERIAL UTILIZADO:

- Material impresso;
- Material em PDF.

1º MOMENTO:

- Neste encontro, será solicitado que os estudantes assistam ao filme *Season of the Witch*.
- É uma produção americana, lançada em 2011, tem como protagonista o ator Nicolas Cage.
- Esta produção cinematográfica apresenta o contexto da caça às bruxas e é uma estratégia para chamar a atenção dos discentes para a temática que está sendo trabalhada, bem como promover uma discussão fundamentada tanto no filme, quanto na obra que os estudantes estão lendo.

2º MOMENTO:**Monitoramento da leitura**

- Como esperamos que todos os estudantes estejam em uma mesma parte da leitura, será passado um questionário através do formulário do *Google forms* para que os estudantes respondam como tem sido a experiência com a leitura do romance de Maryse Condé.

4ª SEMANA- 3h/ aula**MATERIAL UTILIZADO:**

- Quadro branco;
- Cartolina;
- Material Impresso;
- Lápis;
- Caderno.

1º MOMENTO:**Motivação:**

- **Diário de leitura:** Neste momento os estudantes irão compartilhar um pouco do andamento da leitura do romance e discutir a respeito da bruxa presente na obra, bem como abordar um pouco da expectativa com relação à obra.
- É importante frisar que a leitura deve ser continuada durante a semana e que todos os estudantes devem preencher o diário de leitura.

2º MOMENTO:

Leitura:

- Neste encontro daremos um maior foco para a leitura, assim, continuaremos com a leitura do romance para concluirmos os capítulos: 4, 5 e 6. (os capítulos 7, 8, 9 e 10 devem ser lidos em casa).

3º MOMENTO:

Círculo de debate:

- Nesta etapa, reservaremos um tempo ao final da aula para debatermos sobre o romance.
- Com isso, temos como objetivo um maior aprofundamento nas discussões e a promoção de um debate fundamentado na literatura que estão lendo e sobretudo na História de vida da personagem do romance.

5ª SEMANA - 3h/ aula

MATERIAL UTILIZADO:

- Cartolina;
- Material Impresso;
- Lápis;
- Caderno.

1º MOMENTO:

Motivação:

- **Inferências:** Daremos continuidade ao círculo de debate e buscaremos promover uma discussão sobre a história da protagonista, bem como trataremos de discutir sobre o feminismo decolonial com o intuito de contribuir com o conhecimento. Desse modo, entendemos que nossas aulas de literatura estarão sendo um espaço de troca de experiências, promoção de leitura e também de diálogo.

2º MOMENTO:

- Para fomentarmos as nossas discussões e concepções, exibiremos o filme *The Help*, produção americana de 2011, ele é baseado no livro de mesmo nome e conta a participação das atrizes Viola Davis e Octavia Spencer, protagonizando mulheres fortes que mostram uma parte da história das lutas e das conquistas femininas negras. O filme é ambientado em 1960, assim, buscaremos identificar as mudanças e os desafios que as mulheres negras vivenciaram, comparando também com os elementos que o romance de Maryse Condé também nos apresenta.

3º MOMENTO:

Interpretação:

- Preenchimento do diário: Compartilhar os sentimentos, as experiências e as vivências com a literatura, é uma tarefa que nos aproxima ainda mais do texto, assim, os estudantes serão instruídos a continuarem com o preenchimento desse diário para protagonizarem essa íntima experiência. Esse momento é fundamental, pois aproxima ainda mais o discente da produção literária e também das experiências vividas no ato de leitura.

6ª SEMANA- 3h/ aula

MATERIAL UTILIZADO:

- Computadores;
- Celular;

- Material impresso;
- Material em PDF.

1º MOMENTO:

Inferências:

- Promoção de uma discussão a respeito do papel da mulher na sociedade atual e sobre a questão das dificuldades impostas sobretudo às mulheres negras.
- Fazer uma relação com a discussão dos capítulos lidos em casa.

2º MOMENTO:

Leitura:

- Nesta etapa da aula nos reuniremos para finalizarmos a leitura do romance, o tempo de aula pode ser suficiente para a leitura dos últimos capítulos que faltam, tendo em vista que são curtos e é uma leitura agradável e bastante poética.

3º MOMENTO:

- Solicitar que em casa os estudantes façam o preenchimento do diário de leitura, descrevendo suas experiências com a leitura e garantindo que o conhecimento seja fixado e novas descobertas sejam possíveis.

7ª SEMANA- 3h/ aula

MATERIAL UTILIZADO:

- Computadores;
- Celular;
- Redes sociais;
- *Quizziz*;
- Material impresso;
- Material em PDF.

Motivação:**“Trago seu marido de volta em uma semana”**

- Neste momento da motivação daremos início a uma nova leitura, assim, um novo gênero será lido, que é o conto. Portanto, temos como atividade de motivação a seguinte:

Parte 1- Solicitar que os estudantes criem cartazes com o intuito de divulgar os serviços de uma cartomante. Com isso, buscaremos entender como os discentes percebem como uma cartomante é construída e vista socialmente.

Parte 2 - Através de uma breve apresentação, eles irão expor seus anúncios para a turma e assumirem o papel de cartomantes. Assim, trabalharemos aspectos voltados para a desenvoltura em sala, participação, interação e linguagem persuasiva, dramatização.

2º MOMENTO:**Introdução:**

Leitura: Iniciaremos a leitura do conto *A cartomante*, no entanto, com objetivo de trabalharmos a partir da estética da recepção, retiraremos o final do conto para verificarmos o horizonte de expectativas dos nossos estudantes.

3º MOMENTO:**Horizonte de recepção e expectativas:****Escrita:**

Espera-se que agora os estudantes possam criar finais alternativos para a história lida, assim, verificamos como eles darão norte ao conflito e como esse será resolvido. Nessa etapa além da estética da recepção também estaremos colocando em prática a relação entre literatura e sociedade, uma vez que o educando irá revisar os conhecimentos sociais, culturais e históricos para atribuírem uma ideia final ao conto machadiano.

8ª SEMANA- 3h/ aula**MATERIAL UTILIZADO:**

- Quadro branco;

- Material Impresso e em PDF;
- Caderno.

1º MOMENTO:

- Faremos nesta etapa o monitoramento da leitura.
 - Espera-se que os discentes leiam para a turma os finais alternativos que foram criados por eles e logo depois faremos a leitura do final original, buscando confrontar as ideias que eles tiveram sobre o final escrito pelo autor do conto.
 - Os estudantes compartilharão as experiências no diário de leitura.
- (Fica como sugestão a ampliação dessa aula para uma peça, com isso os estudantes serão protagonistas do conto, aprimorando a leitura dramatizada e também a participação em sala).

9ª SEMANA- 3h/ aula

MATERIAL UTILIZADO:

- Quadro branco;
- Material Impresso;
- Caderno;
- Material em PDF.

1º MOMENTO:

- Exibição do segundo episódio da série Luna Nera.

2º MOMENTO:

“O que a manhã me deu?”

- Iniciaremos a aula com a seguinte pergunta: **“O que a manhã me deu?”**
- Esperamos que os aprendizes possam responder sobre este questionamento e debater sobre a expectativa a respeito do conto que será lido, que será o conto “Quem me deu foi

a manhã”, de Marina Colasanti, espera-se que eles usem a criatividade para imaginar o que a “manhã” pode ter dado para alguém.

2º MOMENTO:

Introdução:

- Leitura compartilhada do conto *Quem me deu foi a manhã*, de Marina Colasanti.

3º MOMENTO:

Leitura:

- Comentaremos brevemente sobre a autora, o fato de estarmos realizando uma leitura de um conto. Questionaremos os estudantes para saber se já conheciam a autora, ou se já leram algum texto produzido por ela.

4º MOMENTO:

Interpretação:

- Nesta etapa, encaminhando para a finalização, assistiremos ao 3º episódio da série *Luna Nera*.
- Com isso, buscamos promover uma discussão sobre os textos lidos, além de gerar um debate sobre o que eles esperavam e o que aprenderam com a leitura dos textos literários.

10ª SEMANA- 3h/ aula.

MATERIAL UTILIZADO:

- Celular;
- Redes sociais;
- Material Impresso;
- Material em PDF.

1º MOMENTO:

Motivação:**“O que é uma bruxa?”**

- Após terem assistido às aulas anteriores, assistido aos filmes e aos capítulos da série, perguntaremos aos estudantes se eles continuam com a mesma visão do que é uma mulher bruxa. Logo depois iniciaremos a leitura do conto João e Maria.

2º MOMENTO:

- De volta à infância:
- Faremos uma aula a respeito das experiências que os estudantes tiveram quando eram crianças.
- É possível criamos um jogo com diferentes bruxas e seus feitos na literatura infantil e solicitar que os discentes relembrem de qual conto infantil elas fazem parte.

11ª SEMANA- 3h/ aula**- CULMINÂNCIA:****“BRUXAS NA LITERATURA: QUEM SÃO ESSAS MULHERES?”**

*** Neste momento faremos a culminância que será dividida em 2 etapas:**

- 1ª Etapa:**Apresentação de uma peça:**

- A peça tem como finalidade apresentar as personagens que os estudantes conheceram ao longo das aulas a partir das leituras realizadas.
- Com isso é importante reservar um momento para destacarmos a importância da literatura como uma ferramenta de conhecimento histórico.
- Debate sobre a construção da personagem bruxa tanto no romance de Maryse Condé, quanto nos contos lidos.

2ª Etapa:

- Exibiremos um vídeo de agradecimento contendo os melhores momentos das aulas durante as leituras e as apresentações dos discentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é constituída de reflexões e estudos acerca da história das mulheres, bem como sobre a construção do arquétipo de bruxa. Vimos que ao longo dos anos vivenciamos momentos de perdas, mas também de ganhos no que concerne às lutas feministas. Muitas mulheres estiveram a lutar em épocas passadas para que hoje essas linhas históricas alcancem outros leitores e façam com que reflitam sobre um passado desafiador, buscando moldar um novo presente e um futuro promissor.

De acordo Perrot (2017, p. 97), “escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil. Sua escritura ficava restrita ao domínio privado, à correspondência familiar.” Ainda conforme a autora, através do romance as mulheres ingressaram na literatura e atualmente muitas escritoras têm dado destaque a nossa história, sensibilizando através da escrita e fazendo ecoar nossas vozes.

Nessa dissertação não fazemos intervenção em sala de aula, diante do contexto pandêmico que assolou diversas sociedades, trazendo-nos grandes desafios. A educação precisou se reinventar para que nossos estudantes pudessem continuar aprendendo, no entanto, em vista da realidade que atingiu diversas escolas públicas brasileiras, bem como a estrutura social e econômica, sabemos que, infelizmente, alguns discentes não tiveram as mesmas oportunidades. Por este motivo, nossa pesquisa é bibliográfica e documental, desse modo, ela resultou em uma sequência didática básica, para que nossas reflexões possam ultrapassar os muros acadêmicos e adentrar às salas de aula, com o intuito de contribuir com o processo de formação de novos leitores.

Quanto às discussões sobre a bruxa na literatura, vimos que Tituba é uma personagem que representa de maneira muito verossímil a história da jovem que foi acusada de bruxaria em Salem. Além disso, essa personagem nos fez entender e confirmar o quanto a ideia de bruxaria está atrelada ao discurso religioso, conservador e patriarcal. Nesse sentido, conhecer a história da personagem de Maryse Condé e poder discutir sobre o lugar da mulher negra na sociedade, nos faz conhecedores das adversidades, da rejeição, da solidão e do julgamento que ainda hoje é visto. Por isso, a escrita Condé tem nos feito entender que o espaço dado a mulher ainda é um lugar de luta e resistência, de acordo com hooks, (2020) um esforço coletivo de porta em porta para espalhar a mensagem do feminismo é necessário para que o movimento se renove. Segundo Ribeiro (2020, p. 124) “muitas feministas negras pautam a questão da quebra do silêncio como primordial para a sobrevivência das mulheres negras”.

Assim como Carneiro (2019) pontua, as mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada e o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem

reconhecido como deveria, desse modo, ressaltamos que o efeito da opressão sofrida ainda reflete na construção identitária feminina dessas mulheres, por isso a literatura tem sido tão importante, porque tem dado voz aos discursos e às histórias de grandes mulheres, “numa sociedade como a brasileira, em que elementos arcaicos convivem com o processo de modernização, a educação representa um fator de pressão dos grupos subordinados, visando melhores condições de vida e a ascensão social”. (NASCIMENTO, 2019, p. 261).”

Assim, destacamos que “a defesa de uma linguagem das mulheres é, portanto, um gesto político que também carrega uma força emocional enorme. Mas, apesar de seu apelo unificador, o conceito de uma linguagem das mulheres está crivado de dificuldades”. (SHOWALTER, 1994, p. 38).

De acordo com Federici (2017) a caça às bruxas aparece raramente na história do proletariado e até os dias atuais continua sendo um dos fenômenos menos estudados no contexto mundial, considerando que a acusação de adoração ao demônio foi levada ao mundo pelos missionários como uma ferramenta para subjugação das camadas populares locais.

Ademais, vimos através da escrita de Machado de Assis, um autor canônico, mundialmente aclamado, a representação social da mulher cartomante em seu conto *A cartomante*. A escrita sob esse olhar masculino nos demonstra também o lugar da mulher representada pelas personagens Rita e a própria cartomante, duas mulheres em diferentes posições sociais, mas, segundo a narrativa podemos entender que ambas são julgadas, seriam as duas bruxas diante da sociedade patriarcal e conservadora. A primeira pela paixão e pelo envolvimento amoroso com o amigo do esposo; a segunda pelo estilo de vida e profissão, considerada como bruxa, colocada à margem e socialmente estigmatizada.

Em *Quem me deu foi a manhã* vimos que a protagonista inocentemente é acusada de ser bruxa, assim, a personagem vivenciaria, caso não fossem suas joias, um julgamento de bruxaria, tendo em vista que a aldeia a via como uma bruxa por ter muitos presentes sem que pudesse comprá-los. Assim, é possível “[...] supor que os arquétipos sejam as impressões gravadas pelas repetições de reações subjetivas” (JUNG, 1928, p. 61).

Já a representação das mulheres nos papéis da menina, da madrasta e da bruxa, em *João e Maria* nos traz um modelo estereotipado da mulher em suas diversas fases. As monstruosidades por meio da figura da bruxa, que arquetipicamente é construída como

uma mulher feia, velha e malvada revela ao leitor a maneira como o universo coletivo, na maioria das vezes, percebe e conhece uma bruxa.

A mulher considerada bruxa, na Idade Média, foi julgada e perseguida pela Igreja e pela sociedade, era acusada de realizar pactos com diabo e de profanar contra a religiosidade cristã que vigorava no período.

De acordo com a leitura crítica e social, o texto literário nasce de uma dada realidade, portanto, reconhecemos que as mulheres presentes no conto infantil podem ser frutos da sociedade e da maneira como foram vistas. Assim, dentro de uma perspectiva social de estudo do texto literário levando-se em consideração toda a historicidade que existe por trás do ato escrito, destacamos que o conhecimento não se limita a uma maneira unívoca de interpretação da obra.

As narrativas para crianças ainda que tenham caráter lúdico e sejam direcionadas a um determinado público nos despertam um olhar um crítico e questionador, fazem com que percebamos que a Literatura está relacionada mutuamente aos fatos sociais. Desse modo, percebemos que o texto literário está aberto a muitas e diferentes interpretações, e nossas interpretações concomitantemente podem estar relacionadas ao lugar social e histórico que ocupamos.

As bruxas e as monstruosidades ainda povoam a imaginação e o pensamento infantil, adquirindo ao longo tempo novas representações, elas são, portanto, parte fundamental das narrativas para crianças, e entender a maneira e o motivo pelo qual elas ressignificam as histórias infantis nos leva a uma história que também nos causa medo: a caça às bruxas, mas que ao mesmo tempo nos impulsiona ao descobrimento de questões muito importantes na construção da história das mulheres e conseqüentemente a desfazer esses estereótipos.

Reconhecemos, portanto, a necessidade de desfazermos os estereótipos que ao longo do tempo foram criados a respeito de quem é a bruxa. No contexto social é vista como uma mulher maligna e que faz pactos com diabo, demônios e propaga a maldade na sociedade. No contexto literário, na maioria das vezes é construída sob os arquétipos de senhora, feia, malvada e que cria poções, entre outros.

Vimos que a História nos conta que durante a Idade Média muitas mulheres foram julgadas e queimadas, grande parte delas acusadas pela Igreja Católica de cometerem crimes de heresia, culto e adoração ao diabo, assim, foram intituladas e consideradas bruxas. Essa denominação fez com que fosse criado um paradigma de inferioridade e

negatividade a respeito dessas mulheres, portanto, muitas vezes quando uma mulher é associada à bruxa, cria-se uma ideia de maldade e de repulsa.

Diante das nossas reflexões, compreendemos que é preciso resistir muito ainda para que a história das mulheres ultrapasse épocas. Esse trabalho resulta do desejo de fazer com que direitos femininos sejam validados e que as trajetórias sejam reconhecidas. Temos muitos caminhos a serem percorridos e é acreditando na educação como um lugar de fala e de múltiplas representações que a chama da esperança se renova.

É entendendo o potencial da literatura que faremos com que muitas bruxas sejam conhecidas, lidas e sobretudo, que essas bruxas escrevam suas histórias. Afinal: nem subalternizada nem guerreira natural: humana. Ainda que sejam caladas e negligenciadas, vozes se insurgem (RIBEIRO, 2020, p. 20).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada, literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Forno Bernadini. São Paulo: Editora FUCITEC, 1988.
- BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. *In*: BARTHES, Roland *et al.* (orgs.). **Análise estrutural da narrativa**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1976, p. 19-60.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As Deusas, as Bruxas e a Igreja: séculos de acrobacias**. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Ventos, 2001.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese**. São Paulo: Editora ATLAS, 2009.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 22 mai. 2020.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996**. São Paulo: Saraiva, 1996.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- CANDIDO, Antonio. **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades: uma dupla reavaliação. *In*: CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.
- COLASANTI, Marina. **23 Histórias de um viajante**. 1ªed. São Paulo: Global, 2005.
- COLASANTI, Marina. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. São Paulo: Global, 2015.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2014.
- COMPAGON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura pra quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba Bruxa negra de Salem**. Trad. Natalia Borges Polesso. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Trad. de Eliane Fittipaldi. São Paulo: Cultrix, 1988.
- ESCOREL, Sarah. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Trad. Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 895 p.
- GANCHO, Cândida V. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- GEVEHR, Luciano Daniel; SOUZA, Vera Lucia de. As mulheres e a Igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. **Revista Acadêmica Licencia&aturas**, Ivoti, v. 2, n. 1, p. 113-121, jan/jun. 2014.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Trad. Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JAUSS, Hans Robert. **Estética da Recepção**: colocações gerais. In: JAUSS, Hans Robert *et al.* (orgs.). **A literatura e o leitor**. Coord. e trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcio-lino. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lucia Pinho 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- JUNG, Carl G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Dora Mariana R. Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy .11. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- JUNG, Carl G. **A Natureza da Psique**: Carl Gustav Jung. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JUNG, Carl G. **Collected Works of C. G. Jung**. US: Princeton. Princeton University Press, 1977.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura, ontem, amanhã e hoje**. São Paulo: Unesp, 2018.

LEVACK, B. P. **A caça às bruxas**: na Europa no limiar da Idade Moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

LOPES, Ana Cristina M; REIS, Carlos. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MENON, Maurício Cesar. Da Bruxa na Literatura Brasileira do Século XIX. *In*: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 2008, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo, 2008, p. 1-9.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. **Portal Geledés**, Rio de Janeiro, 2019. Mulher negra, p. 259-264.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. Trad. Flávia Biroli. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2., p. 305-332, mai./ago. 2008.

OLIVEIRA, Lívia Maria de. **Negociando a narrativa da madrasta**: novas perspectivas para a vilã dos contos de fadas. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2021.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: Para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. **Escola e leitura**: Velha Crise, Novas Alternativas. São Paulo: Global Editora, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações Da Literatura no século XXI**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2019.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribdro. São Paulo: EDUSC, 2005.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RUSSEL, Jeffrey Burton; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. Trad. Álvaro Cabral e William Lagos. São Paulo: Editora Aleph, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de Gênero no Brasil atual. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, ano 2, p. 443-461, 1994.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Globalização e as Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, R. P.; MOITA, F. M. C.; CARVALHO, A. B. G. **Tecnologias digitais na educação**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 23-57, 1994.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TODOROV, Tzvetan, **A Literatura em Perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1939.

VÈRGES, Françoise. **Um Feminismo Decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989

APÊNDICE

AS BRUXAS NA SALA DE AULA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

- Contexto pandêmico e adaptação do projeto inicial

Este trabalho é resultado de estudo e de reflexões, discussões e questionamentos a respeito da construção ideológica da bruxa, sobretudo a sua representação no texto literário.

O projeto inicial desta pesquisa de mestrado contava com uma ação pedagógica em uma escola pública da rede estadual de ensino da Paraíba. No entanto, ressaltamos a necessidade de nos adaptarmos ao contexto social em que a sociedade vivenciava desde março de 2020, nesse sentido, realizamos algumas modificações necessárias para que fosse possível darmos continuidade ao estudo/pesquisa acerca da bruxa.

A pandemia do covid-19, infelizmente, tomou grandes proporções no Brasil, e no mundo, atingindo e afetando diretamente várias instâncias sociais, dentre elas a educação. Visando diminuir o contágio e a propagação do vírus, algumas atividades foram suspensas, como foi o caso das aulas presenciais, com ênfase à rede pública, visto que esta demorou bastante a retornar ao ensino presencial, passando dois anos em ensino remoto.

Uma alternativa para darmos continuidade aos nossos trajetos na educação e fazer com que os estudantes não ficassem sem o acesso ao conhecimento e ao ensino, conforme consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), foi usar as plataformas digitais como ferramenta pedagógica, desse modo, fizemos uso do *WhatsApp*, *Telegram*, *Google Meet*, *Google Forms*, com o objetivo promovermos o conhecimento e fazer com que este chegasse aos lares dos nossos estudantes.

De início tínhamos um bom número de discentes participando das atividades, tanto de forma assíncrona, quanto síncrona, todavia, percebendo o prolongamento da pandemia e os diversos fatores, econômicos, sociais, emocionais, familiares etc, o cenário foi dando espaço à evasão e cada vez mais estudantes ficavam sem acesso às aulas remotas. Nesse caso, pensando na realidade vigente resolvemos realizar ajustes em nosso projeto e repensarmos alguns dos objetivos para garantir de fato a essência da nossa pesquisa.

Nossa pesquisa então tornou-se documental e bibliográfica, e como eu estava atuando em de forma remota em uma escola da rede estadual, decidi que iria propor uma disciplina eletiva para os estudantes do ensino médio colocando em prática minhas reflexões e estudos da pesquisa do mestrado. A proposta foi muito acolhida e intitulei a disciplina como: “Cinema, bruxa e literatura”.

A disciplina eletiva no ensino médio da rede pública na Paraíba é parte do programa de educação integral e técnica, assim, esta compõe os itinerários formativos da parte diversificada do currículo escolar, o objetivo é tornar a aula interdisciplinar e dinâmica, além disso garantir que o discente aprenda a conhecer, aprenda a fazer, aprenda a conviver e também aprenda a ser. A escolha pela disciplina eletiva é realizada pelo estudante, que tem um “cardápio” de disciplinas e dentre elas ele pode optar por uma. O público é diverso, tendo em vista que podem ser matriculados os discentes de todas as séries e turmas do Ensino Médio que compõe a instituição de ensino, obedecendo ao o número de vagas que são ofertadas por cada disciplina.

- Projeto de ação pedagógica:

A Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba todos os anos lança o edital dos prêmios: Mestres da educação e Escola de valor. Esses prêmios são relativos à execução de projetos de pedagógicos na instituição em que professor faz parte. Nesse caso, o projeto pode ser realizado tanto nas disciplinas eletivas, quanto nas disciplinas regulares do currículo escolar. Desse modo, resolvi naquele momento, já que havia ofertado a disciplina sobre o estudo da personagem bruxa no cinema e na literatura, aplicar um projeto de ação pedagógica que formulei. O projeto criado teve por nome: *A história das mulheres bruxas através do cinema e da literatura: promovendo o protagonismo e a reflexão crítica dos educandos.*

Descritores trabalhados:

- **Língua Portuguesa:**
- **I - PRÁTICAS DE LEITURA**
- **II- IMPLICAÇÕES DO SUPORTE, DO GÊNERO E/OU DO ENUNCIADOR NA COMPREENSÃO DO TEXTO**
- **III -RELAÇÕES ENTRE TEXTOS**

- IV - COESÃO E COERÊNCIA
- V - RELAÇÕES ENTRE RECURSOS EXPRESSIVOS E EFEITOS DE SENTIDO/
- VI - VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

- Descritores:

- **D06** Localizar informação explícita em um texto.
- **D12** Identificar o gênero do texto.
- **D13** Identificar a finalidade de diferentes gêneros textuais
- **D21** Reconhecer o conflito gerador do enredo e os elementos de uma narrativa
- **D27** Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto.
- **D26** Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e/ou o interlocutor.

- Os descritores apontados acima, nos auxiliaram a compreender o processo de leitura e de escrita, bem como a identificação de aspectos de grande importância para a assimilação do texto literário. Basear as aulas e norteá-las a partir dos descritores é fundamental na realização de uma aula de leitura, uma vez que os discentes podem reconhecer no texto: conflito gerador, enredo, além de contribuir na compreensão dos elementos da narrativa. Por exemplo: na leitura do texto literário *Eu, Tituba, Bruxa negra de Salém*, o estudante, através do D12 conseguiu identificar o gênero do texto; a partir do D13 percebeu a finalidade de diferentes gêneros textuais; D21 reconheceu o conflito gerador do enredo e os elementos de uma narrativa, estes foram imprescindíveis no processo de atividades orais e escritas, sobretudo na leitura do conto *A cartomante*, de Machado de Assis.

- Utilizamos também dois descritores de matemática: o D71 e o D72

O “D71-, numa aula a respeito dos índices de feminicídios e taxas de violência contra a mulher, o discente pôde compreender informações apresentadas em tabelas e/ou gráficos” e o “D72 foi possível o aprendiz associar informações apresentadas em listas e/ou tabelas simples aos gráficos que as representam e vice-versa.”

- Habilidades de Língua Portuguesa:

H2- Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

H3- Inferir uma informação implícita em um texto.

H4- Identificar o tema de um texto.

H7- Identificar a finalidade de um texto, reconhecendo adequadamente os elementos que constituem o gênero e as condições de produção (literários e não literários).

H8- Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.

H10- Identificar relações de intertextualidade e interdiscursividade a partir da reescritura de frases, paródias e estilizações em textos.

- Justificativa do projeto MESTRES DA EDUCAÇÃO:

Consideramos importante que o indivíduo conheça e reflita sobre diversas ideias que nos norteiam e sobretudo as concepções formadoras da nossa identidade, assim, como a ideia de mulher bruxa, verificando isso na literatura, no cinema e nas artes. Partindo de tal pressuposto, bem como norte a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nº 9394/96, o ensino deve ser pautado em diversos princípios, dentre os quais podemos salientar o acesso à cultura, a História, a Literatura. Assim, esse projeto justifica-se pela necessidade de levar o estudante a refletir sobre a história, a cultura, a literatura e arte, bem como os diferentes meios de veiculação dessas, além de poder promover o conhecimento sobre a história das mulheres, verificando isso através da literatura e do cinema.

Portanto, é de grande valia promovermos a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, além disso, fazer com que o discente reconheça as lutas enfrentadas e perceba aspectos éticos que envolvem respeito, compreensão do outro e sobretudo para que possamos contribuir positivamente na construção do projeto de vida dos aprendizes, uma vez que é de extrema importância para o desenvolvimento das experiências e das vivências em sociedade.

PROJETO: A HISTÓRIA DAS MULHERES BRUXAS ATRAVÉS DO CINEMA E DA LITERATURA: PROMOVEDO O PROTAGONISMO E A REFLEXÃO CRÍTICA DOS EDUCANDOS.

OBJETIVOS:

-Objetivo geral:

Promover o conhecimento de maneira interdisciplinar; com isso levar os estudantes a refletirem sobre a construção da personagem bruxa na literatura e no cinema, bem como compreender sobre a história da mulher na sociedade.

-Objetivos específicos:

- a- Refletir sobre a história das mulheres
- b- Desenvolver o protagonismo por meio das ações cotidianas
- c- Aprender sobre a construção da identidade feminina a partir da arte cinematográfica.
- d- Promover a leitura literária a partir de obras que ressaltam a história da mulher bruxa

- Desenvolvimento:

O projeto pedagógico *A história das mulheres bruxas através do cinema e da literatura: promovendo o protagonismo e a reflexão crítica dos educandos*, conforme já mencionado nesse relato, foi desenvolvido na disciplina eletiva *Bruxa, Cinema e Literatura*, desse modo, como o projeto inicial dessa dissertação passou por modificações e não iríamos fazer a pesquisa em sala de aula, com o objetivo de propor novas discussões e darmos continuidade ao estudo do tema da pesquisa, resolvemos ajustar a sequência didática e modificar as ações para que fosse possível aplica-la no ensino remoto.

Nesse sentido, não teríamos a mesma quantidade de estudantes que o ensino presencial, mas considerei de relevante apresentá-los um pouco da história da bruxa, tanto no contexto social, quanto na literatura e conseqüentemente contribuir com a formação leitora e sobretudo social dos discentes. Vale destacar que a aplicação da sequência didática e as nossas leituras em sala não consolidaram dados para esta dissertação, assim, ressalto aqui apenas um relato de uma experiência em caráter subjetivo da minha prática pedagógica.

Sabendo que naquele momento seria preciso reinventarmos nossas aulas para que elas pudessem ocorrer de maneira significativa tanto para o professor, quanto para o discente, unimos as nossas estratégias com o que tínhamos no momento, que eram as

redes sociais e as plataformas do *google* para ministrarmos as nossas aulas. Através das plataformas digitais, bem como as plataformas de *streaming*, como a *Netflix*, *Disney Plus*, e *Prime Video*, exibirmos séries e vídeos que estavam no plano de aula desse projeto.

A disciplina teve duração de um semestre, com duas aulas por semana. Os integrantes eram estudantes do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio da rede pública, no total, tínhamos em torno de 30 participantes matriculados na disciplina, no entanto, devido ao contexto pandêmico e à escassez de recursos, alguns não conseguiam participar toda semana de forma síncrona, trazendo-nos um número médio entre 23 e 25 educandos.

Com a experiência da disciplina e da aplicação do projeto mestres da educação, ficou muito claro, naquele contexto, o quanto a literatura é capaz de promover diferentes experiências aos diferentes leitores, tendo em vista que os estudantes são capazes de relacionar conhecimentos diversos e inseri-los no cotidiano e nas suas vivências.

Diante do cenário que estávamos inseridos, o ato de se reinventar para que a educação continuasse transformando vidas é um ato de coragem, como já dizia Paulo Freire, bem como um ato de responsabilidade e amor à profissão e do ser professor. Não foi um período fácil para ninguém, foi necessário muita empatia e resiliência para entender as diferentes realidades e questões sociais e emocionais que nos invadiam enquanto víamos o mundo sucumbindo ao vírus. É preciso que em um momento tão atípico, o educador seja capaz de transformar a sua prática pedagógica para que o conhecimento e aprendizagem continuem chegando aos nossos estudantes, visto que foram tantas situações adversas.

Assim, nesses tempos de pandemia, a criação de possibilidades, sobretudo com o uso das redes sociais e dos jogos digitais funcionaram como ferramenta pedagógica, um uso consciente com o objetivo de facilitar o processo de aprendizagem e a busca de conhecimento. As aulas no *googlemeet* promoveram socialização e desenvolvimento, tanto do processo de aprendizagem, quanto dos aspectos que concernem às vivências, consideramos necessário o desenvolvimento de um trabalho que pudesse promover a participação dos aprendizes, em uma atividade que está intimamente ligada ao cotidiano, que é o uso das tecnologias, a exibição de filmes e até mesmo os livros em formatos digitais.

Utilizamos as redes sociais para facilitar e promover as aprendizagens, bem como também usamos grupos no *WhastApp*, *e-mail*, *google* sala de aula e também plataformas de jogos interativos como o *quizzes.com*.

No que se refere às etapas de desenvolvimento do projeto Mestres da educação 2021, ocorreu da seguinte forma:

Inicialmente:

1ª fase: exibição do filme *Caça às Bruxas*, lançado em 2011, nos Estados Unidos. O filme aborda com suspense, drama e fantasia, a temática da caça às bruxas no século XIV, usamos como uma atividade de motivação.

2ª fase: Leitura de capítulos do romance histórico *Eu, Tituba, Bruxa negra de Salém*, intercalados com alguns episódios da Série *Luna Nera*, uma produção Italiana, que a primeira temporada chegou à plataforma de streaming *Netflix* em 2020, levando-nos ao século XVII. A série exibe a história de mulheres que eram acusadas de bruxaria e por isso acabavam sendo perseguidas, uma vez que não eram aceitas pela sociedade da época. Na sequência o foco foi a leitura dos contos: *A cartomante*, de Machado de Assis e *Quem me deu foi a manhã*, de Marina Colasanti.

3ª Fase: Socialização das experiências com o texto literário; realizamos oficinas de partilha literária, o foco era permitir que o discente refletisse a respeito das temáticas das obras lidas e percebessem a construção da história da bruxa na literatura, para isso, fizemos uso de meios digitais para a ampliação do conhecimento. Também realizamos uma roda de conversas sobre a ideia que o aprendiz já havia construído sobre as bruxas e a ressignificação do pensamento após as leituras e a exibição de alguns episódios da série *Luna Nera*, tudo isso de forma on-line através do *googlemeet*.

4ª Fase: Culminância do projeto: Os protagonistas fizeram vídeos nas plataformas digitais como *Instagram* e *Tik Tok*. Logo depois fizemos um momento para a exposição desses vídeos para toda a comunidade escolar.

-Resultados:

Tivemos uma participação muito positiva, interação e comprometimento dos discentes envolvidos no projeto. Os estudantes fizeram vídeos e apresentaram suas percepções a respeito dos textos lidos e também sobre a história que conheceram sobre a bruxa. Foi uma partilha muito rica e era possível perceber o quanto eles estavam empolgados com as apresentações e com os materiais produzidos, além disso, vimos o quanto foram protagonistas e autônomos quando propormos a culminância desse projeto, pois eles se dispuseram a gravar, editar explicar sobre os vídeos que fizeram.

Quando as atividades do projeto foram encerradas os estudantes sugeriam a exibição de outros filmes e séries, inclusive conseguimos exibir a série da Marvel *Wandavision*, uma produção americana, exibida na plataforma do *Disneyplus*. Dentre tantas temáticas abordadas na série como por exemplo o luto e as questões fantásticas, há também assuntos familiares. Além disso, vimos que a história central também aborda e nos traz personagens bruxas, como Agatha que veio de Salem- Massachusetts, pois havia identificado uma irregularidade mágica que teria sido provocada pela personagem protagonista Wanda.

Ao final do ano nosso projeto foi contemplado como o prêmio Mestres da educação pela Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia- SEECT-PB.

Desse modo, a aplicação e desenvolvimento das ações desse projeto nos colocou mais próximo dos nossos estudos e sobretudo, nos faz entender que a ciência e o conhecimento produzido nas universidades chegam aos estudantes, por tal, fizemos ajustes em nossa sequência didática, que compõe o 4º capítulo dessa dissertação e a colocamos como uma ferramenta que nos auxilia na prática pedagógica, sobretudo quando adaptada à realidade daqueles que estão inseridos no processo de ensino e aprendizagem.

-Cronograma

O projeto Mestres da educação inicialmente foi apresentado à comunidade escolar e aos estudantes das turmas de 1º, 2º e 3º anos da unidade escolar na qual ele foi desenvolvido, apresentamos nossos objetivos e justificativas para a aplicação e vimos que ele foi bem aceito, tanto pela gestão e coordenação, quanto pelos estudantes da instituição.

Estas foram as fases e etapas de desenvolvimento das ações pedagógicas:

ETAPAS	2021						4ºBimestre
	1ºBimestre		2ºBimestre		3ºBimestre		
1. Elaboração de Projeto Mestres da educação	x	x					
2. Apresentação do projeto de ação pedagógica à escola	x	x					
3. Execução das atividades propostas	x	x	x	x	x		
4. Escrita do Relatório					x	x	
5. Socialização dos Resultados						x	
6-. Resultado da premiação							x

A prática pedagógica nos aproxima dos nossos estudantes, vivenciar um período pandêmico que nos pegou de surpresa, nos trouxe muitos desafios e questionamentos, por isso, ressignificar a maneira como enxergamos nossos estudantes e como poderíamos fazer com que o estudava na universidade fizesse sentindo tanto para minha vida profissional e pessoal, quanto para os meus discentes foi fundamental para que eu continuasse ainda tendo esperança na educação e nesse lugar que eu escolhi para a vida.

Durante a minha trajetória escolar e acadêmica diversos professores marcaram a minha construção enquanto discente e também professora, continuar acreditando na educação me abre os olhos todos os dias para os caminhos já trilhados até aqui e também para a longa estrada que ainda me espera.